

65 A posição dos pronomes pessoais clíticos

Nesta primeira parte, introduzem-se as questões mais importantes que se colocam relativamente à sintaxe dos pronomes clíticos. As questões aqui identificadas serão desenvolvidas a partir da secção 65.1, à excepção dos aspectos abordados nos dois últimos pontos desta introdução (que são, de certo modo, marginais ao tema do capítulo).

A descrição da colocação dos pronomes clíticos na variedade padrão do português europeu, apresentada neste capítulo, será suportada em larga medida por exemplos extraídos de textos literários integrados no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC)¹. Os exemplos com outra origem apresentam-se também devidamente referenciados².

- O que é um clítico? A especificidade dos pronomes pessoais clíticos

No capítulo 18, mostrou-se que os itens lexicais se organizam numa tipologia morfológica contendo três categorias: palavra, afixo e clítico (o último, designado tradicionalmente por “palavra átona”). Um clítico foi definido como um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras; cf. Caps. 11 e 14), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos).

A ausência de acento de palavra faz com que o clítico dependa necessariamente de uma palavra adjacente acentuada. A esta palavra à qual o clítico se liga chama-se **palavra hospedeira** ou, simplesmente, **hospedeiro** do clítico. Ao processo de ligação do clítico ao seu hospedeiro, chama-se **cliticização**. Embora prosodicamente dependente (de uma palavra acentuada), o clítico goza de autonomia no plano morfológico (por oposição aos afixos, presos a uma base).

Muitos dos pronomes pessoais complemento do português (nomeadamente, *o, a, os, as, lhe, lhes, se, me, te, nos, vos*) são clíticos, pois não constituem por si próprios uma unidade fonológica associada a um acento (i.e., uma “palavra prosódica”). Além destes pronomes (tradicionalmente designados por “pronomes pessoais átonos”), são também formas clíticas no português outros itens lexicais, nomeadamente os artigos definidos, os pronomes interrogativos *que* e *porque*, o pronome relativo *que*, as conjunções *que, se, mas, e, ou*, as preposições *de, para, por, com, em* e o quantificador *cada* (cf. Vigário 2003:175ss). Todas estas formas sem acento próprio necessitam de cliticizar a uma palavra adjacente acentuada por forma a tornarem-se parte de uma palavra prosódica. A sequência que resulta da cliticização, ou seja, a unidade formada pelo clítico e o seu hospedeiro (por exemplo, numa frase como *o livro é meu*, a sequência *o + livro*) é uma nova palavra do ponto de vista da fonologia, na medida em que é uma unidade fonológica que contém um e um só acento de palavra (o mesmo da palavra hospedeira original). A cliticização é uma operação necessária, porque, do ponto de vista da fonologia, qualquer item lexical integrado numa frase tem de pertencer a uma palavra prosódica, ou seja, a uma unidade fonológica acentuada.

A maior parte dos clíticos do português cliticizam à palavra acentuada que ocorre imediatamente à sua direita (como acontece com o artigo definido *o* no sintagma nominal *o livro*), sendo, portanto, **proclíticos**. Os pronomes pessoais apresentam um comportamento particular entre as formas clíticas, o que motiva a sua classificação como “clíticos especiais”. Diferentemente dos restantes clíticos, são ora proclíticos à palavra lexicalmente acentuada que os segue (*quero que me digas isso*) ora **enclíticos** à palavra que os precede (*diz-me lá*), sendo a direcção de cliticização que apresentam condicionada por factores gramaticais do nível frásico (como, por exemplo, o facto de a oração em que ocorrem ser subordinada ou principal, conforme mostram os exemplos precedentes). Outra especificidade dos pronomes pessoais clíticos do português é a de

¹ Incluem-se também alguns (raros) exemplos retirados do *subcorpus* PF de registos de fala do CRPC.

² Sem referência aparecerão, naturalmente, os exemplos construídos, que têm igualmente lugar neste capítulo.

seleccionarem a categoria gramatical do seu hospedeiro, que é, em geral, o verbo³. Recebem, por isso, a designação de **clíticos verbais** (cf. *dei-lhe um livro ontem* vs. **dei um livro lhe ontem* ou **dei um livro ontem lhe*). Às condições estruturais do domínio da frase que determinam a colocação pré-verbal ou pós-verbal dos pronomes clíticos acresce uma condição morfológica: quando têm como hospedeiro uma forma verbal do futuro ou do condicional, estes pronomes podem ser **mesoclíticos**, ocorrendo então numa posição interna ao verbo (*dir-me-ás depois*).

Neste capítulo da Gramática explicitam-se os factores que determinam a próclise, a ênclise ou a mesóclise dos pronomes pessoais clíticos na variedade padrão europeia do português.

- Identificação dos pronomes pessoais do português (clíticos e não clíticos)

Considerando a função gramatical que desempenham numa oração (de sujeito, complemento directo, complemento indirecto, entre outras), os pronomes pessoais podem ser classificados como mostra o Quadro 1. Os termos “nominativo”, “acusativo” e “dativo” são usados com base nas distinções casuais associadas aos nomes (e seus modificadores) que desempenhavam estas funções em latim. Estas designações “casuais” são comuns na tradição gramatical para distinguir entre si os pronomes pessoais, mesmo em línguas sem flexão casual para os nomes (como o português), precisamente porque a forma dos pronomes pessoais é sensível à sua função gramatical⁴. No quadro abaixo incluem-se todos os pronomes pessoais átonos (clíticos) do português, a par dos pronomes pessoais tónicos. Os primeiros, ou seja, os pronomes clíticos, serão o objecto de estudo deste capítulo.

	Formas átonas (clíticas)			Formas tónicas		
	Acusativo (complemento directo)	Dativo (complemento Indirecto)	Nominativo (sujeito)	Nominativo (sujeito)	Acusativo (complemento directo)	Oblíquo (complemento preposicionado)
1sg	me	me		eu		mim, comigo
1pl	nos	nos		nós, a gente	a gente	nós, connosco a gente
2sg	te	te		tu, você		ti, contigo você, si, consigo
2pl	vos	vos		vós, vocês		vós, convosco vocês
3sg	o, a, se	lhe	se (impess.)	ele, ela		ele, ela si, consigo
3pl	os, as, se	lhes		eles, elas		eles, elas

Quadro 1 – Pronomes pessoais

³ Outras opções registam-se marginalmente (cf. 65.9 e o Cap. 14).

⁴ Há, no entanto, casos de isomorfismo, como, por exemplo, entre as 1.^a e 2.^a pessoas do Acusativo e do Dativo.

o Quebra da adjacência entre o clítico e o verbo (**interpolação**)

Sendo clíticos verbais, os pronomes pessoais ocorrem normalmente adjacentes ao verbo. No entanto, o marcador de negação frásica (*não*) pode, opcionalmente, interromper a continuidade entre um clítico pré-verbal e o verbo:

- (1) a. O que ele *lhe não* terá dito! [interpolação de *não*]
b. O que ele *não* *lhe* terá dito!

Esta situação de **interpolação** (de um constituinte entre o clítico e o verbo) tem um âmbito muito restrito no português padrão contemporâneo, ainda que fosse muito comum no português antigo. Diferentes variedades dialectais do português admitem, contemporaneamente, a interpolação de pronomes e advérbios de natureza dêictica⁵ (*isso já me ele tinha dito, nunca nos cá vens ver*), além da interpolação de *não*, que partilham com o português padrão⁶. Mas nenhum dialecto conservou a interpolação generalizada do português antigo, visível numa frase como *se nos Deus entõ a morte nõ deu*⁷.

o Clíticos associados a verbos de que não são complemento (“**subida do clítico**”)

Nas frases finitas, os pronomes clíticos cliticizam ao verbo de que são complemento. Assim, por exemplo, quer na frase *ela pediu-me um livro para ler* quer na frase *ela não me pediu um livro para ler* (ou seja, quer ocorra ênclise quer próclise), o pronome clítico *me* liga-se à forma verbal *pediu* porque é o seu complemento indirecto. Da mesma forma, na frase complexa *quero que ela me peça um livro para ler*, o pronome *me* liga-se à forma verbal *peça* (visto que é o seu complemento indirecto), e não à forma do verbo *querer* (cf. **quero-me que ela peça um livro para ler*), visto que o pronome não é complemento do verbo *querer*.

Em algumas estruturas completivas infinitivas, que se identificarão neste capítulo, no entanto, o clítico pode ter como hospedeiro quer o verbo infinitivo de que é complemento (*queres dar-me o livro ou não?*) quer o verbo finito que selecciona a oração completiva infinitiva (*queres-me dar o livro ou não?*). Nesta segunda situação, o clítico não cliticiza ao verbo na forma infinitiva do qual depende sintáctica e semanticamente (sendo o seu complemento indirecto e argumento interno), ligando-se antes ao verbo que selecciona a oração infinitiva. Utilizando uma linguagem metafórica, em linguística chama-se a este fenómeno **subida do clítico**, porque o clítico como que “sobe” da forma verbal infinitiva da oração subordinada para a forma verbal da qual depende a oração subordinada (cf. Caps. 47 e 57).

As configurações de subida do clítico são obrigatórias, e já não opcionais, nas perífrases verbais com gerúndio e com participio passado (*ia-lhes oferecendo alpista até ganharem confiança e tinha-lhes dado alpista durante um mês quando se atreveram a aproximar-se*) – vs. *??ia oferecendo-lhes alpista até ganharem confiança* ou **tinha dado-lhes alpista durante um mês quando se atreveram a aproximar-se*, apesar de nestas frases os pronomes clíticos serem complemento, respectivamente, de *oferecer* e de *dar*. Na ausência de um verbo finito, os pronomes clíticos associam-se ao gerúndio nas orações gerundivas (*tendo conquistado o melro, passou aos pardais* vs. *tendo-o conquistado, passou aos pardais*), mas não ocorrem nas orações participiais (*conquistado o melro, passou aos pardais* vs. **conquistado-o, passou aos pardais*). Este contraste entre orações gerundivas e participiais resulta do facto de, no português europeu, as for-

⁵ Veja-se Magro (2007) para uma identificação completa dos elementos que podem ser interpolados entre o clítico e o verbo nos actuais dialectos do português europeu.

⁶ Deve esclarecer-se que a interpolação do marcador de negação frásica (*não*), ainda que acolhida pela norma, já não é hoje uma opção gramatical para todos os falantes do português.

⁷ In José Joaquim Nunes (1932). *Cantigas de Amor dos Trovadores Galego-Portugueses*. Lisboa. Centro do Livro Brasileiro. [p. 225; texto 119].

mas de participio passado não se qualificarem como hospedeiros apropriados dos pronomes clíticos⁸.

o Grupos clíticos

Quando, numa mesma oração, ocorre mais do que um pronome pessoal complemento, estes formam um **grupo clítico**, que se caracteriza pela inseparabilidade dos elementos que o constituem. Assim, a uma frase como *vou devolver o livro ao António* corresponde *vou devolver-lho*, em que os dois clíticos, *lhe* (dativo) e *o* (acusativo) formam o grupo *lho*⁹. Essa coesão dos grupos clíticos pode ser testada nos domínios infinitivos que admitem variação entre próclise e ênclise. A separação entre dois pronomes clíticos complemento de um mesmo verbo infinitivo, obtida colocando um deles em próclise e o outro em ênclise, não é permitida. Assim, *tenho de lho devolver* e *tenho de devolver-lho* são ambas frases gramaticais, mas **tenho de lhe devolvê-lo* ou **tenho de o devolver-lhe* não são opções permitidas pela gramática do português, embora sejam possíveis *tenho de lhe devolver o livro* e *tenho de devolvê-lo ao António*.

As configurações de subida dos clíticos, na medida em que envolvem duas orações, cada uma das quais constitui um domínio potencial de cliticização (isto é, de formação do complexo clítico + hospedeiro ou hospedeiro + clítico), tornam possível que não se forme um grupo clítico. Nestas configurações, ou se verifica a subida conjunta dos pronomes complemento da oração infinitiva (*vou-lho já devolver*) ou a sua permanência dentro da oração infinitiva (*vou já devolver-lho*), ou pode ainda não se formar o grupo clítico, cliticizando um dos clíticos ao verbo finito e o outro ao verbo infinitivo (*vou-lhe já devolvê-lo*). Esta última opção, embora não seja consensualmente aceite como normativa, regista-se quer em *corpora* de língua falada quer de língua escrita, como no seguinte exemplo:

(2) e, agora que a aceitei e aqui estou, posso-te dizê-lo sinceramente. (M. S. Tavares, *Equador*)

Dentro dos grupos clíticos, os pronomes pessoais apresentam uma ordem fixa. O pronome *se* precede sempre qualquer outro pronome clítico e, por sua vez, um pronome clítico dativo precede sempre um clítico acusativo. A ordem *se* + clítico dativo + clítico acusativo é ilustrada pelas frases que se seguem:

- (3) a. Histórias de lobisomens, ouvia-se-lhas vezes sem conta. [*se* + dat. + ac.]
b. Conta-mas. [dat. + ac.]
c. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. [*se* + dat.]
d. A boca abriu-se-te de espanto. [*se* + dat.]

Como mostram os exemplos em (3), um grupo clítico pode ser constituído por três elementos (*se* + dativo + acusativo, como em (3a)) ou apenas por dois (seja dativo + acusativo, como em (3b), seja *se* + dativo, como em (3c,d)). Não é, no entanto, permitida a formação de um grupo clítico constituído por **se* + acusativo, como mostra a impossibilidade de frases como: **pinta-se-a de azul*, **ouve-se-os gritar o tempo todo*, **cura-se-te com banhos de mar*, **penteia-se-te com tranças*, **engana-se-vos facilmente*¹⁰.

⁸ No português brasileiro, a cliticização ao participio passado é possível desde que este seja parte de uma perífrase verbal (cf. Cap.47). Nas perífrases verbais com participio passado bem como nas perífrases verbais com gerúndio, os pronomes átonos cliticizam, em próclise, à forma não finita do verbo:

- (i) a. Ela não tinha [*lhe apresentado*] o amigo. [português brasileiro]
b. Ela não estava [*lhe dando*] atenção. [português brasileiro]

⁹ Note-se que o grupo clítico não reproduz a ordem dos constituintes plenos que os clíticos substituem, a qual é normalmente complemento directo (i.e., acusativo) + complemento indirecto (i.e., dativo) – como na frase *vou devolver [o livro]_{ACUSATIVO} [ao António]_{DATIVO}*.

¹⁰ Existem, no entanto, dialectos portugueses (meridionais e insulares) que permitem que se combinem num grupo clítico *se* e um pronome acusativo de terceira pessoa. Os exemplos a seguir apontados foram extraídos do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN):

- (i) a. Em sendo para a latada, deixa-se-a crescer (CORDIAL-SIN, Porto Santo, Madeira)

A ordem relativa que se observa nos grupos clíticos é igualmente visível nos casos em que há separação entre os clíticos originados num mesmo domínio oracional em consequência da subida de um deles. Assim, como vimos acima, *vou-lhe já devolvê-lo* é uma frase possível; pelo contrário, **vou-o já devolver-lhe* não é uma opção gramatical por a ordem dos clíticos ser, neste caso, acusativo + dativo em vez da ordem normal dativo + acusativo.

Os pronomes de primeira e segunda pessoa, que não apresentam formas morfofonologicamente distintas para o acusativo e o dativo, não podem formar entre si grupos clíticos. Por isso, a sua co-ocorrência numa mesma oração não é permitida. Assim, a partir de *entreguei-me completamente a ti* não é possível obter **entreguei-me-te completamente*, com o clítico *te* (dativo) substituindo a forma pronominal forte *ti*, complemento da preposição *a*. O mesmo se pode dizer de **entregámo-nos-vos*, a partir de *entregámo-nos a vocês* (e de todos os casos semelhantes). Por fim, não é permitida a co-ocorrência de dois pronomes clíticos com idêntica realização fonológica (*apresentei-me a mim próprio* vs. **apresentei-me(dativo)-me(acusativo)*¹¹; – *E se ela estiver grávida?* – *A gente casa-se* vs. – **casa-se(recíproco)-se(impessoal)*)¹².

Nas configurações de subida do clítico, a ausência de formação de um grupo clítico torna possível a coexistência de clíticos que não são agrupáveis, como acontece com o par *se* + clítico acusativo (**desmonta-se-o* vs. *vai-se já desmontá-lo*).

o Redobro do clítico

Por não terem acento próprio, os pronomes clíticos são excluídos de certas posições na estrutura da frase que se caracterizam por serem prosodicamente fortes, exigindo a presença de unidades acentuadas.

Quando se põe em relevo um constituinte frásico, recorrendo a estratégias como a focalização contrastiva (cf. Cap. 63), esse constituinte tem de corresponder a uma unidade prosódica (*nasceu um dente ao Pedro, não à Maria*). Carecendo de acento, um pronome clítico não pode ser o constituinte posto em relevo nas estruturas que envolvem focalização contrastiva (**nasceu-lhe um dente, não à Maria*). Nestas estruturas, um constituinte pronominal que seja semanticamente um foco contrastivo aparecerá realizado por dois elementos: um clítico (acusativo ou dativo) e um pronome forte, com os mesmos traços de pessoa e número que o clítico, precedido da preposição *a* (*nasceu-lhe um dente a ele, não à Maria*). O clítico e o pronome forte a ele associado realizam um único argumento verbal, desempenhando a forma forte, no plano prosódico, o papel que está vedado ao clítico. Considera-se que, neste caso, o pronome tónico duplica, ou “redobra” o clítico (de forma a colmatar, para um fim particular, a sua natureza “fraca”, ou “deficiente”). À estrutura resultante chama-se construção de **redobro do clítico**. Nas frases em (4), abaixo, o constituinte de redobro do clítico (i.e., o pronome forte associado ao clítico) recebe o acento prosódico característico dos focos contrastivos (cf. Cap. 63) – coloca-se o clítico em itálico e a forma forte sublinhada (juntamente com a preposição que a precede).

- (4) a. A dona Mercês matou o criado e o Infante matou-a a ela. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. E eu perguntei-me a mim mesmo se meu pai seria diferente em cada uma das duas ou três casas que tinha. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

-
- b. *Pode-se-o* guardar na ‘freeze’ e comer daqui a dois ou três meses. (CORDIAL-SIN, Santo Espírito, Santa Maria, Açores)
c. *Abre-se-o* de um metro de fundura e um metro de largura (CORDIAL-SIN, Alcochete, Setúbal)
d. Mas *carregava-se-o* aí às vezes também nos carros de bestas e em coisas. (CORDIAL-SIN, Melides, Beja)

¹¹ Note-se que esta frase é igualmente excluída pelo facto de integrar clíticos que não têm formas distintas para o acusativo e para o dativo, conforme se viu acima.

¹² Note-se que o *se* impessoal (que ocorre, por exemplo, em *vive-se bem em Lisboa*, com a interpretação ‘a gente vive bem em Lisboa’ ou ‘as pessoas vivem bem em Lisboa’) é compatível com o verbo *casar*, como se vê em *casa-se muito em Lisboa*. Na frase *eles casaram-se em Março*, o clítico *se* é recíproco, tendo a frase a interpretação ‘eles casaram um com o outro’.

As estruturas de redobro do clítico permitem igualmente desambiguar a referência das formas pronominais dativas de terceira pessoa, sem traços de género, como no exemplo em (5):

- (5) A – Pronto, dei-lhe o livro.
B – A ele?
A – Não, dei-*lhe* a ela.

Por outro lado, ocorre redobro do clítico em configurações que envolvem constituintes coordenados, devido à impossibilidade de os clíticos serem membros de uma estrutura de coordenação, como mostra o contraste de gramaticalidade exemplificado em (6):

- (6) a. Dei-*lhe* [a ele e à irmã] um livro que eles vão adorar.
b. *Dei-*lhe* e à irmã] um livro que eles vão adorar.

Também a modificação nominal pode determinar o redobro do clítico, pois os pronomes clíticos, ao contrário dos pronomes fortes, não podem ser modificados por orações relativas (apositivas – cf. Cap. 60), como se vê em (7) (onde a oração relativa *que tem melhor feitio* modifica o complemento pronominal de *preferir*):

- (7) a. Prefiro-*a* a ela, que tem melhor feitio.
b. *Prefiro-*a*, que tem melhor feitio.

As configurações de redobro do clítico não afectam de nenhum modo a posição dos pronomes clíticos na frase. Não se verifica, além disso, qualquer imposição de adjacência ou não adjacência entre o clítico e o sintagma preposicional que contém o pronome forte, como se pode ver nas seguintes frases:

- (8) sem adjacência
a. Dei-*lhe* o livro a ele, sim.
b. Não, não *lhe* dei o livro a ele.
c. Dar-*lhe*-ei o livro a ele.
- (9) com adjacência
a. Vi-*te* a ti ontem à noite.
b. Disse-*me* a mim que o despediram.

65.1 Orações principais

A colocação dos pronomes clíticos é idêntica nas orações que correspondem a frases simples (*o carro espatifou-se todo*), nas orações principais de frases complexas (*a tia disse-me que o carro ficou desfeito*) e nas orações coordenadas aditivas e adversativas (*o carro espatifou-se e/mas eles safaram-se com meia dúzia de arranhões*). Na presente secção referir-se-ão estes três tipos de oração sob a designação de “principais” (opondo-as às orações subordinadas, mas também a alguns tipos de orações coordenadas que serão considerados na secção 65.10 abaixo). Por outro lado, usar-se-á o termo “afirmativas” para identificar todas as orações *não negativas*, quer essas orações integrem frases declarativas, interrogativas, imperativas ou exclamativas.

Nas orações principais negativas os pronomes clíticos são sempre proclíticos (*o carro não se salvou* – cf. 65.1.3.1). Nas orações principais afirmativas, pelo contrário, a ênclise é o padrão mais frequente de colocação dos pronomes clíticos (*o carro salvou-se* – cf. 65.1.1). Mas nem todas as orações principais afirmativas apresentam o padrão enclítico. Neste tipo de orações podem encontrar-se também a colocação mesoclítica (*o carro salvar-se-á?* – cf. 65.1.2) e, como nas orações negativas, a colocação proclítica (*o carro talvez se salve* – cf. 65.1.3.2 a 65.1.3.11).

As frases em (10) mostram o contraste entre as orações principais afirmativas e as orações principais negativas no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos, apresentando as primeiras ênclise e as segundas, próclise:

- (10) a. Os miúdos *aleijaram-se*. [afirmativa (ênclise) – vs. **os miúdos se aleijaram*]
b. Os miúdos não *se aleijaram*. [negativa (próclise) – vs. **os miúdos não aleijaram-se*]

As frases em (11), por outro lado, permitem contrastar o padrão enclítico característico das orações principais afirmativas (cf. (11a)) com o padrão proclítico que emerge quando nas mesmas orações estão presentes, em posição pré-verbal, certos constituintes (por exemplo, o advérbio *já* na frase declarativa em (11b), o advérbio *só* na frase declarativa em (11c), o quantificador *poucos* na frase declarativa em (11d), o advérbio *como* na frase exclamativa em (11e), o foco contrastivo anteposto *de pequenino* em (11f). A próclise é desencadeada quando os constituintes relevantes (certos advérbios, quantificadores, etc.) ocorrem antes do verbo; se os mesmos constituintes ocorrerem depois do verbo, não poderão desencadear a próclise, registando-se então a ênclise (*nos últimos tempos pouco nos vemos* vs. *nos últimos tempos vemos-nos pouco*). Por isso, nos exemplos (11a-f) o constituinte desencadeador de próclise (que se encontra sublinhado) é sempre pré-verbal:

- (11) a. A Maria *portou-se* mal. [afirmativa (ênclise) – vs. **a Maria se portou mal*]
b. A Maria *já* *se porta* bem. [afirmativa com *já* (próclise) – vs. **a Maria já porta-se bem*]
c. *Só* a Maria *se portou* bem. [afirmativa com *só* (próclise) – vs. **só a Maria portou-se bem*]
d. *Poucos* *se portaram* mal. [afirmativa com *poucos* (próclise) – vs. **poucos portaram-se mal*]
e. *Como* a Maria *se portou* bem! [afirmativa com *como* (próclise) – vs. **como a Maria portou-se bem!*]
f. *De pequenino* *se torce* o pepino. [afirmativa com foco contrastivo (próclise) – vs. **de pequenino torce-se o pepino*]

Embora geralmente a colocação proclítica dependa da presença de um constituinte desencadeador de próclise (ou **proclisador**) em posição pré-verbal, é possível ocorrer próclise sem proclisador em frases declarativas enfáticas, como se verá na secção 65.1.3.7. Nestas estruturas, um clítico pode, excepcionalmente, ocorrer em posição inicial de frase (*levas um par de estalos. Te garanto que levas* ou *te arreneço, desgraçado!* ou *Me confesso o bom e o mau que vão ao leme da nau nesta deriva em que vou* (Torga, Horas)).

No último ponto desta secção (cf. 65.1.4) considerar-se-á um tipo particular de orações de infinitivo flexionado. De facto, embora as orações principais sejam normalmente orações finitas, certas orações exclamativas de infinitivo flexionado pertencem igualmente ao grupo das orações principais.

65.1.1 Orações principais com ênclise

As orações principais que apresentam ênclise são sempre afirmativas e podem ser declarativas, imperativas, exclamativas ou interrogativas totais. Distinguem-se as últimas das interrogativas parciais (ou interrogativas *qu-*) por não integrarem palavras interrogativas (i.e., *que, quem, qual, porque*, etc.) e exigirem respostas do tipo sim/não (cf. Cap. 59).

- (12) a. As aventuras *humilhavam-no*, estava farto. (CRPC, C. Pires, *Delfim*) [declarativa]
b. E tu *despacha-te*, criadita. (CRPC, C. Pires, *Delfim*) [imperativa]
c. Você *saiu-me* um belo vigarista! [exclamativa]
d. O Engenheiro *disse-lhe* onde estava a viver? (CRPC, C. Pires, *Delfim*) [interrogativa]

Considerando a posição na frase da sequência verbo + clítico, verifica-se que o padrão enclítico ocorre tanto em frases em que o verbo se encontra em primeira posição – veja-se (13) – como em frases em que um ou mais constituintes precedem o verbo – veja-se (14):

- (13) a. *Dou-lhe* onze anos no máximo. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. *Despache-se*, senhor. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- c. *Valha-te* Deus, homem!
 - d. E tu? Queres festa Maruja? *Está-te* a pular o pé? (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
- (14)
- a. Vossemecê *ouviu-o* tão bem como eu, tio Aníbal. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
 - b. O cabelo negro e lustroso, *tinha-o* ele penteado rigidamente (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
 - c. Agora *assobiem-lhe* às botas. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
 - d. Então, com um dedo ágil e sábio, *dão-lhe* volta ao saco da cabeça e adeus polvo (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
 - e. Ó senhor Mendes, *importa-se* de dar um salto ao meu balcão. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
 - f. Sempre que do fundo do vale lhe chega um uivo mais forte, *encolhe-se* e resmunga: “Malditos cães”. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
 - g. Vai lá dentro à Lúcia e *diz-lhe* que traga o corvo para a varanda. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

Nos exemplos em (14), identificam-se entre os constituintes que podem preceder o verbo nas frases com ênclise, ocorrendo isoladamente ou em combinações diversas: o sintagma nominal com função de sujeito (cf. (14a)); um complemento verbal topicalizado (cf. (14b)); um advérbio (cf. (14c,d)); um sintagma preposicional (cf. (14d)); um vocativo (cf. (14e)); uma oração subordinada anteposta (cf. (14f)); o primeiro membro de uma estrutura coordenada e respectiva conjugação coordenativa (cf. (14g)).

Não se deverá concluir, no entanto, a partir destes exemplos, que há sempre ênclise no português europeu quando os constituintes mencionados precedem o verbo em orações principais afirmativas. Ver-se-á nas secções 65.1.3.2 a 65.1.3.11 que a próclise (e não a ênclise) tem lugar nas orações principais afirmativas em que o verbo está precedido por certos advérbios ou por sujeitos quantificados; e nas orações interrogativas parciais em que o verbo está precedido pelos pronomes *que*, *quem*, *onde*, etc., para referir apenas alguns dos casos mais comuns. Também em certas estruturas de coordenação pode ocorrer a próclise, como se mostrará na secção 65.10.

65.1.2 Orações principais com mesóclise

Nas formas do condicional e do futuro, os pronomes clíticos não podem ocorrer em ênclise (**darei-lhe o recado*)¹³. Ocorrem antes dentro da própria forma verbal, o que fica evidente quando se confrontam formas sem clítico, como *escreveria* ou *escreverei*, com as formas correspondentes cliticizadas, *escrever-lhe-ia* e *escrever-lhe-ei*. A esta ocorrência do clítico dentro do seu hospedeiro verbal chama-se **mesóclise**. Nas formas de condicional e futuro, os morfemas *-ei*, *-ás*, *-á*, *-avemos*, *-aveis*, *-ão* e *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam* comportam-se, pois, como elementos semilivres (estes morfemas têm origem, respectivamente, nas formas de presente e de pretérito imperfeito do verbo latino *habere*, em perífrases do tipo *scribere habeo* ‘hei-de escrever/escreverei’ e *scribere habebat* ‘havia de escrever/escreveria’). Embora ocorram, necessariamente, na margem direita do verbo, não necessitam de ser contíguos ao restante material verbal. Em circunstâncias muito restritas, ou seja, quando está presente na frase um pronome clítico, a adjacência pode ser interrompida.

A mesóclise pode considerar-se uma variante morfológica da ênclise, na medida em que se manifesta nas mesmas configurações sintáticas que propiciam a ênclise. Assim, no plano sintático, encontra-se uma dicotomia entre contextos de próclise, por um lado, e contextos de ênclise/mesóclise, por outro. As frases em (15) ilustram a mesóclise, com formas verbais de condicional (15a-c) e de futuro (15d):

¹³ Frases como *darei-lhe o recado* (sem mesóclise) registam-se, contudo, em dialectos portugueses contemporâneos (tanto rurais como urbanos). No português medieval também se regista a variação entre ênclise e mesóclise.

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- (15) a. *Escrever-lhe-ia*, como ela me pedira que fizesse (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. E no decurso desses dias de desocupação e impaciência os companheiros *espíá-lo-iam*, *medi-lo-iam* à distância numa cautela prudente, *reunir-se-iam* para discutir o seu caso (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. *Ter-se-ia* o Barbaças levantado? (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
d. A – Achas que vamos conseguir?
B – Ver-se-á.

Embora a mesóclise ocorra no futuro e no condicional, as frases em (16) mostram que, só por si, as formas verbais em causa não induzem a mesóclise. Nas frases negativas, por exemplo, ocorre obrigatoriamente a próclise, independentemente dos traços de tempo, modo e aspecto da forma verbal:

- (16) a. Não se *lhes levaria* a mal por isso, tinham desculpa. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. E o fogo não *lhe queimará* a barriga? (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

65.1.3 Orações principais com próclise

A próclise manifesta-se de forma regular nas orações principais negativas, como se verá na secção 65.1.3.1. Nas orações principais afirmativas, o padrão proclítico ocorre nas configurações sintáticas que serão identificadas ao longo das secções 65.1.3.2. a 65.1.3.11. Quando for caso disso, a colocação proclítica dos pronomes átonos será contrastada com a opção pela colocação enclítica em estruturas aparentemente idênticas. Sendo a secção 65.1.3 a mais longa deste capítulo, abaixo esquematiza-se a sua organização interna.

Apesar da aparente diversidade dos elementos (ou factores) que originam o padrão proclítico nas orações principais, pode afirmar-se que a próclise está aí associada aos processos gramaticais da *negação*, da *quantificação*, da *focalização* e da *ênfase*, tomados singularmente ou não.

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

Estrutura da secção 65.1.3 (Orações principais com próclise)

Secção	Título da secção (origem da próclise)	Exemplos dos casos estudados
65.1.3.1	Negação	<i>Os cães não a assustam.</i> <i>Nada a assusta.</i>
65.1.3.2	Quantificadores	<i>Poucos cães a assustam.</i> <i>Muitos cães a assustam.</i> (vs. <i>Muitos cães assustam-na.</i>)
65.1.3.3	Advérbios focalizadores	<i>Só aquele cão te morderia.</i> <i>Até o gato me mordeu.</i>
65.1.3.4	Advérbios enfatizadores	<i>Bem te disse que não o soltasses.</i> <i>Lá me está ele a rosnar.</i>
65.1.3.5	Advérbios focalizados	<i>Sempre o vejo zangado.</i> <i>Ali se construiu o mosteiro</i> (vs. <i>Ali, constrói-se de forma selvagem.</i>) <i>Rapidamente se afastou</i> (vs. <i>Rapidamente, afastou-se.</i>)
65.1.3.6	Outros focos contrastivos antepostos (não adverbiais)	<i>Nas pernas se fiava ele.</i> <i>Um golpe traiçoeiro a derrubou.</i>
65.1.3.7	Declarativas enfáticas	<i>Um dia se saberá toda a verdade.</i> <i>Pois te garanto que é assim.</i>
65.1.3.8	Interrogativas e exclamativas <i>qu-</i>	<i>Quem te contou?</i> <i>Como ele me irrita!</i>
65.1.3.9	Imperativas com <i>que</i> ; optativas	<i>Que me tragam o apito depressa.</i> <i>Bons olhos te vejam.</i>
65.1.3.10	Interrogativas retóricas com <i>acaso</i>	<i>Acaso te julgas a salvo?</i>
65.1.3.11	Próclise e ênclise com a palavra <i>próprio</i>	<i>Eu próprio lhe dei a notícia.</i> <i>Eu próprio dei-lhe a notícia.</i>

65.1.3.1 Orações negativas

Os pronomes clíticos são sempre proclíticos nas orações principais negativas, até mesmo nos casos em que ocorre a chamada “negação expletiva” (cf. *por pouco não me caía da varanda, o raio do miúdo!* = *por pouco caía-me da varanda, o raio do miúdo!*). O contraste entre orações negativas e afirmativas, no que diz respeito à colocação dos clíticos, é evidenciado pelas formas destacadas a itálico nos exemplos em (17):

- (17) a. O patrão era mau, *batia-me, não me pagava nada.* (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
 b. *Ouvi-lhe* os passos, mas *não me voltei.* (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
 c. Eu *não me levantei* e *puxei-a* para mim. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
 d. *Não me convidou, ordenou-me,* meu capitão (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
 e. *Dêem-me* terra e *não me dêem* dinheiro! (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

Tal como se observou relativamente às orações principais afirmativas, a natureza declarativa, interrogativa, imperativa ou exclamativa da frase não interfere na colocação proclítica do pronome. Os exemplos em (18) mostram assim o padrão proclítico típico dos domínios negativos em frases declarativas, imperativas, interrogativas e exclamativas:

- (18) a. Os circunstantes não *se moviam* nem falavam. (CRPC, J. Sena, *Sinais*) [declarativa]
b. Não *te zangas* se eu falar? (CRPC, J. Sena, *Sinais*) [interrogativa]
c. Não *se despeça* já, fale-me de si, converse comigo (CRPC, L. Antunes, *Fado*) [imperativa]
d. Pois, em cinquenta anos de seareiro, não *lhe sobrou* um punhado de notas para comprar outra besta que lhe lavre a terra! (CRPC, F. Namora, *Trigo*) [exclamativa]

Nas frases em que ocorrem palavras negativas, como *ninguém* ou *nunca*, em posição pré-verbal, o carácter negativo da frase é assegurado sem que esteja presente o marcador de negação frásica (*não*) (assim, *ninguém veio* coexiste no português com *não veio ninguém*; e *não fala nunca* é uma opção gramatical a par de *nunca fala*)¹⁴. Também nessas frases em que *não* está ausente a próclise se manifesta regularmente. As frases em (19) ilustram o padrão proclítico em contextos negativos criados pelas palavras *nem*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nenhum*, *nada*.

- (19) a. Gatuxa não seria na altura a dona de boutiques em Cascais nem *se ligara* ainda ao industrial que viria a morrer de uma síncope na auto-estrada. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. Eu e o Luís, entalados no carro, nem *nos entreolhávamos* de perplexos. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
c. Nem a minha melhor amiga *me contou* o que se passava.
d. Nunca *se sabe*, mocinha. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
e. Cresceu doutra maneira, nunca *lhe faltou* nada. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
f. Até sair do hospital jamais *me quis* abordar [...] como sujeito de livros e de escrita. (C. Pires, *Profundis*)
g. Ninguém *se lembra* de mim e ainda bem. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
h. ninguém *me tira* da cabeça que ela lhe deu um chá qualquer a beber. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
i. Imita o canto das perdizes e nada, nenhuma *lhe responde*. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
j. Não pertences aqui, vai-te embora, nenhum de nós *te quer* cá. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
k. nada disso *lhe arrepiava* o rosto anafado ou *lhe arranhava* um pensamento. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
l. Nada *se alterara*. E sentiu alívio em reconhecê-lo. (CRPC, F. Namora, *Homem*)

Nas palavras *nenhum*, *nada*, *ninguém* encontram-se associados o valor negativo e a natureza quantificacional, o que permitiria juntá-las ao grupo dos quantificadores, que são também desencadeadores de próclise (cf. 65.1.3.2). As palavras *nunca* e *jamais* são o pólo negativo do advérbio temporal *sempre*, o que permitiria aproximá-las dos advérbios focalizados (cf. 65.1.3.5). A palavra *nem* em frases como (19c) acima é um marcador de foco, tal como os advérbios focalizadores tratados em 65.1.3.3, e em (19b) associa ao valor negativo o valor enfático. Os elementos indutores de próclise considerados nesta secção têm, pois, traços em comum com os que serão identificados nas secções seguintes.

65.1.3.2 Orações afirmativas introduzidas por quantificadores

Nesta secção estuda-se o comportamento dos quantificadores relativamente à colocação proclítica ou enclítica dos pronomes clíticos. Incluem-se no conjunto dos quantificadores palavras como *alguém*, *algo*, *algum*, *muito*, *bastante*, *tanto*, *mais*, *menos*, *raramente*, *tanto*, *qualquer*, *tudo*, *todos*, etc., e (para os itens que podem funcionar como pronomes ou modificadores nomi-

¹⁴ A gramática do português exclui, por outro lado, quer a possibilidade de uma palavra negativa pós-verbal exprimir por si só a negação (**veio ninguém*), quer a coexistência em posição pré-verbal de uma palavra negativa e do marcador de negação frásica (**ninguém não veio*) – cf. Cap. 32.

nais) as suas variantes femininas e plurais. Os quantificadores podem ter natureza adverbial (cf. *ele sabe tanto* ou *eu vejo raramente o Pedro*), pronominal (cf. *alguém tirou o livro daqui* ou *poucos apreciaram o espectáculo*), ou ainda adjectival, na terminologia da gramática tradicional que aqui se aceita por conveniência (cf. *bastantes turistas apreciaram o espectáculo*). Na verdade, o mesmo quantificador pode funcionar como advérbio, pronome ou adjectivo; veja-se como exemplo o quantificador *pouco* em frases como *eles trabalharam pouco no ano passado* (advérbio), *poucos apreciaram o espectáculo* (pronome) e [*poucos turistas*] *apreciaram o espectáculo* (adjectivo). Tipicamente (mas nem sempre, como se verá), os quantificadores estão associados à colocação proclítica dos pronomes átonos¹⁵, desde que ocorram em posição pré-verbal (*pouco se sabe da tragédia*, e não **pouco sabe-se da tragédia*; mas *sabe-se pouco da tragédia* e não **se sabe pouco da tragédia*). A próclise verifica-se tanto quando os quantificadores ocorrem isoladamente (*poucos se mostraram insatisfeitos*) como quando são parte de constituintes mais vastos (*poucos turistas americanos se mostraram insatisfeitos*; *em poucas ocasiões se mostraram insatisfeitos*; *de pouco lhe serviu mostrar-se insatisfeito*).

Nos casos em que uma mesma palavra exprimindo quantificação é compatível quer com a próclise quer com a ênclise, esclarece-se nesta secção em que condições ocorre cada uma das ordens. Quando o quantificador funciona como advérbio, desencadeia sempre próclise (*bastante me aborreci* vs. **bastante aborreci-me*; *muito me aborreci* vs. **muito aborreci-me*; *raramente me aborreço* vs. **raramente aborreço-me*; *tanto me aborreci que saí* vs. **tanto aborreci-me que saí*; *quase me aborreci* vs. **quase aborreci-me*, ainda que a sua versão pronominal ou adjectival possa admitir também a ênclise (*{ bastantes/muitas/raras/quase cinquenta } pessoas mostraram-se aborrecidas*, a par de *{ bastantes/muitas/raras/quase cinquenta } pessoas se mostraram aborrecidas*; ou *tanta conversa aborreceu-me* vs. **tanta conversa me aborreceu*).

Para além do contraste referido, quando o quantificador funciona como pronome ou adjectivo, parece ser também relevante no que respeita à colocação dos pronomes clíticos a distinção de número. Assim, alguns destes quantificadores, em idêntico contexto sintáctico, admitem só a próclise ou, pelo contrário, também a ênclise dependendo de serem morfologicamente singulares ou plurais. Veja-se, por exemplo, o distinto comportamento de cada um dos membros do par *algum/alguns* (*algum maratonista se perdeu*, e não **algum maratonista perdeu-se*; mas *alguns maratonistas perderam-se*) e do par *muito/muitos* (*muito maratonista se sentiu incapaz de terminar a prova* e não **muito maratonista sentiu-se incapaz de terminar a prova*; mas *muitos maratonistas sentiram-se incapazes de terminar a prova*, a par de *muitos maratonistas se sentiram incapazes de terminar a prova*).

Apontam-se a seguir algumas propriedades que unem o grupo dos quantificadores pronominais ou adjectivais que induzem obrigatoriamente a próclise e os demarcam daqueles que excluem a próclise ou a permitem a par da ênclise.

Os quantificadores pronominais ou adjectivais que tornam a próclise obrigatória (cf. (20a,b) e (21a,b)) não podem ter como apostos nomes próprios (cf. (20c) e (21c)), não podem ser topicalizados (cf. (20d) e (21d)), nem podem ser modificados por relativas apositivas (cf. (20e) e (21e)):

- (20) a. *Alguém me disse* ontem que vem aí uma tempestade.
b. **Alguém disse-me* ontem que vem aí uma tempestade.
c. **Alguém*, a Maria, me disse ontem que vem aí uma tempestade.
d. **Alguém* que eu conheço, {o vi/vi-o} ontem na televisão.
e. **Alguém*, o qual assistiu ao acidente, está disposto a contar tudo.

¹⁵ Nem todos os quantificadores desencadeiam a próclise. Assim, os quantificadores cardinais, por exemplo, associam-se tipicamente à ênclise (*dois vidros da janela da sala partiram-se com o vento*). Um constituinte que integre um quantificador cardinal poderá, como qualquer outro tipo de constituinte, ser focalizado contrastivamente, passando então a associar-se ao padrão proclítico de colocação dos pronomes átonos (cf. 65.1.3.5 abaixo). Nesse caso, será o foco contrastivo anteposto, e não o quantificador cardinal, o despoletador da próclise.

- (21) a. Algum aluno me disse ontem que vem aí uma tempestade.
b. *Algum aluno disse-me ontem que vem aí uma tempestade.
c. *Algum aluno, o João, me disse ontem que vem aí uma tempestade.
d. *Algum aluno meu (que joga andebol), {o vi/vi-o} ontem na televisão.
e. *Algum aluno, o qual assistiu ao acidente, está disposto a contar tudo.

Os quantificadores pronominais ou adjetivais que geralmente se associam à ênclise (cf. (22a,b)) ou que admitem a ênclise a par da próclise (cf. (23a,b)) podem, pelo contrário, ter o seu conteúdo referencial identificado por um nome próprio (aposto à expressão quantitativa), como mostram (22c) e (23c), podem ser topicalizados, como se vê em (22d) e (23d), e podem igualmente ser modificados por uma relativa apositiva, como evidenciam (22e) e (23e):

- (22) a. Alguns alunos meus queixaram-se à Comissão Pedagógica.
b. *Alguns alunos meus se queixaram à Comissão Pedagógica.
c. Alguns alunos meus – o João, a Maria, a Sandra e o Miguel – queixaram-se à Comissão Pedagógica.
d. Alguns alunos meus, vi-os ontem na televisão.
e. Alguns alunos, os quais assistiram ao acidente, estão dispostos a contar tudo.
- (23) a. Muitos alunos disseram-me ontem que vem aí uma tempestade.
b. Muitos alunos me disseram ontem que vem aí uma tempestade.
c. Muitos alunos – o João, a Maria, a Patrícia, o Miguel, a Carla... – disseram-me ontem que vem aí uma tempestade.
d. Muitos alunos meus, vi-os ontem na televisão.
e. Muitos alunos, os quais assistiram ao acidente, estão dispostos a contar tudo.

A resistência dos quantificadores como *alguém*, *algum* (i.e., os típicos indutores de próclise) à topicalização e à modificação por relativas apositivas é explicável pela natureza não referencial desses quantificadores. Os quantificadores que induzem próclise não denotam indivíduos (identificáveis pelo falante), antes designam conjuntos de entidades indiferenciadas, sendo esses conjuntos perspectivados na sua dimensão grande, pequena, média, singular, nula¹⁶. Tanto nas estruturas em que há topicalização como naquelas em que há relativas apositivas o falante pronuncia-se (tecendo comentários ou oferecendo informação) acerca de indivíduos que pode identificar ou que foram previamente identificados no contexto discursivo. As expressões quantitativas que não denotam indivíduos não são, portanto, compatíveis com as estruturas de topicalização nem de relativização apositiva¹⁷.

65.1.3.2.1 Próclise como padrão regular com quantificadores do tipo de *poucos*

São tipicamente indutores de próclise os quantificadores *algo*, *alguém*, *algum*, *ambos*, *bastante*, *demasiado/demasiados*, *mais*, *menos*¹⁸, *muito*, *pouco/poucos*, *raramente*, *suficientes*, *tal/tais* (na

¹⁶ É o caso dos quantificadores negativos, como *nenhum*, *nada*, *ninguém* (cf. 65.1.3.1 acima).

¹⁷ Para uma caracterização semântica dos quantificadores, perspectivada relativamente à variação entre próclise e ênclise, veja-se Martins (1997). Sobre quantificadores em geral, veja-se o Cap. 39.

¹⁸ Como advérbios modificadores de adjetivos (marcando grau), *mais* e *menos* são irrelevantes no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos:

(i) a. Dos dois, o *mais* novo chama-se João do Rosário Portela – João Portela, – simplesmente. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
b. O *menos* bonito chama-se Osvaldo.

As locuções *mais uma vez*, *uma vez mais*, em posição pré-verbal, podem associar-se quer à próclise quer à ênclise (cf. 65.1.3.5 e 65.1.3.6):

(ii) a. E *mais uma vez* o coração do Bispo se comoveu em frente da beleza pura e antiga das paredes e das pedras. (CRPC, S. M. B. Andresen, *Contos*)
b. E {*mais uma vez/uma vez mais*}, o Bispo comoveu-se.

acepção de ‘tão grande(s)’), *tão/tanto* (adv.), *todo/todos, tudo, vários*), como se ilustra seguidamente:

- (24) a. Algo de irremediável e tenebroso *se dera* na minha vida. (CRPC, J. Régio, *Vestido*)
b. Nesse momento ouviram restolhar por detrás das moitas. Alguém *os espreitava*. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
c. Ainda mesmo quando algum deles *o procurava*, de coração repleto de ternura, para lhe transmitir a sua gratidão, alguma coisa *se interpunha* (CRPC, F. Namora, *Homem*)
d. E ambos *se levantaram e se vestiram*. (CRPC, S. M. B. Andresen, *Contos*)
e. Bastante *se tem* falado sobre esse assunto.
f. São terrivelmente perspicazes, estes doentes. Demasiado *o sabia*. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
g. Demasiadas pessoas *se viram* obrigadas a abandonar a sala.
h. e a cobra quanto mais medo sente à pessoa mais *a ataca* (CRPC, PF 0564)
i. Mais pessoas *se mostraram* descontentes do que as que se deram por satisfeitas.
j. Quanto mais lhe perguntares, menos *te diz*.
k. Por menos *me cortou* o meu pai a mesada.
l. Muito *me contas*.
m. Muita cerveja *se bebe* naquela terra!
n. Pouco *lhe restava* da elasticidade nervosa do corpo (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
o. O resultado foi desastroso: poucos elefantes nascidos em cativeiro *se habituaram* a viver em liberdade.
p. Raramente ela *se metia* ao mar. Tinha horror da água muito fria (CRPC, U. T. Rodrigues, *Insubmissos*)
q. Suficientes telespectadores *se mostraram* indignados para que o programa fosse retirado da programação.
r. Tal irritação *lhe provocava* o papagaio do vizinho que tentou acabar com ele.
s. Tão lindo era o sorriso e tanto *lhe brilhavam* os olhos. (CRPC, M. R. Araújo, *Palhaço*)
t. Tão lassos *me ficaram* os músculos! (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
u. No fundo, toda a gente *se riu* e esfregou as mãos. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
v. as pessoas tinham várias cores, vários idiomas mas todos *se entendiam* (CRPC, M.-H. Leiria, *Contos*)
w. Por toda a Escandinávia *se multiplicam* os debates. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
x. Agora tudo isso *lhe era* indiferente. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
y. A grande sala alargava-se à nossa frente. Vários homens *se moviam*. (CRPC, M. I. Barreno, *Morte*)

Relativamente aos quantificadores *algo, alguém, algum, todos* é possível identificar, no entanto, situações particulares que escapam ao padrão regular proclítico; estes quantificadores não desencadeiam próclise quando as expressões nominais em que ocorrem são modificadas por orações relativas restritivas com o verbo no conjuntivo. Nesta situação, como mostram os exemplos (25) a (28), a colocação dos pronomes átonos é enclítica e não proclítica:

- (25) a. Algo que possa correr mal *deixá-lo-á* inconsolável.
b. *Algo que possa correr mal *o deixará* inconsolável.
- (26) a. Alguém que {chegue/tenha chegado} tarde *perde-se*, com certeza, no meio dessa argumentação.
b. *Alguém que {chegue/tenha chegado} tarde *se perde*, com certeza, no meio dessa argumentação.
- (27) a. Alguma pessoa que {chegue/tenha chegado} tarde *perde-se*, com certeza, no meio dessa argumentação.
b. *Alguma pessoa que {chegue/tenha chegado} tarde *se perde*, com certeza, no meio dessa argumentação.

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- (28) a. Todas as pessoas que {cheguem/tenham chegado} tarde perdem-se, com certeza, no meio dessa argumentação.
b. *Todas as pessoas que {cheguem/tenham chegado} tarde se perdem, com certeza, no meio dessa argumentação.

Quando as expressões nominais quantificadas por *todos* designam um grupo de indivíduos que participam conjuntamente num dado evento, a ênclise torna-se uma opção gramatical ainda que *todos* ocorra em posição pré-verbal. As frases (29) exemplificam a colocação enclítica dos pronomes átonos nas frases em que *todos* tem uma leitura de grupo, tornando-se por isso compatível com a modificação por orações relativas restritivas (cf. 65.1.3.2).

- (29) a. Todos os chineses que vivem em Lisboa reúnem-se uma vez por ano no Parque das Nações.
b. Toda a população chinesa que vive em Lisboa reúne-se uma vez por ano no Parque das Nações.
c. Todas as girafas, ao pressentirem o incêndio, deslocaram-se em direcção ao lago.

O contraste de gramaticalidade entre (30a) e (30b) decorre da incompatibilidade entre o predicado *desescalçaram-se* e a atribuição de uma leitura de grupo à expressão *todas as bailarinas*. Nas frases (30), o predicado *desescalçaram-se* designa um conjunto de eventos, cada um dos quais tem como participante uma bailarina pertencente ao conjunto designado pela expressão *todas as bailarinas*. Neste caso, *todas as bailarinas* tem necessariamente uma interpretação *distributiva*, e não *grupala*, pelo que a próclise se torna obrigatória; daí a agramaticalidade de (30a):

- (30) a. *Todas as bailarinas desescalçaram-se.
b. Todas as bailarinas se desescalçaram.

Por último, quer o quantificador *todos* quer o quantificador *tudo* deixam de associar-se à colocação proclítica dos pronomes átonos quando ocorrem em posição pós-nominal, ainda que antecedam o verbo. Nesta situação têm leitura de grupo. Vejam-se os exemplos (31) e (32):

- (31) Os meus amigos todos vão-me oferecer aquele livro que eu tanto queria.
(32) Isso tudo perdeu-se (Herculano, *apud* Said Ali 1908:50)

65.1.3.2.2 Próclise contrastada com a possibilidade de ênclise com quantificadores do tipo de *muitos*

Os seguintes quantificadores, funcionando como pronomes ou como especificadores adjectivais, associam-se quer à próclise quer à ênclise: *alguns*, *bastantes*, *cada*, *muitos*, *raros*, *quase* (seguido de numeral), *qualquer*, *tamanho/tamanhos*, *tanto/tantos*.

Como os factores que subjazem à variação entre próclise e ênclise não podem ser definidos uniformemente para todos os quantificadores aqui considerados, estes serão divididos em cinco grupos: (i) *muitos*, *bastantes*, *raros*, *quase* (seguidos de numeral); (ii) *qualquer*; (iii) *alguns*; (iv) *tamanho/tamanhos*, *tanto/tantos*; (v) *cada*.

- *Muitos*, *bastantes*, *raros*, *quase* (seguidos de numeral)

Nas frases com *muitos/muitas*, a variação entre colocação proclítica e colocação enclítica dos pronomes átonos associa-se, em geral, a distinções semânticas. Tanto na frase (33a), com ênclise, como na frase (33b), com próclise, a palavra *muitas* define uma quantidade (considerada elevada relativamente a um dado limiar quantitativo). No entanto, enquanto em (33a) *muitas* tem simultaneamente um valor referencial, apontando um conjunto particular de pessoas (que poderiam ser identificadas, recorrendo, por exemplo, aos registos de vacinação), na frase (33b)

muitas é puramente quantificacional, delimitando apenas um certo universo quantitativo. Assim, enquanto a interpretação de (33a) é a de que ‘existem certas pessoas, em princípio identificáveis, que se vacinam todos os anos e que formam um grupo grande’, a interpretação de (33b) é a de que ‘todos os anos o conjunto de pessoas vacinadas é grande’, sem a implicação de que ano após ano se vacinem as mesmas pessoas.

- (33) a. Muitas pessoas vacinam-se todos os anos (= há muitas pessoas que todos os anos se vacinam)¹⁹.
b. Muitas pessoas se vacinam todos os anos. (= o número de pessoas vacinadas é todos os anos grande)

O contraste semântico exemplificado por (33) torna-se mais nítido quando se substitui o predicado *vacinar-se* por um predicado como *suicidar-se*. Dada a impossibilidade de a mesma pessoa cometer suicídio repetidamente, a frase (34a), com ênclise e interpretação referencial de *muitas pessoas*, exprime uma asserção necessariamente falsa (num mundo de seres mortais), enquanto a frase (34b), com próclise e interpretação puramente quantificacional de *muitas pessoas*, pode exprimir uma asserção verdadeira. Daí a estranheza e inaceitabilidade da frase (34a), em contraste com a normalidade de (34b).

- (34) a. #Muitas pessoas suicidam-se todos os anos. (= há muitas pessoas que todos os anos se suicidam)
b. Muitas pessoas se suicidam todos os anos. (= o número de pessoas que se suicidam anualmente é sempre grande)

Os quantificadores *bastantes*, *raros*²⁰, *quase* (seguidos de um numeral) interagem com a colocação dos pronomes clíticos da mesma maneira que *muitos*. Por forma a verificá-lo, compare-se o conjunto de frases em (35) com o conjunto paralelo apresentado em (33) acima.

- (35) a. De entre os 200 indivíduos da nossa amostra, {bastantes/raros/quase cinquenta} *vacinam-se* todos os anos. (os mesmos indivíduos vacinam-se ano após ano)
b. De entre os 200 indivíduos da nossa amostra, {bastantes/raros/quase cinquenta} *se vacinam* todos os anos. (a quantidade de indivíduos que se vacinam é similar ano após ano)
c. #De entre os 2000 indivíduos da nossa amostra, {bastantes/raros/quase cinquenta} *suicidaram-se* em anos consecutivos.
d. De entre os 2000 indivíduos da nossa amostra, {bastantes/raros/quase cinquenta} *se suicidaram* em anos consecutivos.

Nas secções 65.1.3.5 e 65.1.3.6 ver-se-á pormenorizadamente que a distinção entre constituintes topicalizados e constituintes focalizados permite descrever adequadamente uma das vertentes da variação entre ênclise e próclise, tanto quando o verbo se encontra precedido por advérbios (de diferentes classes) como quando se antepõem ao verbo constituintes de natureza preposicional e nominal, os quais normalmente não induzem próclise. A oposição entre tópicos e focos contrastivos é também relevante quando se observam os quantificadores, no sentido de compreender em que condições determinam uma certa colocação dos clíticos. De facto, conforme foi apontado no início da presente secção, os quantificadores “puros”, ou seja, aqueles que tornam a próclise obrigatória, não podem ser topicalizados. Tal deve-se à sua natureza não referen-

¹⁹ Note-se como a frase (33a), em contraste com (33b), pode ser continuada por “mas não todas”. Esta continuação é semanticamente desajustada no caso de (33b), pois aí o constituinte *muitas pessoas* tem natureza puramente quantificacional e não referencial.

²⁰ O quantificador *raros* equivale a ‘alguns, uns poucos, uns quantos’ e associa-se à ênclise em frases como (i); com o valor de ‘poucos’, associa-se à próclise, conforme ilustram as frases de (ii):

- (i) a. Raras estrelas descobriam-se num céu carregado de nuvens.
b. Raras pessoas, habituadas ao cenário de guerra, *deixavam-se* ficar pelas ruas.
(ii) a. Raros animais terrestres *se habitam* a viver em condições tão hostis.
b. Raros amigos *o apoiaram* naquela época.

cial/denotativa, que se opõe à necessária interpretação referencial dos constituintes topicalizados. Uma vez que o quantificador *muitos* pode ser referencial (denotando indivíduos identificados ou identificáveis no universo discursivo), as expressões nominais quantificadas por *muitos* podem constituir tópicos discursivos. Quando assim acontece, ocorre necessariamente a colocação enclítica dos pronomes átonos. Observem-se as frases (36) a (40) abaixo. Nessas frases força-se a interpretação das expressões introduzidas por *muitas* como tópicos ao incluí-las numa enumeração (de tipo coordenativo – cf. (36) a (38) – ou adversativo – cf. (39)) ou ao fazê-las retomar um tópico previamente introduzido numa sequência discursiva (cf. (40)). O resultado é a obrigatoriedade da ênclise:

- (36) a. Muitas cáries desenvolvem-se por não se escovarem bem os dentes, outras por se comer muito açúcar, outras por isto ou por aquilo...
b. # Muitas cáries se desenvolvem por não se escovarem bem os dentes, outras por se comer muito açúcar, outras por isto ou por aquilo...
- (37) a. Depois do acidente, muitas pessoas dirigiram-se à polícia, outras aos bombeiros, outras ao hospital...
b. # Depois do acidente, muitas pessoas se dirigiram à polícia, outras aos bombeiros, outras ao hospital...
- (38) a. Muitas vezes diz-se radiante, outras deprimido, outras miserável...
b. # Muitas vezes se diz radiante, outras deprimido, outras miserável...
- (39) a. Muitas vezes pergunto-me se ele será bom da cabeça, mas outras vezes parece-me inteligentíssimo.
b. # Muitas vezes me pergunto se ele será bom da cabeça, mas outras vezes parece-me inteligentíssimo.
- (40) a. A – A festa vai ser ao ar livre. Vai haver todo o género de diversões, palhaços e dez cães.
B – Dez cães?!
A – Ela não gosta de cães?!
B – Ela gosta imenso de cães. Mas, muitos cães (juntos) deixam-na assustada.
b. [mesmo contexto discursivo]
*Mas, muitos cães (juntos) a deixam assustada.

Na frase (41), pelo contrário, o contraste imposto pela sequência discursiva ‘X não Y’ faz com que a expressão *muitas amigas* seja interpretada como foco contrastivo, com a leitura exclusiva típica das estruturas clivadas. Assim (41a) é interpretativamente equivalente a ‘...foram muitas as amigas que se perderam nessa altura’. Neste caso, a próclise é a única opção aceitável:

- (41) a. Estás enganado, muitas amigas se perderam nessa altura; não foram poucas.
b. #Estás enganado, muitas amigas perderam-se nessa altura; não foram poucas.

Nas frases exclamativas introduzidas por *muitos/muitas*, que semanticamente se aproximam das exclamativas introduzidas por *que*, *quanto*, *como*, por serem igualmente avaliativas e enfáticas (cf. 65.1.3.8 abaixo), os pronomes átonos apresentam necessariamente colocação proclítica, como nas frases (42a) e (42c):

- (42) a. Muitas cervejas se beberam ontem aqui!
b. *Muitas cervejas beberam-se ontem aqui!
c. Muitas grosserias lhe tenho aguentado!
d. *Muitas grosserias tenho-lhe aguentado!

- *Qualquer*

O pronome/adjectivo *qualquer* pode ter a natureza de quantificador universal, como em (43), ou de quantificador indefinido, como em (44), embora as frases genéricas, como (43a), favoreçam a sua interpretação universal (cf. Sánchez López 1999:1037ss):

- (43) a. *Qualquer réu* tem direito à presunção de inocência. (*todo o réu* tem direito à presunção de inocência)
b. *Qualquer dos advogados* do escritório dele te prepararia uma sólida defesa. (*todos os advogados* do escritório dele te preparariam uma sólida defesa – com leitura distributiva de *todos*)
- (44) a. *Qualquer juiz* pode ler a sentença (amanhã). (*um juiz, não importa qual*, pode ler a sentença)
b. Pode ler a sentença *qualquer dos juízes* presentes. (*um dos juízes* presentes, não importa qual, pode ler a sentença)

Em ambos os casos, *qualquer* pode associar-se a um sintagma nominal não específico (como em (43a) e (44a)) ou específico (como em (43b) e (44b)), embora as frases genéricas, como (43a), favoreçam a interpretação universal de *qualquer*. Como indefinido, *qualquer* equivale a ‘um, qualquer um, um qualquer’ e forma expressões que podem tomar qualquer valor quantitativo próprio de um quantificador indefinido. Com esta interpretação, *qualquer* pode associar-se ao indefinido *outro*:

- (45) a. Qualquer outro resultado seria desanimador.
b. Outro resultado qualquer seria desanimador.

O quantificador universal *qualquer* determina a próclise, como mostram os exemplos em (46), enquanto o quantificador existencial indefinido *qualquer* determina a ênclise, conforme ilustram as frases em (47):

- (46) a. Qualquer advogado *se orgulha* das suas vitórias em tribunal.
b. Qualquer de nós *te diria* o mesmo.
c. Qualquer das minhas filhas *se licenciou* em Medicina.
d. Qualquer dificuldade *lhe parece* intransponível.
- (47) a. Qualquer outro resultado *afasta-nos* desse objectivo (CETEMPúblico) ({um outro resultado/outro resultado qualquer} *afasta-nos* desse objectivo)
b. Qualquer pessoa normal *classifica-os* de actos bárbaros e desumanos. (CETEMPúblico) ({uma pessoa normal, qualquer que ela seja,/uma qualquer pessoa normal} *classifica-os* de actos bárbaros e desumanos)
c. Estudar por conta própria, não estudava; mas ouvia-me atentamente, recusando terminantemente ir além dos apontamentos de aula ou das sebatas dos professores. Qualquer livro da biblioteca da faculdade, para aprofundamento de uma questão, parecia-lhe um obstáculo na sua carreira militar. (CRPC, J. Sena, *Sinais*) (um livro da biblioteca da faculdade para aprofundamento de uma questão parecia-lhe um obstáculo na sua carreira militar (qualquer que fosse o livro)).

- *Alguns*²¹

Os pronomes átonos são enclíticos nas frases declarativas que incluem o quantificador *alguns* em posição pré-verbal, mas são proclíticos nas frases interrogativas correspondentes. Exemplificam este contraste as frases (48a) e (48b), a primeira declarativa, com ênclise, a segunda interrogativa, com próclise. No entanto, nas frases interrogativas que não traduzem pedidos de informação, mas visam verificar (confirmando-a ou não) uma informação previamente veicula-

²¹ Cf. *algum* (sing.) na secção 65.1.3.2.1.

da, encontra-se a colocação enclítica característica das frases declarativas, como mostra a frase (48c).

- (48) a. Alguns ricos e famosos *viram-se* envolvidos no processo.
b. Alguns ricos e famosos *se viram* envolvidos no processo? (= há alguns ricos e famosos envolvidos no processo? Ou há só cidadãos anónimos?)
c. Alguns ricos e famosos *viram-se* mesmo envolvidos no processo? (= é mesmo verdade que (conforme foi noticiado) há alguns ricos e famosos envolvidos no processo?)

Embora o padrão normal de colocação dos clíticos nas frases declarativas com *alguns* seja a ênclise, a presença de modalizadores epistémicos (cf. Cap. 36) pode tornar a próclise aceitável, como mostram os exemplos em (49). A modalização introduzida pelo futuro ou por verbos que exprimem possibilidade, como *dever* em (49a), torna possível uma interpretação não referencial de *alguns*, o qual adquire então valor equivalente ao do quantificador existencial *algum*, este um típico indutor de próclise, como se observou em 65.1.3.2.1. Na ausência dos referidos modalizadores, só a ênclise é aceitável (cf. (49d)).

- (49) a. Alguns alunos me devem ter falado na greve, mas eu esqueci-me. (a par de alguns alunos devem-me ter falado na greve...)
b. Alguns alunos me *hãõ-de ter falado* na greve, mas eu esqueci-me.
c. Alguns alunos me *terãõ falado* na greve, mas eu esqueci-me. (a par de *alguns alunos ter-me-ãõ falado* na greve...)
d. Alguns alunos *falaram-me* na greve, mas eu esqueci-me. (em contraste com **alguns alunos me falaram* na greve...)

- *Tamanho/tamanhos, tanto/tantos*

Nas frases em que os quantificadores *tamanho/tamanhos* e *tanto/tantos* antecedem o verbo ocorrem quer a próclise quer a ênclise. A colocação do pronome átono é sempre proclítica em estruturas consecutivas (cf. (50a-c)) e em exclamativas avaliativas (cf. (50d,e) e veja-se a secção 65.1.3.8). A colocação enclítica é comum nos restantes casos, como mostram os exemplos em (51):

- (50) a. Tamanho arraial *se armou* que uma dezena de pessoas ficou ferida.
b. Tamanha bonomia *o acometeu* que não reagiu aos insultos.
c. Tanta gente *o viu* fazer isso que não o pode agora negar.
d. Tamanha insensatez *te acometeu*?!
e. Tantos acidentes *se podiam* evitar só com um pouco de bom-senso!
- (51) a. Tamanha altivez *punha-o* fora de si.
b. Surpreendentemente, tamanhos excessos *prolongaram-lhe* a vida.
c. Tanta solicitude *amolecia-o*. Era um cerco. Bem percebia que era um cerco. (CRPC, M. Dionísio, *Dia*)

A distribuição da próclise e da ênclise com *tamanho/tamanhos* e *tanto/tantos* pode aproximar-se, quanto ao condicionamento de cada uma das colocações, da situação que descrevemos para os quantificadores do tipo de *muitos*. Na verdade, nas estruturas consecutivas, as expressões quantificadas por *tamanho/tamanhos* e *tanto/tantos* encontram-se focalizadas (contrastivamente), recebendo uma interpretação idêntica à dos constituintes clivados. Nas frases que exibem ênclise, as expressões nominais introduzidas por *tamanho/tamanhos* e *tanto/tantos* podem interpretar-se como tópicos.

A ocorrência da próclise em exclamativas avaliativas não introduzidas (nem introduzíveis) por *que*, *quanto*, *como* também aproxima *tamanho/tamanhos* e *tanto/tantos* de *muitos*.

- *Cada*

No que diz respeito ao quantificador universal distributivo *cada*, diferentes falantes manifestam diferentes opções relativamente à colocação dos pronomes clíticos, preferindo uns a próclise, outros a ênclise²². Estando aqui em causa variação idiolectal, não existem factores semânticos ou estruturais que determinem uma ou outra colocação.

- (52) a. Cada um *se acobardara* (CRPC, F. Namora, *Homem*)
b. Cada um acobardara-se.
- (53) a. E cada vez *se vêem* maiores desentendimentos. (CRPC, PF, 0725)
b. cada vez *vêem-se* maiores desentendimentos.
- (54) a. Alimentava-se de omeletas. Cada uma das suas seis preciosas galinhas *lhe dava* um ovo por dia.
b. Alimentava-se de omeletas. Cada uma das suas seis preciosas galinhas *dava-lhe* um ovo por dia.
- (55) a. Cada hóspede *nos paga* diariamente cinquenta euros.
b. Cada hóspede *paga-nos* diariamente cinquenta euros.

65.1.3.3 Advérbios focalizadores

Nesta secção serão considerados, em primeiro lugar, os advérbios focalizadores exclusivos (*apenas, só, somente, logo, antes*) e inclusivos (*também, até, mesmo*) e, de seguida, os advérbios focalizadores aspectuais *já, ainda, quase, mal* (com a interpretação ‘quase não’), bem como o focalizador de modalidade *talvez*. Quando ocorrem em posição pré-verbal, todos os advérbios focalizadores determinam, obrigatoriamente, o padrão proclítico.

Os advérbios focalizadores põem em evidência (ou seja, põem em *foco*) um certo constituinte ou componente da frase, ao contrastá-lo com alternativas possíveis²³.

²² Para a autora deste capítulo, a próclise é a única colocação possível nas frases em que o quantificador *cada* antecede o verbo.

²³ Está aqui em causa o conceito de “foco contrastivo”, não o conceito de “foco informacional”. Os dois tipos de foco distinguem-se no plano prosódico (o segundo recebe um acento neutro enquanto o primeiro recebe um acento contrastivo), no plano sintáctico e no plano pragmático-discursivo. O foco informacional, exemplificado pelo constituinte em itálico em (iB), introduz informação nova (requerida ou não) no domínio do discurso, não transporta informação implícita, e ocorre tipicamente em posição final de frase:

- (i) A – Quem é que se despiu em cena ontem?
B – Despiram-se ontem em cena *as bailarinas*.

O foco contrastivo, exemplificado pelo constituinte sublinhado em (iiB), corrige informação conhecida (explicitada ou pressuposta), transporta informação implícita, e ou não envolve alteração da ordem básica dos constituintes da frase ou envolve anteposição do constituinte com a função de foco contrastivo, como ilustrado em (iii) e (iv):

- (ii) A – Disseram-me que ontem os actores se despiram em cena.
B – As bailarinas despiram-se em cena. / Só as bailarinas se despiram em cena. (= as bailarinas é que se despiram em cena)
implicação: os actores não se despiram em cena; ninguém excepto as bailarinas se despiu em cena

- (iii) A – O gato está a comer uma lagartixa.
B – a. O gato está a comer uma osga.
b. Uma osga está o gato a comer. (= é uma osga o que o gato está a comer)
implicação: o gato não está a comer uma lagartixa

- (iv) A – Tu não comes nada.
B – a. Eu como até pedras, quando tenho fome.
b. Até pedras eu como, quando tenho fome.

Para mais informação sobre a distinção entre *foco contrastivo* e *foco informacional*, veja-se o Cap. 63 e Zubizarreta (1999).

- Próclise com os advérbios focalizadores inclusivos e exclusivos

Os advérbios focalizadores de inclusão e exclusão denotam e realçam a pertença ou não pertença de um indivíduo (ou de um evento ou situação) a um conjunto pressuposto ou previamente mencionado no universo de discurso. Os advérbios *também*, *até*, *mesmo* operam no sentido da inclusão; os advérbios *apenas*, *só*, *somente*, *logo*, *antes* individualizam por exclusão²⁴.

Os advérbios focalizadores inclusivos/exclusivos aproximam-se dos quantificadores porque induzem a interpretação quantitativa do elemento que modificam, em virtude da implicação de existência (focalizadores inclusivos) ou de inexistência (focalizadores exclusivos) de outros elementos. Por isso, os focalizadores inclusivos/exclusivos são também designados *quantificadores focais* ou *quantificadores pressuposicionais* (cf. Sánchez López 1999:1105ss). Apenas diferem dos quantificadores indefinidos canónicos porque a implicação de existência ou inexistência não se deduz, directamente, da oração em que ocorre o *quantificador focal* (isto é, o advérbio focalizador), mas sim da pressuposição que implica.

Os exemplos (56) e (57) ilustram como a interpretação das frases em que ocorrem focalizadores inclusivos e exclusivos pode decompor-se em duas partes, uma explicitamente assertada, a outra implícita (ou *pressuposta*)²⁵:

Focalizadores inclusivos

- (56) a. *Também* o Pedro te traiu.
b. (i) ‘O Pedro traiu-te’
(ii) ‘Alguém além do Pedro te traiu’ [pressuposição]

Focalizadores exclusivos

- (57) a. *Só* o Pedro te traiu.
b. (i) ‘O Pedro traiu-te’
(ii) ‘Ninguém a não ser o Pedro te traiu’ [pressuposição]

Todos os advérbios focalizadores, tanto os de inclusão como os de exclusão, determinam próclise obrigatória quando precedem o verbo, como mostram os exemplos em (58)²⁶:

- (58) a. Também a ele *lhe agradavam* aqueles passeios ao fim da tarde.

²⁴ O advérbio focalizador exclusivo *antes* apenas pode pôr em foco eventos ou situações (e não indivíduos):

- (i) A – Então, deste-lhe os parabéns?
B – Eu? Antes o mandei passear. (= o que eu fiz foi mandá-lo passear, e não outra coisa)

²⁵ Os focalizadores inclusivos e exclusivos podem ser **escalares**, envolvendo então três níveis de interpretação:

- (i) a. Até o Pedro me traiu. [focalizador inclusivo escalar]
b. (i) ‘O Pedro traiu-me’
(ii) ‘Alguém além do Pedro me traiu’
(iii) ‘O Pedro era a pessoa que eu menos esperava que me traísse’
(ii) a. Logo o Pedro (entre todos eles) me traiu. [focalizador exclusivo escalar]
b. (i) ‘O Pedro traiu-me’
(ii) ‘Ninguém além do Pedro me traiu’
(iii) ‘O Pedro era a pessoa que eu menos esperava que me traísse’

²⁶ Na locução *também como* (com a interpretação ‘tal como, do mesmo modo que’), o advérbio *também* é irrelevante relativamente à colocação dos pronomes clíticos.

- (i) O seu corpo flutuava dentro do crepe vaporoso. Tal como naquela noite remota mas instantânea. E também como nessa noite, parecia-me irreal. (CRPC, F. Namora, *Domíngos*)

Nas locuções *mesmo com* (na acepção de ‘apesar de’) e *mesmo assim* (na acepção de ‘apesar disso’), o advérbio *mesmo* é irrelevante relativamente à colocação dos pronomes clíticos.

- (ii) E porém mesmo com a casa alterada e arranjada pela mãe e pela irmã, mesmo com todos os possíveis vestígios do passado disfarçados ou banidos, *acontecia-lhe* às vezes abrir um armário e deparar-se-lhe um casaco esquecido (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
(iii) Chegava a tomar três pastilhas à noite e mesmo assim, veja lá, *via-me* à rasca para adormecer. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

- b. Os animais também têm mazelas e também as pegam. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
 - c. Por fim, até a tortura se fatigava. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
 - d. não incomodavam nada, ora essa, o Artur até se ofendia se não o procurassem. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
 - e. Mesmo o papagaio me pareceu triste.
 - f. Apenas o Jorge se mostrou inconformado.
 - g. O cirurgião examinou-o e apenas lhe encontrou o crânio amolgado (CRPC, Camilo C. Branco, *Novelas*)
 - h. Só um pequeno grupo se mantinha tenazmente colado à porta de armas (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
 - i. Só agora eu lhe sabia o nome. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
 - j. Um passeio de vez em quando só lhe faria bem. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
 - k. Somente ele me contou a verdade.
 - l. Logo ele, entre todos os meus amigos, me havia de fazer isto.
 - m. Logo hoje, que estou de tão mau humor, me vens com essa conversa.
 - n. Curiosamente, não explode de ira, antes se resigna à situação (CRPC, F. Botelho, *Noite*)
- Próclise com os advérbios focalizadores aspectuais *já*, *ainda*, *quase*, *mal* e o focalizador de modalidade *talvez*

Os focalizadores aspectuais põem em evidência (em *foco*) a transição entre fases sucessivas no desenvolvimento de um evento. A focalização implica um contraste entre a situação assertada e uma situação alternativa²⁷.

O advérbio *ainda*, por exemplo, põe em evidência que a transição entre fases no desenvolvimento de um evento não aconteceu, mas acontecerá em breve ou poderia já ter acontecido. A presença de *ainda* introduz, pois, um contraste implícito entre a situação descrita e uma situação comparável (habitual ou esperada) mas de polaridade contrária, como ilustra (59):

- (59) a. O Maurício *ainda* está no trabalho.
b. (i) ‘O Maurício está no trabalho’
(ii) ‘Em breve, o Maurício (*já*) não estará no trabalho / O Maurício poderia (*já*) não estar no trabalho (a esta hora)’ [pressuposição]

O advérbio *já*, por seu turno, indica que uma transição entre fases no desenvolvimento de um evento ocorreu recentemente e põe em foco, desse modo, o momento inicial da nova fase:

- (60) a. O Maurício *já* está a dormir.
b. (i) ‘O Maurício está a dormir’
(ii) ‘Há pouco o Maurício (*ainda*) não estava a dormir / O Maurício poderia (*ainda*) não estar a dormir (a esta hora)’ [pressuposição]

Os focalizadores aspectuais aproximam-se dos focalizadores inclusivos/exclusivos na medida em que a interpretação das frases que os integram pode ser decomposta em duas partes (como nos exemplos (59) a (63)). No caso dos focalizadores aspectuais, essa decomposição torna evidente o contraste entre a situação observada e uma situação alternativa, esperada, desejável ou provável:

- (61) a. O Maurício *mal* trabalha (chega ao meio-dia e sai a seguir ao almoço).
b. (i) ‘O Maurício trabalha pouco / O Maurício quase não trabalha’
(ii) ‘O Maurício deveria trabalhar bastante mais’ [pressuposição]
- (62) a. A Maria *quase* caiu/morreu.
b. (i) ‘A Maria não caiu/morreu’
(ii) ‘Existiu uma possibilidade forte de que a Maria caísse/morresse’

²⁷ Cf. Cap. 51 e Lee, Eun Hee (2008).

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- (63) a. A Maria *quase* construiu a casa (mas a morte do marido fê-la suspender a obra).
b. (i) ‘A Maria não concluiu a construção da casa’
(ii) ‘Existiu uma possibilidade forte de que Maria concluísse a construção da casa’

O focalizador de modalidade *talvez* aproxima-se dos focalizadores aspectuais por afirmar como possível uma situação contrária à situação esperada (quer esta tenha sido afirmada explicitamente quer seja apenas pressuposta):

- (64) A – O João não vem.
B – O João *talvez* venha. (= é possível que o João venha (contra o que pensas))
- (65) A – O João vem amanhã.
B – O João *TALVEZ* venha. (= é possível que o João não venha (contra o que pensas))

A próclise ocorre regularmente quando os focalizadores aspectuais *ainda*, *já*, *mal* (na acepção de ‘quase não’) e *quase* precedem o verbo, conforme mostram os exemplos em (66)²⁸. O mesmo acontece quando o focalizador de modalidade *talvez* ocorre em posição pré-verbal, como se vê em (67)²⁹:

- (66) a. Ainda me falta contar-te uma coisa! (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
b. Anos depois, ainda o peixeiro, um unhas de fome, *lhe deixava* à porta um punhado de sardinhas (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
c. Já me habituei a vocês, partia-se-me o coração se nos separássemos. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
d. Já nesse tempo a voz *lhe tremia* (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
e. o rasgão que a faca produzira na camisa mal se notava (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
f. Naquele dia, quase me atrevi a entrar.
- (67) a. Talvez a porteira *me receba*, pensou o soldado (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. O Vieirinha sabia um mundo de coisas e talvez se ajeitasse a pôr o engenho a trabalhar. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

65.1.3.4 Advérbios enfatizadores

Certos advérbios, como *bem* nos exemplos (68a) e (69a) abaixo, quando ocorrem em posição pré-verbal, podem perder o valor semântico que lhes está normalmente associado. Os contrastes entre as frases (68a), (68b) e (69a), (69b) mostram com clareza que o advérbio modal *bem*, normalmente pós-verbal, quando anteposto ao verbo fica despojado de significação intrínseca, funcionando antes como um elemento atribuidor de ênfase à frase.

Na frase (68b), a continuação de *ele trabalha bem por mas não consegue fazer nada bem feito* é desajustada porque o advérbio *bem* (pós-verbal) tem interpretação de modo; idêntica continua-

²⁸ A ênclise torna-se possível, mas não obrigatória, quando *ainda* integra a locução *ainda por cima*:

- (i) a. Beba o que quiser, fume o que quiser, tome conta da filha o que quiser, chame o criado à vontade mas não empate a gente: a gaja ainda por cima *ria-se* de si, a gaja ainda por cima *gozava-o* de grande e você a consentir que o reinassem, que o embarrilassem, que tourada. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Enganou-nos e ainda por cima *se riu* de nós.

Enquanto marcador contrastivo/adversativo no interior de um sintagma nominal, o advérbio *já* permite a ênclise a par da próclise:

- (ii) a. A Maria não me conta nada. Já o Pedro *conta-me* sempre tudo...
b. A Maria está sempre atenta; já a Sofia *se distrai* muito.

Com a locução *já agora*, ocorre apenas a ênclise:

- (iii) E já agora *tragam-me* uma garrafinha de água-pé no regresso que estou com uma sede que nem vejo. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

²⁹ Outros advérbios modalizadores admitem quer a próclise quer a ênclise. Assim acontece, por exemplo, com *certamente* (cf. 65.1.3.5).

ção convém a *ele bem trabalha*, em (68a), porque aí o advérbio *bem* é apenas um intensificador do predicado e um enfatizador da asserção.

- (68) a. Ele bem trabalha, mas não consegue fazer nada bem feito.
b. Ele trabalha bem, #mas não consegue fazer nada bem feito.

Idêntico contraste se observa entre o par de frases em (69). A continuação *mas pouco* é agora desajustado em (69a), onde *bem* intensifica e enfatiza a afirmação *ele trabalha*, mas ajustada em (69b), onde *bem* apenas denota o modo como *ele trabalha*.

- (69) a. Ele bem trabalha, #mas pouco.
b. Ele trabalha bem, mas pouco.

Além de *bem*, outros advérbios podem manifestar a propriedade de “enfatizadores”, quando se apresentam em posição pré-verbal. Nestas circunstâncias são sempre desencadeadores de próclise e mostram-se despojados da interpretação que geralmente apresentam quando estão em posição pós-verbal. Em (70) dão-se exemplos ilustrativos, com os advérbios *bem*, *lá*, *até*, *logo*, *sempre*, *já*³⁰. Nestes exemplos, *bem* não tem valor modal, *até* e *já* não se comportam como focalizadores, *logo* e *sempre* apresentam-se esvaziados de conteúdo temporal/aspectual e *lá* esvaziado de referência locativa:

- (70) a. Eu não tinha chamado nenhum, e eles bem o sabiam. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. Quando ela dera entrada no hospital bem me parecia uma cara conhecida. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
c. Ele bem o quis animar mas não conseguiu.
d. Depois lá se lembra da desfeita que lhe fizeram e, por descargo de consciência, uiva. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
e. Eles lá se entendem. Lá se encontram (aqui mesmo, no café) todas as tardes para conspirar.
f. Eu até te contava, mas não posso.
g. Mas tu não precisas de dinheiro para coisa nenhuma! Até o rasgas!... (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
h. Logo me esqueci de regar a planta de que ele mais gostava!
i. A Maria logo lhe foi dizer que o gato desapareceu!
j. Logo nos perdemos! Agora não vamos mesmo chegar a horas.
k. Amanhã sempre nos rimos um bocado e ficamos mais animadas.
l. Prefiro andar de transportes públicos. Sempre me sai mais barato.
m. Porque não bebes um café? Sempre te tira o sono.
n. Já se sabe o que a casa gasta!
o. Já a conversa te desagrada, não é?!

Os advérbios enfatizadores podem acumular valores secundários, como o valor avaliativo e deôntico de *logo* nos exemplos (70h-j) – que acarreta a implicação de que algo não deveria ter acontecido – ou o valor confirmativo que o advérbio *sempre* geralmente adquire quando não tem interpretação temporal, como acontece em (71), onde se afirma a concretização de uma possibilidade³¹.

³⁰ Como marcador pragmático (cf. Cap. 69), *bem* ocorre numa posição periférica relativamente à frase, com um contorno melódico próprio, sendo, pois, irrelevante no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos.

(i) A – Queres jantar com a Filipa na sexta?
B – Bem... Eu vejo-a todas os dias...

³¹ Contudo, como mostra o exemplo (70m), o valor confirmativo pode estar ausente, mostrando-se o advérbio *sempre* puramente enfático. Além disso, como marcador de ênfase, *sempre* pode ocorrer em contextos de contradição (e não de confirmação) de uma asserção prévia ou de uma pressuposição, como mostram os exemplos seguintes:

(i) A – A Maria não vai ao Brasil.
B – Sempre vai.

- (71) Afinal sempre *te casaste* com uma viúva como me segredaram, sempre *te enforcaste* com uma tija de mais dez anos do que tu (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

Nas frases (70h-j), com *logo*, a ênfase resulta da pressuposição de que o falante desejaria a não realização do evento descrito (i.e., em (70h), ter-me esquecido de regar a planta, em (70i) A Maria ter-lhe dito que o gato desaparecera e em (70j) o facto de nos termos perdido). O advérbio *logo* adiciona às frases um valor de avaliação (negativa) do evento, ou situação, por parte do falante. Neste aspecto, as frases com *logo* enfático sem referência temporal aproximam-se das exclamativas avaliativas estudadas na secção 65.1.3.8 abaixo.

O advérbio *logo* pode, por outro lado, manifestar esbatimento mas não total apagamento do valor temporal, funcionando ainda assim como atribuidor de uma tonalidade enfática à frase, no seu todo. Os exemplos em (72), abaixo, mostram que a próclise também ocorre nestes casos³²:

- (72) a. A – Já lhe telefonaste?
B – Não. Logo *se vê* se lhe telefono ou não (= ver-se-á se lhe telefono ou não)
b. Logo *mo devolves* quando não te fizer falta, não te preocupes. (= há-de devolver-mo quando não te fizer falta...)
c. Ele logo *se arrepende* de não ter aceitado a minha oferta. (= ele há-de arrepender-se de não ter aceitado a minha oferta)

Nas frases apresentadas em (72), a atenuação da referência temporal de *logo* faz com que passe a exprimir uma futuridade sem limite definido. Por isso, as frases são parafraseáveis por outras com supressão do advérbio *logo* e o verbo no futuro simples (*ver-se-á*) ou perifrástico (*há-de devolver-me*, *há-de arrepender-se*). A presença de *logo* acrescenta, no entanto, uma tonalidade enfática por traduzir um certo compromisso (intemporal) do falante com a verdade do que afirma.

No que diz respeito aos advérbios locativos, o advérbio *lá* é o marcador de ênfase por excelência. Mas os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá* podem ser, igualmente, marcadores de ênfase e apresentar esbatimento do valor locativo. Sempre que estes advérbios ocorrem em posição pré-verbal e apresentam atenuação da referência espacial, actuam como atribuidores de ênfase à frase (no seu todo) e são indutores de próclise:

- (73) a. Aí *a tinha* pois. Uma ruína, uma simples coisa de que poderíamos dispor. (CRPC, F. Namora, *Domíngo*)
b. É tão teimoso. Ali *me anda* ele a coxear em vez de me pedir que lhe leve um copo de água.
c. Aqui *lhes digo*, a voseses, aqui sentados os três: ele há ventos e ele há ventos. (CRPC, N. Bragança, *Noite*)
d. Não, não se incomode, não é preciso, eu cá *me arranjo*. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
e. Lá *me vens* tu outra vez com essa conversa!
f. até nem sou tonta, tenho a cabecinha bem assente nos ombros... e cá *me vou* aguentando... (CRPC, F. Botelho, *Noite*)

Na frase (73b) há asserção de existência mais do que localização no espaço. Também as frases (73b-e) mostram a diluição do valor locativo de *ali*, *aqui*, *cá* (tornando-se a referência espacial indefinida). Assim, em (73b) *ali* pode alternar facilmente com *aqui*; e em (73c-e) os advérbios *aqui* e *cá* podem ser suprimidos, sem que a interpretação das frases se altere (a presença de *aqui* e *cá* apenas reforça a asserção, introduzindo uma nota de ênfase e, portanto, uma presença mais saliente do locutor).

(ii) A – Tu não queres chá, pois não?
B – Sempre quero.

³² Cf. 65.1.3.5, onde se mostrará como se comporta *logo* relativamente à colocação dos pronomes clíticos quando mantém plenamente a interpretação temporal.

O advérbio *lá* representa, dentro deste grupo de advérbios, o caso mais extremo de esvaziamento da interpretação locativa. Em (73e), bem como nos exemplos (70d,e) acima, é muito claro que este advérbio não identifica uma posição no espaço situacional que possa ser apontada ou identificada por um antecedente discursivo³³.

65.1.3.5 Advérbios focalizados

A maioria dos advérbios pode ser objecto de focalização contrastiva (no que os elementos adverbiais não diferem de outro tipo de constituintes focalizados, como veremos na secção 65.1.3.6). Os advérbios focalizados ocorrem em posição pré-verbal e induzem a colocação próclítica dos pronomes átonos. Os paradigmas (74) a (78), abaixo, integram advérbios em posição pré-verbal e mostram-nos como o mesmo advérbio pode ser um foco contrastivo e acarretar próclise ou ser, pelo contrário, um constituinte topicalizado (cf. Cap. 62) e associar-se à ênclise (ou à mesóclise). As frases com advérbios focalizados (cf. exemplos (a) de cada paradigma), contrariamente àquelas em que os mesmos advérbios estão topicalizados (cf. exemplos (b) de cada paradigma), são geralmente parafraseáveis com recurso às estruturas genericamente chamadas *de clivagem* (cf. Cap. 59). Assim, nas paráfrases dos exemplos (a) estão destacados por itálico os elementos que constroem essas estruturas *clivadas* (em sentido lato), os quais permitem “isolar” o elemento que constitui o foco contrastivo. Os advérbios focalizados têm ainda a particularidade de poderem ser modificados por advérbios focalizadores (cf. 65.1.3.3), como mostram as frases (c) nos exemplos (74) a (76).

- (74) a. Rapidamente *se* voltou e *me* perguntou o que fazia eu ali. (= *foi* {rapidamente/com um gesto rápido} *que* se voltou e me perguntou o que eu fazia ali (não com lentidão))
b. Rapidamente, *voltou-se* e *perguntou-me* o que fazia eu ali. (= {sem demora/em curto espaço de tempo}, *voltou-se* e *perguntou-me* o que fazia eu ali)
c. Só rapidamente, tomando balanço, *se consegue* voltar.
- (75) a. Depois *se* saberá a verdade. (= depois [disso] *é que* se saberá a verdade (não é agora))
b. Depois, *saber-se-á* a verdade. (= então saber-se-á a verdade)
c. Só depois *se* saberá a verdade.
- (76) a. Ultimamente *me* tem parecido desanimada. (= ultimamente *é que* me tem parecido desanimada (ao contrário do que acontecia antes))
b. Ultimamente, *tem-me* parecido desanimada. (= nestes últimos tempos, *tem-me* parecido desanimada (possível continuação: mas de facto nunca estive animada))
c. Só ultimamente *me* tem parecido desanimada.
- (77) a. Agora *te* exijo uma resposta. (= *é* (exactamente) agora *que* te exijo uma resposta (não é depois))
b. Agora, *exijo-te* uma resposta. (= neste momento, *exijo-te* uma resposta (possível continuação: e continuarei a exigi-la se não me responderes))
- (78) a. Certamente/decerto *o* encontrarei lá. (= *é* certo/seguro *que* o encontrarei lá (não duvido que será assim))
b. Certamente/decerto, *encontrá-lo-ei* lá. (= tenho um grau alto de certeza de que o encontrarei lá (mas admito que me possa enganar))

Alguns advérbios não podem ser topicalizados. Quando ocorrem em posição pré-verbal estão necessariamente focalizados e induzem, sem excepção, a próclise. Cabem neste grupo o advérbio temporal *sempre* e os advérbios de modo *assim*, *melhor*, *pior*, *cedo* (na acepção de ‘depres-

³³ Não é, pois, dêictico nem anafórico, divergindo assim, claramente, das propriedades típicas dos advérbios locativos (cf. Cap. 51).

sa’)³⁴. No caso que agora nos ocupa, o advérbio *sempre* tem o valor temporal/aspectual³⁵ que também apresenta quando ocorre em posição pós-verbal:

- (79) a. Fosse Primavera ou Inverno sempre uma flor *lhes fazia* companhia. (CRPC, M. R. Araújo, *Palhaço*)
b. Sempre *me espantou* esta poderosa confiança que não aprecia basear-se em nada (CRPC, M. I. Barreno, *Morte*)
c. Assim *o olhou* o pessoal do posto Shell quando ele apareceu no bar, assim *o olharia* o pregoeiro das lotarias dando largas ao seu contentamento. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
d. Amanhã talvez possamos dar outra volta. – Assim *o espero*. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
e. Melhor *me pareceria* que esperasses para ver!
f. Pior *te fica* não dizeres nada!
g. Se mal corria há muito a casa e o governo doméstico da família Zé Pereira, pior *se tornou* depois dessa época. (CRPC, J. Dinis, *Morgadinha*)
h. O João cedo *se cansou* de esperar.
i. Cedo *me apercebi* do problema.

[1] O advérbio de modo *assim*, que induz próclise, deve distinguir-se do advérbio conectivo (conclusivo) *assim* (com a interpretação de ‘portanto’, ‘por isso’), que funciona como elemento de ligação entre frases, explicitando o seu encadeamento lógico. O advérbio conectivo *assim* não afecta a colocação dos clíticos – por isso, na sequência discursiva em (i), haverá ênclise na segunda frase quer *assim* esteja presente quer esteja ausente:

- (i) Não tinha com quem falar. (*Assim*,) telefonava-me todos os dias.

O contraste entre o conector frásico *assim* e o advérbio de modo, proclisador, *assim* pode ser evidenciado pela possibilidade de pôr em destaque o segundo através de uma estrutura clivada (compare-se *atiraram-lhe uma corda e assim o salvaram* com *atiraram-lhe uma corda e assim é que o salvaram*), não sendo a clivagem admitida pelo conector conclusivo (*queria vê-lo morto e, assim, não tentou salvá-lo* vs. **queria vê-lo morto e assim é que não tentou salvá-lo*). A natureza periférica, relativamente à frase, do advérbio conectivo *assim* permite (e favorece) que esteja separado do resto da frase por uma pausa prosódica (codificada na escrita através de uma vírgula), contrariamente ao que se observa com o advérbio proclisador *assim* – veja-se o contraste entre (ii) ((ii) retoma o exemplo apresentado em (79c)), e (iii):

- (ii) a. Assim *o olhou* o pessoal do posto da Shell quando ele apareceu no bar, assim *o olharia* o pregoeiro das lotarias dando largas ao seu contentamento (CRPC, C. Pires, *Delfim*).
b. *Assim, *o olhou* o pessoal do posto da Shell quando ele apareceu no bar, assim, *o olharia* o pregoeiro das lotarias dando largas ao seu contentamento.
(iii) Assim, o pessoal do posto da Shell *olhou-o* como quem olha um espectro.

Note-se ainda que em (ii) acima não é o facto de ocorrer um pronome átono em próclise que impede a existência da pausa prosódica, como mostra a gramaticalidade de (iv); o que importa é o estatuto periférico (caso do conector) ou não periférico (caso do advérbio de modo) de *assim* relativamente à frase.

- (iv) Assim, sem dúvida, *o olharia* também o pregoeiro.

Alguns advérbios apresentam-se frequentemente focalizados quando antecedem o verbo, embora possam ser tanto focos contrastivos como tópicos. Pertencem a este grupo o advérbio *logo* e

³⁴ Também os advérbios de modo *mal* e *bem* resistem à topicalização; no entanto, podem encontrar-se topicalizados em contextos como o seguinte:

- (i) A – Este casaco fica-me *mal/bem*, não fica?
B – Não. *Mal/bem*, fica-te o vermelho.

³⁵ *Sempre* (tal como *nunca* ou *raramente*) é um advérbio temporal que quantifica sobre intervalos de tempo e exprime frequência relativa. Veja-se García Fernández (1999) e o Cap. 51.

os advérbios locativos *aí, ali, aqui, cá, lá*. Ocupar-nos-emos primeiro do advérbio *logo* e em seguida dos advérbios locativos com o objectivo de contrastar a próclise que frequentemente induzem com a ênclise que também permitem.

- *Logo*³⁶

Ocorrendo em posição pré-verbal, *logo* desencadeia próclise quando se encontra focalizado contrastivamente, conservando neste caso integralmente a interpretação temporal, e sendo objecto de destaque enfático, como se ilustra em (80). Nestes exemplos, *logo* é traduzível por ‘imediatamente, rapidamente, de seguida’ e tem uma interpretação temporal definida, indicando um tempo futuro mas muito próximo (relativamente a um momento discursivamente identificado).

- (80) a. Transpúnhamos o portão, a pergunta desalinhou-lhe o passo, mas logo o *rectificou*, acertando-o pelo meu. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
b. O rosto de Clarisse, um momento indeciso, logo se *desenrugou* numa surpresa ávida e triunfante. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
c. Vergado pelo peso do saco, as palavras saíam-lhe rouquejadas e logo a poeira *as envolvia* de sufocação. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
d. Jogaram com ele, atirando-o uns aos outros. Logo se *cansaram* e correram para o grande arco da entrada interior (CRPC, J. Sena, *Físico*)

A ênclise ocorre com o advérbio *logo* quando este se encontra topicalizado. Nesta situação, *logo* apresenta também referência temporal definida mas interpreta-se como ‘mais tarde’, ‘daqui a umas horas’ e não ‘imediatamente’. Quando topicalizado, *logo* ocorre preferencialmente modificado por *mais* ou por sintagmas preposicionais de referência temporal (*logo à noite*, por exemplo):

- (81) a. Deixa-me ficar aí o martelo. (Mais) logo, *vou-to* lá levar.
b. Logo (*à noite*) *telefona-me*, está bem?
c. Logo, para festejarmos, *levo-te* a jantar fora.

O par de frases em (82) mostra que quando *logo* está focalizado (e assim destacado enfaticamente) só a próclise é possível:

- (82) a. As mães são assim mesmo. Ralham mas logo se *arrependem*. (= ralham mas imediatamente se arrependem)
b. As mães são assim mesmo. *Ralham mas logo *arrependem-se*.

O par de frases em (83), por sua vez, mostra que quando *logo* é claramente um tópico discursivo, a ênclise é a única opção aceitável.

- (83) a. Ele deixa tudo para “logo, depois do jantar”. Diz sempre: “Logo, depois do jantar, estudo”; “logo, depois do jantar, arrumo o quarto”; “logo, depois do jantar, tomo banho”; “logo, depois do jantar, *mostro-te* as fotografias do passeio”.
b. Ele deixa tudo para “logo, depois do jantar”. Diz sempre: “Logo, depois do jantar, estudo”; “logo, depois do jantar, arrumo o quarto”; “logo, depois do jantar, tomo banho”; *“(u)logo, depois do jantar, *te mostro* as fotografias do passeio”.

Note-se que a impossibilidade da próclise em (83b) não é o resultado da existência de uma pausa prosódica a preceder o clítico, mas sim o efeito regular da topicalização de *logo*, conforme comprova (84). Na frase (84) *logo* é um foco contrastivo e não um tópico, diferentemente de (83). Por isso, apesar de o constituinte *num ápice*, intercalado entre o advérbio *logo* e

³⁶ Quando integra um sintagma preposicional, *logo* (com interpretação temporal) é irrelevante relativamente à colocação dos pronomes clíticos, como se verifica em *e logo à entrada o senhor loiro segurou-lhe no ombro* (CRPC, L. Antunes, *Fado*).

o verbo, introduzir uma pausa a seguir ao advérbio, continua a registar-se a colocação proclítica do pronome *se*.

(84) As mães são assim mesmo. Ralham mas logo, num ápice, *se arrependem*. (= ralham mas imediatamente se arrependem)

- Advérbios locativos

Paralelamente ao que se observa com o advérbio *logo*, também os advérbios locativos *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, quando precedem o verbo, podem apresentar-se focalizados (*ocupou essa cabana e aí se deixou ficar até morrer*) ou topicalizados (*o café do Videirinha? Aí, sabe-se de tudo*)³⁷. No primeiro caso, os pronomes átonos colocam-se procliticamente; quando os advérbios locativos estão topicalizados, os pronomes átonos são enclíticos. Ilustram-se a seguir as duas situações, comentando brevemente os exemplos apresentados.

Quando os advérbios locativos estão focalizados, adquirem a interpretação exclusiva característica dos focos contrastivos, dos constituintes modificados por focalizadores exclusivos (cf. 65.1.3.3) e dos constituintes clivados. As frases em que ocorrem os advérbios locativos focalizados podem, por isso, ser parafraseadas por ‘aí/ali... é que’ / ‘só aí/ali... e não noutro lugar’. Assim, *aí o atacou*, no exemplo (85a), interpreta-se como ‘aí é que o atacou’; ou seja, ‘aí e não em qualquer outro lugar’. Diz-se que a interpretação é “exclusiva” por isolar um único lugar de entre um conjunto de lugares possíveis. O mesmo efeito se observa nos exemplos (85b-e), conforme explicitado nas paráfrases entre parênteses:

- (85) a. Embarcou para Cuba com um contrato tentador, e aí o atacou uma terrível doença das Antilhas. (CRPC, *A Capital*) (= e foi aí que o atacou uma terrível doença das Antilhas)
- b. Do monte avistava toda a planície. Ali os esperaria. (= esperá-los-ia ali mesmo, e não em qualquer outro lugar)
- c. Aqui me criei. Aqui é que vou ficar. (= foi aqui (mesmo) que me criei; logo, é aqui (no mesmo lugar) que vou ficar)
- d. Cá se fazem, cá se pagam. (= é cá (neste lugar/neste mundo) que se fazem; logo, é cá (e não {noutro lugar/no outro mundo}) que se pagam)
- e. Aos domingos não faltava ao almoço em casa dos compadres. Lá se comiam umas belas morcelas. (= era lá em casa dos compadres (mais seguramente do que em qualquer outro lugar) que se comiam umas belas morcelas, razão suficiente para não faltar ao almoço de domingo)

A ênclise ocorre com os advérbios locativos pré-verbais quando estes se encontram topicalizados. Nesta situação, ou o advérbio locativo tem um antecedente discursivo, interpretando-se como um locativo anafórico (cf. (86a) e (86g), por exemplo), ou a referência locativa definida resulta da sua natureza dêictica (cf. (86b), por exemplo):

- (86) a. O nosso riquexó conseguiu chegar ao lado esquerdo da rua. Aí travava-se uma luta inglória entre os transeuntes e os veículos. (CRPC, *Público*)
- b. Cuidado, Ricardo. Aí, onde está esse buraco, *deixou-se* o Pedro cair no outro dia.
- c. João Eduardo demorava-se em casa o mínimo possível e já não procurava esconder a impaciência. Ali, *sentia-se* um estranho. (CRPC, F. Namora, *Homem*)

³⁷ Como marcadores de ênfase no interior de um sintagma nominal, os advérbios *aí*, *aqui*, *ali*, *cá*, *lá* são irrelevantes no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos (vejam-se os exemplos abaixo). Neste aspecto, comportam-se como o advérbio *já*:

- (i) a. Aí o Joãozito, *está-se* a fazer esquerdo!
b. Ali o Paulinho *saiu-nos* mesmo um safadinho!
c. Aqui o nosso amigo Pedro *disse-me* que o tens andado a infernizar.
d. E se não cumprir cá um que eu sei *faço-o* cantar (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
e. O pessoal cá de Estremoz *bebe-lhe* bem.
f. Lá do trabalho *queixa-se* ele muito, da má vida é que não.

- d. Aqui *cozinha-se* divinamente.
- e. Cá *ensinam-nos* coisas que nem sonhas.
- f. (Por) cá, *está-se* melhor do que aí.
- g. É uma aldeia com uma vintena de habitantes. Lá, *sabe-se* sempre de tudo.

Em contraste com os casos de focalização, os advérbios locativos topicalizados não admitem uma interpretação exclusiva traduzível através de uma estrutura clivada, do tipo *aí/ali... é que / foi aí/ali... que*. Como se viu acima, a frase (85a) interpreta-se como ‘foi aí (e não noutra lugar) que o atacou uma terrível doença’, mas a interpretação da frase (86a), por exemplo, não exclui a possibilidade de em outros lugares se travar também uma luta inglória, não sendo portanto traduzível por ‘aí é que se travava’. O mesmo efeito de não exclusão está presente nas restantes frases³⁸.

O par de frases em (87) ilustra a distinção entre focalização e topicalização que tem vindo a ser comentada, e que se correlaciona com a oposição entre próclise e ênclise. Embora nas duas frases se afirme que se comem boas morcelas em casa de fulano, na frase (87a), além disso, nega-se (ou põe-se em dúvida) a possibilidade de se comerem morcelas tão boas em outro lugar, o que não acontece na frase (87b). Ou seja, (87b) apenas assera que se comem umas belas morcelas em casa dos compadres; (87a) assera que se comem umas belas morcelas em casa dos compadres e pressupõe, adicionalmente, que não se comem em nenhum outro lugar morcelas tão boas.³⁹

- (87) a. Aos domingos não faltava ao almoço em casa dos compadres. Lá *se comiam* umas belas morcelas.
- b. Aos domingos não faltava ao almoço em casa dos compadres. Lá, *comiam-se* umas belas morcelas e podia ver a Maria Teresa...

65.1.3.6 Outros focos contrastivos antepostos (não adverbiais)

Viu-se na secção precedente como os advérbios que normalmente estão associados à colocação enclítica dos pronomes átonos podem, quando focalizados, associar-se à próclise (*depois dizes-me o que queres fazer* vs. *depois me dirás o que queres fazer*). Neste aspecto, os advérbios não diferem, na verdade, de qualquer outro tipo de constituinte que se apresente focalizado. Os focos contrastivos antepostos (ao verbo), independentemente da sua natureza adverbial, preposicional, nominal ou oracional, são desencadeadores de próclise (p.e., *de pequenino se torce o pepino*, *voando se alcança o céu*, *um golpe traiçoeiro a fez tombar*).

Como mostram os exemplos em (88), um complemento verbal com a função discursiva de foco contrastivo não se apresenta necessariamente anteposto ao verbo. Assim, o complemento verbal preposicional *para a rua* é um foco contrastivo tanto em (88b) como em (88c), mas só em (88c) ocorre antes do verbo. Os termos “focalização” e “constituinte focalizado” usam-se exclusivamente para identificar os casos em que o constituinte interpretado como foco contrastivo precede o verbo; se se tratar de um complemento verbal, isso implica que tenha sido deslocado da sua posição habitual, pós-verbal (daí a designação “foco anteposto”). Só quando há *focalização*, ou

³⁸ Note-se que na frase (i) a interpretação exclusiva relativamente à identificação do lugar em que se come o melhor peixe cozido é induzida pela expressão *em parte nenhuma*, não resultando da focalização enfática de *aqui*.

(i) Aqui *coze-se* o peixe como em parte nenhuma. Há quem venha aqui de propósito por causa da pescada. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

³⁹ É possível uma outra leitura da frase (87a), em que *lá* não é o advérbio locativo focalizado contrastivamente, mas sim o advérbio enfatizador (cf. 65.1.3.4). Nesse caso, a presença de *lá* enfatiza que as morcelas eram muito boas e torna claro o envolvimento do falante nessa avaliação. A cada uma das interpretações está associada uma entoação particular da frase. Recai sobre *lá* um acento prosódico marcado apenas quando está focalizado, e a frase se interpreta como ‘era lá que se comiam umas belas morcelas’.

seja, só quando o foco contrastivo precede o verbo, ocorre a próclise (comparem-se (88b), sem focalização e, portanto, com ênclise, e (88c), com focalização e, portanto, com próclise).

(88) [Situação: alguém entra em casa trazendo consigo o gato da família.]

A – Ah, o Gaspar escapou-se para o jardim sem eu dar por isso!

B – a. O Gaspar *escapou-se* PARA A RUA! (não foi para o jardim)

b. PARA A RUA *se escapou* o Gaspar! (não foi para o jardim)

Na secção precedente, observou-se também que os advérbios que ocorrem em posição pré-verbal podem encontrar-se focalizados ou topicalizados e que se associam à próclise apenas quando focalizados. O mesmo acontece relativamente aos constituintes não adverbiais. Vejam-se as duas frases em (89), as quais diferem apenas pela posição do pronome clítico. As frases têm interpretações diferentes porque na primeira o constituinte oracional *atravessando a várzea* está topicalizado, enquanto na segunda o mesmo constituinte se encontra focalizado. Na frase com focalização e, portanto, próclise, está presente o valor de exclusividade, contrastivamente definida, que em geral se associa às estruturas de clivagem (cf. (89b) e respectiva paráfrase); na frase com ênclise, esse valor está ausente (cf. (89a) e respectiva paráfrase). Enquanto em (89a) se declara apenas que se pode chegar ao mar atravessando a várzea, mas não se exclui a possibilidade de se chegar ao mar por outro caminho, a frase em (89b) assera que o caminho para o mar é exclusivamente através da várzea.⁴⁰

(89) a. Atravessando a várzea, *chega-se* ao mar. (= se se atravessar a várzea, chega-se ao mar)

b. Atravessando a várzea se chega ao mar. (= é atravessando a várzea (e não de qualquer outro modo) que se chega ao mar)

A frase fixada pela tradição oral *de pequenino se torce o pepino* (que está na origem do título do álbum de Sérgio Godinho *De pequenino se torce o destino*) é um bom exemplo de como a focalização e a próclise são indissociáveis. Só com a colocação proclítica do pronome a frase tem a interpretação ‘é de pequenino (e não a partir de qualquer outro momento) que se educa’ (uma frase correspondente com ênclise seria, aliás, não interpretável). No prefácio à obra de José Cardoso Pires *De Profundis, Valsa Lenta*, João Lobo Antunes, prevenindo uma eventual interpretação abusiva por parte dos seus leitores, esclarece:

(90) A carta já vai longa de mais, e disso me penitencio (João Lobo Antunes, “Carta a um amigo-novo” in C. Pires, *Profundis*)

Desta afirmação podem extrair-se duas implicações (contrastivamente definidas): ‘não me orgulho da extensão da carta, antes me penitencio por isso’; ‘é (só) disso, e não de ter escrito a carta, ou de qualquer outra coisa, que me penitencio’.

Reúne-se de seguida um conjunto, adicional, de exemplos ilustrativos da próclise em frases com focos contrastivos antepostos (sublinha-se o constituinte focalizado, que é nestes exemplos uma expressão nominal, preposicional ou oracional)⁴¹:

(91) a. Ganham mais que na ceifa; [isso te digo eu.]⁴² (= é isso que eu te digo)

b. Nas pernas me fiava eu. (Aquilino, *Malhadinhas*) (= era nas pernas que eu me fiava)

c. Uma miniatura de champanhe francês é cara para o efeito e beber champanhe àquela hora é um crime de lesa-majestade. O dilema hamletiano, na versão beber ou não

⁴⁰ A frase (89b) poderia ser produzida num contexto discursivo como o que se apresenta em (i):

(i) A – Seguindo sempre por esta estrada, chega-se ao mar.

B – Atravessando a várzea se chega ao mar. (= atravessando a várzea (é que) se chega ao mar)

A frase (iB) introduz uma nova asserção que nega e corrige a asserção precedente (i.e., (iA)). O constituinte focalizado recebe necessariamente um acento prosódico contrastivo.

⁴¹ Vejam-se outros exemplos e o comentário dos mesmos em Said Ali (1908:51ss).

⁴² Exemplo retirado de Cunha e Cintra (1984:313).

- beber. [E neste regime me tenho mantido.] com desvios de amargar. Cada vez que tento vencer o medo dentro do avião, apanho um voo mau e volta tudo para trás. (Clara Ferreira Alves, *Expresso*) (= é neste regime que me tenho mantido)
- d. Justamente, meu caro amigo, [por vir para as empresas da família lhe exijo muito mais do que aos outros,] nem sonhe que lhe facilito a tarefa um bocadinho (CRPC, L. Antunes, *Fado*) (= por vir para as empresas da família é que lhe exijo mais do que aos outros)
- e. mas essa palavra tétano, tremenda e rara, e de qualquer dos modos sensacional, iria correr, como um fado, as léguas da charneca – [e por isso a vila *se achou* na obrigação de participar dessa glória,] ajudando o Barbaças a morrer ou a viver. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) (= por isso é que a vila se achou na obrigação de participar dessa glória)
- f. Não lhe respondi, e pareceu-me que aquela cena tinha sido comicamente absurda [...]. [Isto me aproximou do meu primo] (CRPC, J. Sena, *Sinais*) (= foi isto que me aproximou do meu primo)
- g. Gritos agudos a afastaram e me fizeram voltar a cabeça. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*) (= foram gritos agudos que a afastaram e me fizeram voltar a cabeça)
- h. De súbito, as deusas pararam e fitaram-no risonhas, e, os olhos brilhando como fogo, mediam-no, deitado, da cabeça aos pés. [Um cálido tremor o percorreu, e um anseio opresso lhe ocupou o peito:] suspirou. (CRPC, J. Sena, *Físico*) (= foi um cálido tremor o que o percorreu e um anseio opresso o que lhe ocupou o peito)

65.1.3.7 Declarativas (afirmativas) enfáticas

A próclise pode ocorrer em frases declarativas enfáticas em que não há focalização contrastiva do constituinte que precede o verbo. Isso acontece quando a ênfase recai sobre o valor de verdade da asserção, ou seja, quando o falante põe em relevo a sua convicção de que aquilo que afirma é verdadeiro, ainda que pareça falso ou improvável. A frase em (92) ilustra este tipo de declarativa enfática:

- (92) A ferrugem viera corroer o engenho, o comerciante da cidade hipotecara-lhe o coração da courela, os anos ruins, as estradas e os motores tinham vindo roubar-lhe a parrelha de mulas – mas o sonho continuava de pé. [Ele *se levantaria* dos destroços, ele iria recomeçar em cada dia.] (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

O constituinte *ele* (na frase *ele se levantaria dos destroços*) não tem, neste caso, uma leitura exclusiva (isto é, ‘ele e não outro qualquer’)⁴³; aquilo que se enfatiza é a asserção/convicção de que “ele” seria capaz de resistir e recuperar de um cenário adverso, embora todos os ingredientes desse cenário apontassem na direcção contrária. A frase (92) traduz, pois, a par de uma asserção afirmativa, a negação de uma pressuposição, que está implícita no contexto discursivo.

Uma passagem de *O Malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro, permite observar o mesmo efeito de contraposição entre o que é, ou se supõe, esperado e o que se afirma:

- (93) Eu tinha em ponto de mira o Tenente, [...] que já o toscara por duas vezes a fazer-me o pau: atiro-te, não te atiro à tola. “O primeiro a cair és tu – assentei para comigo. – Sim, quando houver de me decidir, é por cima do teu corpo que tenho de passar”. Ele parece que compreendeu. [...] Trazia um pau argolado, um rico pau de marmeleiro com choupa e ponteira a luzir, mas os mais estavam armados a trouxe-mouxe [...]. Nada mais que por isso acusavam o ar desenvergonhado de roga. [A justiça *mo levaria* em conta] (Aquilino, *Malhadinhas*)

⁴³ Veja-se como uma estrutura clivada apareceria desajustada no contexto em que surge a frase em análise:

- (i) A ferrugem viera corroer o engenho, o comerciante da cidade hipotecara-lhe o coração da courela, os anos ruins, as estradas e os motores tinham vindo roubar-lhe a parrelha de mulas – mas o sonho continuava de pé. # [Ele é que se levantaria dos destroços, ele é que iria recomeçar em cada dia.]

A asserção expressa pela frase *a justiça mo levaria em conta* contrapõe-se à eventual pressuposição de condenação por agressão. Neste caso a ênfase não recai em particular sobre o constituinte *a justiça*, pelo que a frase diverge interpretativamente da frase com clivagem *a justiça é que mo levaria em conta*, sendo antes traduzível por uma frase como *a justiça {seguramente/certamente/sem dúvida} mo levaria em conta*.

Outros exemplos de frases declarativas enfáticas (sem advérbios enfatizadores – cf. 65.1.3.4 acima) apresentam-se em (94). A especificidade das frases declarativas enfáticas no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos reside no facto de nelas não ocorrer um constituinte pré-verbal que possa ser tido como o indutor da próclise. Trata-se, pois, de um tipo de estrutura frásica em que existe próclise na ausência de um *proclisador*.

- (94) a. Isto que digo, [Miguel Torga *o disse*], a seu modo, antes de mim. (L. Antunes, *Visão*) (= Miguel Torga de facto disse-o também)
- b. Não entendo o romance, vou avançando, às cegas, páginas fora, porque sei que o romance se entende a si mesmo [e isso *me basta*] (L. Antunes, *Terceiro*) (= e isso realmente basta-me)
- c. – Onde viveu durante este tempo? [– Um dia *lhe mostrarei*]. (CRPC, F. Namora, *Domingo*) (= pode crer que um dia *lhe mostrarei*)
- d. Que ia eu fazer agora? [...] Procurar a Mercedes? [E novamente *me doeu* que me tivesse esquecido dela]. (CRPC, J. Sena, *Sinais*) (= e de facto doeu-me mais uma vez que me tivesse esquecido dela)
- e. O Nórdico, se tem sol, o sol *lhe basta*. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*) (= ao nórdico, realmente, o sol basta-lhe)
- f. Com a verdade *me enganas*. (= de facto estás a enganar-me ainda que o que dizes seja verdade)
- g. Devagar *se vai* ao longe. (= ao contrário do que se possa supor, pode realmente chegar-se longe caminhando devagar)⁴⁴

Dado que nas frases declarativas enfáticas (em que a ênfase não decorre da presença de advérbios como *bem* ou *lá*) a próclise não depende da existência de um *proclisador*, é possível encontrar nestas frases, excepcionalmente, um pronome clítico em posição inicial de frase⁴⁵:

- (95) Garanto-te que *lhe* vou dizer tudo o que penso dela. Achas que não sou capaz? [*Te garanto* que vou!]⁴⁶

⁴⁴ A frase (87g) admite também uma leitura com focalização contrastiva de *devagar*, sendo então parafraseável por ‘devagar é que se chega longe’ (cf. 65.1.3.6).

⁴⁵ No *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* – CORDIAL-SIN – podem encontrar-se atestações de clíticos na primeira posição de um domínio frásico ou oracional. Nem sempre parece tratar-se de frases enfáticas. Nos exemplos (ia-f), o clítico ocorre em posição inicial absoluta – em (id-f), numa oração intercalada. Nos exemplos (ig,h), o clítico ocorre depois de uma oração subordinada anteposta, ou seja, depois de uma pausa e na posição inicial da oração principal.

- (i) a. *Se muda* a água com uma enxada. (CORDIAL-SIN, Serpa)
- b. *Me enganaste*?! (CORDIAL-SIN, Melides, Alentejo)
- c. Bem disse o rapaz: “*Se mete* como está este coiso”. (CORDIAL-SIN, Alvor, Algarve)
- d. Isto era aquela parte da bacia – *lhe chamavam* eles a bacia –, com trinta centímetros assim de altura, e nós púnhamos aqui o vinho. (CORDIAL-SIN, Serpa, Alentejo)
- e. Depois, os foles – *lhe chamam* – enchem-se. (CORDIAL-SIN, Fiscal, Minho)
- f. A cabo de, *se pode* dizer, antes dum ano, tive um menino mas estive muito mal, o menino morreu. (CORDIAL-SIN, Porto Santo, Madeira)
- g. Se ele fosse muito, *o levaria* aos poucos. (CORDIAL-SIN, Arcos de Valdevez, Minho)
- h. Depois de estarem os ovinhos mexidinhos, *se deita* a farinha, deita a levedurazinha e depois é que vai amassando. (CORDIAL-SIN, Pico, Açores)

⁴⁶ Exemplo adaptado de Magro (2007:247).

65.1.3.8 Interrogativas e exclamativas *qu-*

A colocação proclítica dos pronomes pessoais átonos encontra-se regularmente nas frases interrogativas introduzidas pelos pronomes e advérbios interrogativos *quem, quem, onde, quanto, como, quando, porque*, e nas frases exclamativas introduzidas por *que, quem, como, quanto* (podendo *que* estar omitido). Consideraremos a seguir, pela ordem acima apontada, cada um dos tipos de frases.

- Interrogativas

As frases interrogativas que integram pronomes ou advérbios interrogativos, nomeadamente *que, quem, onde, quanto, como, quando, porque*, são chamadas *interrogativas parciais*, ou *interrogativas qu-* (cf. Cap. 59). Nas interrogativas parciais (em contraste com as interrogativas totais – cf. 65.1.1 acima), os pronomes átonos são proclíticos sempre que um pronome ou um advérbio interrogativos (também chamados “palavras *qu-*”) precedem o verbo (*quem te disse isso?, como o soubeste?*). Quando pós-verbais, no entanto, os pronomes e advérbios interrogativos não afectam a colocação dos pronomes clíticos, que serão então enclíticos, conforme se disse na secção 65.1.1 acima (*deste-lhe o quê?, ele enganou-te como?*). Apresenta-se a seguir um conjunto de frases que exemplificam a colocação proclítica dos pronomes átonos em interrogativas construídas com pronomes e advérbios interrogativos:

- (96) a. Que *lhe havia eu de responder?* – Isso já não é comigo. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
b. Com que direito *me sugam a tranquilidade?* (CRPC, F. Namora, *Homem*)
c. Pois a que título *se estorva* alguém de fruir o que a natureza pôs nas mãos de todos? (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
d. – Quem *lho disse?* – Você. Todos os dias. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
e. – A quem *te referes?* – Uma amiga do tempo da escola. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
f. Onde *se viu isto?! Mulheres neste trabalho! É indigno.* (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
g. – Não sei o teu nome. Como *te chamas*, meu amado? (CRPC, J. Sena, *Físico*)
h. Quantas sementes *lhe dás tu?* – acrescentou maliciosamente. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
i. – Se já *lhe conhecias* o feitio porque caneco *te casaste?*, perguntou o alferes. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

- Exclamativas

As frases exclamativas são tipicamente avaliativas pois exprimem, enfaticamente, uma avaliação positiva ou negativa de uma dada situação ou evento por parte do falante. As frases exclamativas introduzidas pelas palavras *que, quem, como, quanto* apresentam reforço do valor avaliativo, associado a uma estrutura sintáctica particular. Estas frases, que aqui designaremos por “exclamativas avaliativas”, são também chamadas “exclamativas *qu-*”, por aproximação às interrogativas *qu-*. Nelas, os clíticos colocam-se sempre procliticamente, pois nas frases exclamativas avaliativas, diferentemente do que acontece nas interrogativas *qu-*, consideradas na secção precedente, as palavras *que, quem, como, quanto* são necessariamente pré-verbais.⁴⁷ As frases que se seguem são exemplo de exclamativas avaliativas com *que, quem, como, quanto* e ilustram a colocação proclítica dos pronomes átonos, obrigatória neste contexto:

- (97) a. Ai, que *me roubaram* a minha querida neta. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
b. Que bem que *se está* no campo, Alzira.
c. Mas como o passado *lhe parecia* longe! (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
d. Como ele *lhe penetrara* nos segredos mais íntimos! (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
e. Quanto *lhe quero!*
f. Quem *te viu* e quem te vê!

⁴⁷ As frases exclamativas que não integram as palavras *que, quem, como, quanto* exibem geralmente ênclise, como se mostrou na secção 65.1.1 acima (cf. *você saiu-me um belo vigarista!*).

Em certos casos, a próclise em frases exclamativas avaliativas pode ocorrer ainda que haja omissão da palavra *que*, como mostram os exemplos (98b) e (99b). Esta possibilidade só existe, contudo, se o verbo estiver antecedido de uma palavra que possa traduzir avaliação (numa escala gradativa), como é o caso da palavra *lindo* na frase (98b) ou da palavra *bem* na frase (99b).

- (98) a. Que lindo serviço *me fez* o diabo do gato!
b. Lindo serviço *me fez* o diabo do gato!
- (99) a. Que gordo *te vejo*!
b. Bem gordo *te vejo*!

Caso contrário, deixa de ser possível construir uma exclamativa avaliativa com omissão da palavra exclamativa *que* – vejam-se as frases em (100) e (101) e o que se disse acima, na secção 65.1.3.2.2, sobre *muitos*, *tamanho(s)* e *tanto(s)* quando ocorrem em exclamativas avaliativas⁴⁸.

- (100) a. Que susto *me pregaste*!
b. *Um susto *me pregaste*!
c. *Pregaste-me* (cá) um susto!
- (100') a. Que bodega *me fizeste* tu aqui!
b. *Uma bodega *me fizeste* tu aqui!
c. Uma bodega, *fizeste-me* tu aqui!
- (101) a. Bem gordo *te vejo*!
b. *Gordo *te vejo*!

Na frase (100c), o constituinte *uma bodega* está topicalizado e o valor exclamativo é construído prosodicamente, não sintacticamente. Neste tipo de frases exclamativas que não apresentam uma estrutura sintáctica particular, ocorre a ênclise, como se mostrou na secção 65.1.1 acima.

65.1.3.9 Imperativas introduzidas por *que*; frases optativas

A colocação proclítica dos pronomes pessoais átonos encontra-se regularmente nas frases imperativas introduzidas por *que*, e também nas frases optativas. Consideraremos a seguir cada um destes tipos de frases.

- Imperativas

As frases imperativas introduzidas por *que* apresentam regularmente próclise, diferentemente das frases imperativas que não integram este constituinte (conforme se viu na secção 65.1.1 acima; por exemplo: *ó senhor, despache-se*). As frases em (102) são exemplo de imperativas que integram em posição pré-verbal a palavra *que*⁴⁹:

- (102) a. ele que se inscreva numa escola e tome meia dúzia de lições (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Esse diário da tarde é importantíssimo para o nosso pacto, os outros caçadores que se lixem. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
c. Que rессone, que se farte, porque felizmente não tem um roncar de estremecer paredes. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)

⁴⁸ Cf. Ambar (1999:41ss) e o Cap. 59.

⁴⁹ As frases imperativas divergem das frases optativas, que serão consideradas na próxima secção, por nas imperativas a próclise depender da presença da palavra *que*:

- (i) a. Que os rapazes *se sentem*. [imperativa com *que* – próclise]
b. Os rapazes *sentem-se*. [imperativa sem *que* – ênclise] (vs. *os rapazes *se sentem*)

- Optativas

As frases optativas são semanticamente próximas das imperativas com *que*. É o grau de controlo do falante sobre a situação que permite separar as frases optativas das imperativas (neste aspecto, a distinção é, pois, pragmática). Se o falante tem capacidade para, através de um acto de fala como *que venha depressa*, condicionar os acontecimentos, essa frase interpreta-se como imperativa (ou exortativa); se não tem essa capacidade, a mesma frase interpreta-se como optativa (ou desiderativa). No primeiro caso, exprime-se uma ordem ou uma sugestão forte; no segundo caso, exprime-se um desejo. As frases optativas/desiderativas podem exprimir tanto votos positivos como negativos, ou seja, maldições⁵⁰.

No plano sintáctico, imperativas com *que* e optativas partilham o modo conjuntivo, mas distinguem-se pelo facto de nas optativas ocorrer próclise sempre que está presente um constituinte pré-verbal, ainda que haja omissão da palavra *que* – cf. (103a,b). Na frase (103c), em contraste, não ocorrendo nem *que* nem um constituinte pré-verbal, o pronome átono posiciona-se encliticamente:

- (103) a. Que Deus *te valha!*
b. Deus *te valha!*
c. *Valha-te* Deus!

Os exemplos que se seguem ilustram a próclise em frases optativas em que a palavra *que* está omissa (mas poderia, na maior parte dos casos, estar presente):

- (104) a. Deus Nosso Senhor *Ámen me livre* de trair alguma vez as confidências de um sacerdote (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. o Velho, honra *lhe seja* feita, não se guia pelo noticiário dos jornais, tem o dele. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
c. Um raio *me parta* se a gente não merece beber hoje um golo de vinho. Trabalhámos a valer nestes dias. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
d. Muito obrigada, e Deus *lhe dê* saúde. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
e. Eu com almas penadas não quero nada. Nossa senhora *me valha*. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
f. Deus *me perdoe*, mas ficávamos muito melhor servidos. (CRPC, J. Sena, *Físico*)
g. Bons olhos *o vejam*, compadre Joaquim.
h. Oxalá a Primavera *lhe apazigúe* o mau génio.

65.1.3.10 Interrogativas retóricas com *acaso*

As frases interrogativas retóricas induzem uma interpretação de sinal contrário ao apontado pela polaridade, afirmativa ou negativa, do enunciado interrogativo. A presença de *acaso* numa frase interrogativa marca-a explicitamente como interrogativa retórica⁵¹. Uma interrogativa retórica como *acaso me ajudaste quando eu precisava?* contém implicitamente a asserção negativa ‘não me ajudaste quando eu precisava’ associada a uma dimensão avaliativa que aproxima as interrogativas retóricas com *acaso* das frases interrogativas-exclamativas introduzidas por uma palavra *qu-* (*quando é que me ajudaste?!*) – cf. 65.1.3.8 acima. Nas frases interrogativas com *acaso* os pronomes átonos ocorrem necessariamente proclíticos:

⁵⁰ Sobre a distinção entre frases imperativas introduzidas por *que* e frases optativas, veja-se Garrido Medina (1999:3913).

⁵¹ Pode igualmente construir interrogativas retóricas, e induzir próclise, o advérbio *lá* (cf. 65.1.3.4 e 65.1.3.5):

- (i) a. Há lá coisa mais importante que a liberdade?!
b. Eu lá *lhe pedi* que me ajudasse?!
c. Eu lá *te mentiria* alguma vez?!

Sobre *acaso*, vejase Escandell Vidal (1999) e Sánchez López (1999).

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- (105) a. Acaso *me enganei?* (CRPC, J. Dinis, *Morgadinha*)
b. Acaso *me ouviste* reclamar?
c. Acaso *se sabe* se esse tratamento agressivo vale a pena?
d. Mas tu acaso *lhe mostraste* que havia outro caminho?

65.1.3.11 Próclise e ênclise com a palavra *próprio*

Nas orações que incluem a palavra *próprio* em posição pré-verbal, a colocação dos pronomes átonos pode ser proclítica, como nas frases em (106), ou enclítica, como nas frases em (107):

- (106) a. Eu próprio *o vi* sair ao terreiro na tal manhã em que cheguei à Gafeira. (CRPC, C. Pires, *Fado*)
b. os próprios ruídos *se diluíam* a pouco e pouco num zumbido único de sons (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. Eu próprio *me admiro* como é que isto mesmo assim passou! (CRPC, PF 0173)
- (107) a. Ele próprio *ilude-se*, julgando que pode prescindir desse estímulo (CRPC, J. Dinis, *Fidalgos*)
b. o próprio Tejo *tornou-se* do tamanho de um bidé de zinco a transbordar de água suja. (CRPC, M. Ferreira, *Amor*)
c. o próprio médico *disse-lhe* também que com o tempo a audição voltaria (CRPC, PF 655)

Diferentes falantes manifestam diferentes opções, preferindo uns a próclise, outros a ênclise. A variação é neste caso idiolectal e, por isso, não existem factores semânticos ou estruturais que determinem uma ou outra colocação. Os falantes para quem a palavra *próprio* é um indutor de próclise analisam-na como um focalizador inclusivo (paralelamente a *mesmo*, *até*, *também*) – cf. 65.1.3.3 acima.

65.1.4 Orações exclamativas com infinitivo flexionado

Embora o infinitivo flexionado ocorra geralmente em orações subordinadas, um infinitivo flexionado não dependente encontra-se em orações exclamativas como as apresentadas em (108). Nestas frases, a distribuição da ênclise e da próclise é idêntica à que se verifica nas orações principais finitas (cf. 65.1.1, 65.1.2 e 65.1.3 acima).

- (108) a. Ó João, perderes-me o cachecol de que eu mais gostava!
b. Dizeres-me uma coisa dessas! Parece mentira.
c. Não *o apoiares* quando mais precisava! Foste indecente.
d. Não *lhe dares* nem uma palavrinha! Ele não esperava isso de ti.
e. Só *lhe contares* a verdade porque foste obrigado! Que belo amigo!

65.2 Orações subordinadas finitas

Os pronomes clíticos ocorrem em posição proclítica em todos os tipos de orações subordinadas finitas. Os itálicos em (109) mostram claramente o contraste entre as orações principais e as orações subordinadas no que diz respeito à colocação dos clíticos: as primeiras (exceptuados os casos considerados na secção 65.1.3) manifestam ênclise; as segundas, próclise. Nos exemplos, as orações subordinadas vão sempre delimitadas por parênteses rectos e a conjunção subordinativa, o complementador, o sintagma relativo ou interrogativo apresentam-se sublinhados:

- (109) a. [Se *me descuido*] *estou-lhe* no papo. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. “Então ainda volta para a gente?” *Dizem-me* e eu gosto [que *mo digam*]. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)

Alguns tipos de orações subordinadas finitas, contudo, permitem também, secundariamente, a opção enclítica. Na secção 65.2.1 observar-se-á o padrão regular de colocação dos pronomes

clíticos nas orações subordinadas finitas, isto é, o padrão proclítico. Na secção 65.2.2 serão identificadas as orações subordinadas que, marginalmente, admitem a ênclise. Esta opção, que existe em contextos particulares, não exclui a próclise como opção alternativa nos mesmos contextos e manifesta-se infrequentemente.

65.2.1 Colocação regular (proclítica) nas orações subordinadas finitas

A fim de ilustrar a universalidade da próclise nos domínios de subordinação finita, apresenta-se a seguir um conjunto de exemplos que integra orações completivas, orações relativas, orações adverbiais (condicionais, concessivas, causais, finais, temporais) e orações de comparação e graduação (comparativas, conformativas, proporcionais, consecutivas). Dentro das orações completivas, incluem-se completivas sujeito (cf. (110a,b)) e completivas objecto (cf. (110c-h)), completivas introduzidas por *que* (cf. (110a-e)), por *se* (cf. (110f)) e por sintagmas interrogativos (cf. (110g,h)). A descrição dos vários tipos de estruturas aqui enunciadas encontra-se desenvolvida no Cap. 56. Note-se, por último, relativamente às orações completivas, que em muitos dos exemplos apresentados não há adjacência entre o complementador (sublinhado) e o clítico, sem que daí resulte alteração da colocação proclítica típica dos domínios subordinativos.

- Completivas

- (110) a. [Que a Maria ontem *te tenha* mentido] surpreende-me muito.
b. Parece [que se preparam grandes coisas]. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. descobriu [que a irmã, cansada de esperar por um Zeca demasiado invisível [...], *o substituíra* por um reformado dos caminhos-de-ferro, de pensão firme ao fim do mês] (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
d. Eu concordava [que ele *me levasse* dinheiro pelas azeitonas] (CRPC, F. Namora, *Homem*)
e. Senti, de novo, [que me beliscavam o nariz]. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
f. Pela sua saúde diga-lhe que eu gosto dela e dê um jeito, senhor, veja [se a obriga a voltar]. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
g. vejam lá os senhores [com quem aquele camelo *se foi* logo espetar]. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
h. Sorrindo, disse-lhes [...] que decidissem [qual deles *me engraxaria*] (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

- Relativas

- (111) a. Era o mesmo homem [que, pouco antes, *lhe tinham* mostrado numa das fotografias]. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*) [relativa restritiva]
b. Queria certificar-se da existência de bares [em que, sob a atmosfera de um jazz desencaminhador, *se divertem* estrangeiros e altos burocratas]. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*) [relativa restritiva]
c. um homem não se sente escravo dos dois palmos [onde *lhe assentam* os pés]. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) [relativa restritiva]
d. Ele agitava-se num contentamento longínquo, [de quem já não ouvia bem e *se despejava* do mundo] (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*) [relativa apositiva]
e. O Batedor diz [o que *lhe convém*] para entusiasmar os caçadores. (CRPC, C. Pires, *Delfim*) [relativa sem antecedente]

- Adverbiais (temporais, causais, concessivas, finais, condicionais)

- (112) a. Já viste o mar, compadre? Um homem [quando *lhe vai* em cima] sabe que não vale coisa nenhuma. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) [temporal]
b. Loas passava com os dedos pelos joelhos, [...], [enquanto a voz *se tornava* monocórdica e sonhadora]. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) [temporal]
c. Mas ele foi muito correcto, sim senhor! [Mal *se formou* e endireitou a vida], logo quis perfilhar a Anica. (CRPC, F. Botelho, *Noite*) [temporal]

- d. O soldado percebeu que o senhor se despira também [porque *lhe sentia* a carne nua contra a pele dos rins] (CRPC, L. Antunes, *Fado*) [causal]
 - e. O Nórdico, se tem sol, o sol *lhe* basta, destapando-se ao céu luminoso, [ainda que o gume da aragem *lhe traspasse* os brônquios]. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*) [concessiva]
 - f. Eu concordava que ele me levasse dinheiro pelas azeitonas, [...] [embora *me saibam* a fel] (CRPC, F. Namora, *Homem*) [concessiva]
 - g. De cabeça erguida, [para que a frescura da noite *lhe clarificasse* o cérebro], tentou recordar como tudo aquilo, courela e pessoas, eram antes desses acontecimentos. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) [final]
 - h. [Se *lhe danifiquei* algum objecto], [se *lhe parti* algum objecto], [se *lhe amolguei* algum objecto], faço questão, minha senhora. (CRPC, L. Antunes, *Fado*) [condicional]
 - i. Josefina sempre por ali está ou anda, [caso tal hipótese *se revele* de facto]. (CRPC, F. Botelho, *Noite*) [condicional]
- De comparação e graduação (comparativas, conformativas, proporcionais, consecutivas)
- (113) a. Afinal é mais bonita [do que *me tinham* dito]. [comparativa]
- b. Não percebeu que morri?, não percebeu ainda que já deixei de existir?, porque eu nunca estive vivo naquela casa, meu capitão, porque sempre olharam, compreende, através de mim [como se eu *lhes fosse* misteriosamente transparente] (CRPC, L. Antunes, *Fado*) [comparativa]
 - c. Aquele Loas falava de defuntos e de diabos [como quem *se refere* a companheiros de taberna!] (CRPC, F. Namora, *Trigo*) [comparativa]
 - d. Afinal sempre te casaste com uma viúva [como *me segredaram*] (CRPC, L. Antunes, *Fado*) [conformativa]
 - e. Estes tipos [quanto mais *nos olham*] menos nos querem ver... (CRPC, C. Pires, *Delfim*) [proporcional]
 - f. a vida modificara-se de um modo tal [que [...] *lhe dava* a sensação de nada ter de permeio onde se apoiar]. (CRPC, F. Namora, *Homem*) [consecutiva]

65.2.2 Casos de ênclise em variação com a próclise nas subordinadas finitas

Embora a próclise seja o padrão dominante de colocação dos pronomes clíticos em todos os tipos de orações subordinadas, a ênclise é permitida (sendo uma opção de expressão pouco frequente) nas seguintes situações:

- (i) em orações completivas com verbo no indicativo, nomeadamente as que são seleccionadas por verbos declarativos (*dizer, afirmar, concluir, declarar, jurar, prometer*, etc.), verbos apresentativos (*acontecer, ocorrer, suceder*, etc.), verbos epistémicos (*achar, considerar, acreditar, pensar, saber, supor*, etc.), verbos perceptivos (*ouvir, sentir, ver*) e *parecer*;
- (ii) em orações consecutivas;
- (iii) em algumas estruturas clivadas.

A possibilidade da ênclise nas estruturas de subordinação enumeradas atesta-se no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* com uma frequência muito reduzida. A frase (114a) ilustra o padrão enclítico numa oração completiva seleccionada pelo verbo declarativo *dizer*; a frase (114b) mostra como na mesma configuração sintáctica ocorre também a próclise. As frases (115a) e (116a) são exemplos de ênclise em orações consecutivas, atestando-se igualmente neste tipo de oração a próclise, como mostram (115b) e (116b). A frase (117a) é uma estrutura clivada com ênclise (cf. Cap. 59), mas a mesma frase poderia construir-se com próclise, conforme se vê em (117).⁵²

⁵² Vejam-se outros exemplos de ênclise em orações subordinadas finitas em Said Ali (1908:46s, 57).

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- (114) a. O meu primo diz [que lá elas *lavam-se* antes e depois]. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. O meu primo diz [que lá elas *se lavam* antes e depois].
- (115) a. Fê-la girar no chão [...] com tanta violência [que os membros estreitos da garota *embrulharam-se* uns nos outros como fios de esparguete]. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Fê-la girar no chão [...] com tanta violência [que os membros estreitos da garota *se embrulharam* uns nos outros como fios de esparguete].
- (116) a. Ela devassava tão apaixonadamente os gestos das pessoas, e sobretudo tratando-se de bichos, [que nesse momento *lia-se-lhe* nos olhos uma profunda gratidão] (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
b. Ela devassava tão apaixonadamente os gestos das pessoas, e sobretudo tratando-se de bichos, [que nesse momento *se lhe lia* nos olhos uma profunda gratidão].
- (117) a. Mas o pior é que nesta dança repentina o corpo *falha-lhe*. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
b. Mas o pior é que nesta dança repentina o corpo *lhe falha*.

Deve esclarecer-se, antes de se concluir esta secção, que as orações semanticamente condicionais mas sem nexos subordinativos, como (118), são, no plano sintáctico, orações principais, não orações subordinadas. A colocação dos clíticos que nelas se observa é, portanto, a que se descreve na secção 65.1.1 acima. Repare-se que o modo conjuntivo exibido por estas orações condicionais pode encontrar-se também nas orações de modalidade imperativa não introduzidas por *que*, sendo o padrão enclítico próprio de umas e outras. A oposição entre o modo indicativo e o modo conjuntivo não se correlaciona, pois, necessariamente, com o binómio ênclise/próclise:

- (118) – Tenho de rezar por ti, filho do pecado! – Ora, *desse-me* vossemecê presuntos, em vez de rezas!... (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

65.3 Orações subordinadas de infinitivo simples

Nos domínios infinitivos, paralelamente ao que se observou nas frases finitas, é possível identificar configurações que originam uma colocação particular dos pronomes clíticos, ora enclítica, ora próclítica. No entanto, diferentemente do que acontece, em geral, nas frases finitas, certas estruturas infinitivas permitem qualquer das colocações, registando-se nestes casos variação entre ênclise e próclise. A variação é característica das orações com infinitivo simples (i.e., não flexionado), mas não das orações com infinitivo flexionado. Considerar-se-á por isso separadamente cada um dos tipos de oração infinitiva. A presente secção é dedicada às orações infinitivas simples.

65.3.1 Orações infinitivas simples não introduzidas por preposição (afirmativas vs. negativas)

Nas orações infinitivas não introduzidas por preposição, a distribuição da ênclise e da próclise pouco se afasta da que se descreveu para as orações principais afirmativas (cf. 65.1.1 e 65.1.3 acima).

Em particular nas orações infinitivas simples afirmativas (sem preposição), a próclise é desencadeada pelos mesmos elementos que determinam próclise nas orações principais finitas, como mostram os exemplos em (119). Em (119a) é o advérbio focalizador *só* que induz a próclise (cf. 65.1.3.3); em (119b) actua como proclisador o quantificador *pouco* (cf. 65.1.3.2.1):⁵³

⁵³ Nos casos em que os advérbios que determinam a próclise ocorrem entre o verbo da oração principal e o verbo da oração subordinada, a colocação do clítico na oração infinitiva será condicionada pela presença do advérbio se este integrar a oração infinitiva, mas não se o advérbio se associar ao verbo finito que selecciona a oração completiva infinitiva. As frases (i) e (ii) abaixo mostram-nos que da diferente filiação do advérbio, na oração finita ou na oração

- (119) a. Dá-nos jeito só *lhe enviar* os papéis amanhã.
b. Pode até pouco *te importar*, mas a mim preocupa-me muito.

Na ausência de elementos desencadeadores de próclise (de entre os identificados nas secções 65.1.3.2 a 65.1.3.5), ocorre sempre a ênclise nas orações infinitivas simples afirmativas, não introduzidas por preposição, conforme ilustram as frases em (120):

- (120) a. *Dizer-lhe* o que fãmos fazer parecia-me ainda mais absurdo que o salvamento de que havíamos sido objecto. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. – Foi no Porto que ele conheceu a tua irmã? – Foi – e *contar-me* a história pareceu-me que o aliviava de um peso (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
c. É o outro correspondia pressuroso, procurando *conquistar-lhe* a confiança, *insinuar-se* (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
d. Que ia eu fazer agora? Procurar o Rodrigues, *contar-lhe* tudo, *impedi-lo* de continuar aquela aventura ridícula com a velha? (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
e. A minha ideia não era *trazê-lo* aqui. Era só falar consigo. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
f. Tudo quanto deseja é *meter-se* em casa sem ter de aturar os vizinhos, sem mais esclarecimentos (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
g. Não soube fazer nada melhor (do) que *pôr-se* a assobiar⁵⁴.

Os infinitivos nominalizados (cf. Cap. 57) apresentam uma colocação dos pronomes átonos que não difere da colocação geralmente encontrada nas restantes orações infinitivas sem preposição. A colocação mais comum é, pois, a ênclise (cf. (121)); mas a colocação proclítica ocorre quando o verbo está precedido de constituintes desencadeadores de próclise como o advérbio *quase* em (122a) ou o quantificador *todos* em (122b):

- (121) a. A rapidez com que tudo isto me perpassou na mente foi menos rápida que o espanto do Luís e que [o *transformar-se* desse horrorizado espanto que *lhe* li no rosto boquiaberto] (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. O cão arrebitou as orelhas, levantou-se n[um grande *espreguiçar-se*], e foi até à porta. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
c. N[a *roçar-se* lamentoso dela por essas paredes] havia uma volúpia quase sexual que me palpitava, em leves saltos, na cabeça, no baixo-ventre, no sexo. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

infinitiva, decorrem diferentes colocações dos pronomes átonos, bem como distintas interpretações das frases que integram o advérbio:

- (i) a. Queria ainda [*vê-lo* com saúde]. (= queria, além disso/também, *vê-lo* com saúde)
b. Queria [ainda *o ver* com saúde]. (= queria *vê-lo* ainda com saúde)
(ii) a. Diz que quer só [*dar-lhe* os parabéns]. (= diz que apenas quer *dar-lhe* os parabéns)
b. Diz que quer [só *lhe dar* os parabéns depois de estar certo de que conseguiu o emprego]. (= diz que quer *dar-lhe* os parabéns só depois de estar certo de que conseguiu o emprego)

Na frase apresentada a seguir, extraída do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, o advérbio *só* associa-se ao verbo finito e não ao infinitivo:

- (iii) É só *pagar-lhes* o quarto, que elas têm de pagar os quartos. (CRPC, J. Sena, *Sinais*) (= trata-se apenas de *pagar-lhes* o quarto...)

⁵⁴ Em contraste com as orações comparativas finitas, que apresentam colocação proclítica dos pronomes átonos (como em *afinal é mais bonita do que me tinham dito*; cf. (113)), nas orações comparativas de infinitivo ou de gerúndio ocorre sempre a ênclise, como se ilustra em (120g) e em (ia) abaixo – uma oração comparativa condicional com infinitivo simples. As orações comparativas com infinitivo flexionado admitem quer a próclise quer a ênclise (cf. (ib) e (ic)), enquanto as comparativas com gerúndio apresentam regularmente colocação enclítica (cf. (id)):

- (i) a. Ele reparou que eu as notara, e, curvando-se sobre a mesa, alisou-a com cuidado, como se *tirar-lhe* as pregas tirasse as nódoas. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. Podiam ter feito melhor (do) que *contarem-lhe* tudo assim de chofre.
c. Melhor do que *te zangares* é esqueceres.
d. Ela acenou que sim e Barbaças, emocionado, não soube traduzir melhor o seu agradecimento que *apertando-lhe* as mãos. (CRPC, F. Namora, Trigo)

- (122) a. Afastou o entorpecimento permitindo-se [um quase *se espreguiçar*].
b. [O todos os dias *lhe dar* uma guloseima] tinha-se transformado num agradável hábito.

Nas orações infinitivas simples negativas não introduzidas por preposição, regista-se variação entre a próclise e a ênclise quando a negação frásica é expressa pelo advérbio de negação predicativa *não*, conforme atestam as frases em (123):

- (123) a. Como eu fingisse não *lhe perceber* a intenção, encheu-se de coragem para dizer: – E se fôssemos lá?... (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
b. Eu saía a correr da escola que não me dava conta de frequentar, temendo não *encontrá-lo* ainda vivo. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)

Quando a interpretação negativa decorre da presença de uma palavra negativa (*nunca*, *jamais*, *nada*, *nenhum*, *ninguém*) em posição pré-verbal, no entanto, apenas a colocação proclítica dos pronomes átonos é permitida, como mostra o contraste entre as frases (124a) e (124b).⁵⁵ Alguns exemplos adicionais de próclise são apresentados em (125)⁵⁶:

- (124) a. Os assaltantes mandaram ninguém *se mexer*.
b. *Os assaltantes mandaram ninguém *mexer-se*.
(125) a. Prometemos nunca/jamais *o abandonar*.
b. Continuámos a falar de assuntos triviais, procurando assim nada *lhe dar* a perceber.

As orações principais finitas e as subordinadas infinitivas simples (sem preposição) apresentam um comportamento similar no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos quando as palavras negativas *ninguém*, *nenhum*, *nada*, *nunca*, *jamais* precedem o verbo. Quando a negação é expressa por *não*, pelo contrário, as orações principais finitas e as orações subordinadas infinitivas apresentam comportamentos distintos (cf. 65.1.3.1 acima).

65.3.2 Orações infinitivas simples introduzidas por preposição

Tipicamente, as orações infinitivas simples introduzidas por preposição admitem quer a colocação enclítica quer a colocação proclítica dos pronomes átonos, como mostram as frases seguintes:

- (126) a. Temos de *dar-lhe* crédito. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
b. Teria de *se libertar* dos limos que se *lhe* enrolavam na carne (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

A variação entre ênclise e próclise em infinitivas preposicionadas é independente da distinção entre orações infinitivas completivas e orações infinitivas adverbiais e quase abrange a generalidade das preposições. Ficam, contudo, fora do padrão de variação as preposições *a* e *com*, que se associam sempre à ênclise, como mostram os exemplos em (127) e (128):

⁵⁵ As frases em (124) são estruturalmente ambíguas, podendo o infinitivo ser simples ou flexionado. Mas uma vez que a opção pelo infinitivo simples existe, se a ênclise fosse possível em infinitivas simples com uma palavra negativa como sujeito (pré-verbal), a frase (124b) seria gramatical.

⁵⁶ Na frase apresentada a seguir a palavra negativa *nunca* pertence à oração finita (na qual o verbo modal *poder* está elidido) e não à oração infinitiva. Daí a colocação enclítica do pronome átono na oração infinitiva.

- (i) O homem podia colaborar nessa fecundidade, mas nunca ~~poderia~~ [*devassá-la*]. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

A palavra enfática *nem* (na acepção de ‘sequer’) é irrelevante no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos nas orações infinitivas:

- (ii) Fizemos as pazes no fim das férias, quando eu *lhe* cedi a Odete (que, sabedora da história, não queria nem *vê-lo*) (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

- Preposição *a*

- (127) a. e a nuvem de perfume, a chorar, a *agarrar-se* a ele, a *suspender-se-lhe* do fato, a *acariciar-lhe* o cabelo (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Uma madrugada despertaram-no a *abaná-lo* com força (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. Lavadores e moços de gasolina habituaram-se a *vê-lo* àquela mesa na companhia do mestiço que Deus tem. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
d. Não faltaram padres de aldeia a *prestar-lhe* homenagem. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
e. E era como se o crepúsculo, ao *adensar-se*, trouxesse consigo um sombrio manto de absurdo, que nos cobria e prendia ali um ao outro (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
f. e veio-lhe de súbito uma tristeza do caneco ao *lembrar-se* do corredor escuro do Campo de Santana (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

- Preposição *com*

- (128) a. Não ficámos nada contentes com *reprová-lo*.
b. Com *dar-lhe* comer a toda a hora, mataste-o.
c. Com *fazer-lhe* todas as vontades, fizeste com que se tornasse insuportável.

Apresenta-se a seguir um conjunto de frases que ilustram a variação entre ênclise e próclise nas orações infinitivas introduzidas pelas preposições *de*, *por*, *para*, *em*, *sem* – vejam-se (129) a (138)⁵⁷.

- Preposição *de*

- (129) a. Ainda há pouco, quando me veio apresentar os cumprimentos, teve o cuidado de *me trazer* a Monografia aqui presente (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. Maria das Mercês não gostava tanto da vida que fosse capaz de *lhe pôr* fim com as próprias mãos. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
c. a cantilena do velho tem o condão de *o pôr* fora de si, de *o fazer* sentir-se enganado com tantas histórias, tantas fantasias. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
(130) a. e a voz dele tinha a intenção de *provocar-me* e ao Luís também. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. “Tens de *prestar-lhe* justiça”, repetirá dali para o futuro, admirado com a coragem do Portela. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)

- Preposição *por*

- (131) a. usam-me por *lhes servir* e se deixar de ser útil dão-me um bilhete de avião para Bruxelas (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. e acabava por *me fechar* vencido, lixado comigo mesmo, no esconso do fundo, a folhear com raiva jornalecos de caubóis. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. Loas, ao estudar uma vez mais a cara de sono do vadio, reparou, abismado, que a conversa não só fora incapaz de espreitar a gula do Barbaças, mas acabara por *lhe provocar* o sono! (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
(132) a. Acabaram por *instalar-se* à mesa de noventa toalha de oleado aos quadradinhos pretos e amarelos (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Sai daqui, não me cheires, pira-te, e o animal acabou por *sentar-se* nos quartos traseiros a coçar pensativamente a orelha com a pata (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. quem nos faz perder milhares de contos acaba por *pagá-los* de uma maneira ou de outra. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

⁵⁷ Em termos de frequência, existe variação idiolectal no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos em infinitivas preposicionadas. No *corpus* observado (i.e., uma amostra do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*), diferentes autores apresentam frequências distintas. Entre os quatro autores tomados como referência, Jorge de Sena individualiza-se pela preferência pela ênclise nas infinitivas introduzidas por *de* e *para*, tendo esta colocação uma expressão quantitativa muito baixa em José Cardoso Pires, Fernando Namora e Lobo Antunes. A ênclise em infinitivas introduzidas pela preposição negativa *sem* só se atestou aliás em Jorge de Sena.

- Preposição *para*
 - (133) a. João Eduardo empurrara o amigo para essa experiência [...] para *se ver* livre dele durante algum tempo. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
 - b. Vim para *te ajudar*.
 - (134) a. Quando o Professor Cunha Ferreira chamava alguém para *ajudá-lo*, prevenia quase invariavelmente de que se tratava de um doente sem recursos. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
 - b. Estou aqui para *ajudar-te* em tudo o que for necessário.
- Preposição *em*
 - (135) a. Já que o Vieirinha, mesmo de olhos fechados, teimava em *se mostrar* camarada, levaria o conselho do virtuoso até ao fim. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
 - b. O pior é que rarissimamente se preocupava em *os situar* na sua vida [...], punha-se a olhá-los sem os ver (C. Pires, *Profundis*)
 - (136) a. Que ganhava eu em *fazer-lhe* perguntas? (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
 - b. Quero que saiba também que tenho confiança e acho-me bem em *senti-la*. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
- Preposição *sem*
 - (137) a. O meu pai, sem *a olhar*, sorriu (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
 - b. A rapariga mirou a noite da rua através da semitransparência das cortinas, e informou Jantamos em Carcavelos, sem *me perguntar* o que eu queria, entende, sem me pedir opinião. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
 - c. O meu alferes gramou a pastilha sem *lhe ferrar* um estalo, uma tarefa sequer? (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
 - (138) a. Encostado a um poste, eu vira passar eléctricos iluminados, sem *mandá-los* parar. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
 - b. Algo disso ficaria nele, e era um jeito de balancear-se no poleiro sem levantar nenhuma das patas, sem *alterná-las* como o Cinzento fazia. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
 - c. Minha tia, sem *desviar-se* do fogão nem levantar a cara, disse: – mais uma loucura do teu tio. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

65.3.3 Orações infinitivas simples subordinadas a *haver que*, *ter que*

As orações infinitivas seleccionadas por *haver que* e *ter que* apresentam variação entre colocação enclítica e colocação proclítica dos pronomes átonos, tal como acontece nas orações infinitivas introduzidas pelas preposições *de* (nomeadamente em *haver de*, *ter de*), *para*, *por*, *em*, etc.

- (139) a. Um espectáculo que tem a sua metade na plateia. Por isso há que *vê-lo* no ambiente onde nasceu e para que nasceu. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
- b. A atitude dele foi de facto surpreendente, mas há que *a interpretar* de acordo com as circunstâncias.
- (140) a. Tenho que *confessar-lhe* que me estou nas tintas para esse assunto.
- b. Temos que *lhe telefonar* imediatamente.

65.3.4 Orações infinitivas simples introduzidas por *que*, *quem* e palavras afins

As orações infinitivas simples introduzidas pelos pronomes e advérbios relativos ou interrogativos *que*, *quem*, *onde*, *quanto*, *como*, *quando*, *porque*, sejam relativas livres sejam interrogativas

indirectas, apresentam variação entre próclise e ênclise, como mostram os exemplos em (141)-(146)⁵⁸:

- (141) a. Não temos a quem nos *queixar*.
b. Não temos a quem *queixar-nos*.
- (142) a. Não tinham onde *se esconder*.
b. – Mais uma loucura do teu tio. – Loucura? Loucura, hein? Os homens não tinham onde *esconder-se*, podiam ser presos, eu ofereci-lhes a minha casa, onde está a loucura? (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- (143) a. Encontrei quem *lhe enviar*.
b. Encontrei quem *enviar-lhe*.
- (144) a. Não sei como *lhe agradecer*.
b. eu é que não sei como *retribuir-lhe* a simpatia, senhor tenente-coronel (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- (145) a. Ficámos mesmo sem saber o que *lhes dizer*.
b. Ficámos mesmo sem saber o que *dizer-lhes*.
- (146) a. Não decidi ainda quanto *o deixar* saber.
b. Não decidi ainda quanto *deixá-lo* saber.

Contudo, se um proclisador adverbial ou quantificacional estiver presente, só a colocação próclítica é possível, como mostram os exemplos em (147-150), onde os advérbios *ainda*, *também*, *só*, *nunca*, *pouco* induzem a próclise, tornando a ênclise impossível:

- (147) a. Estamos sem saber o que **ainda/também** *lhes contar*.
b. *Estamos sem saber o que **ainda/também** *contar-lhes*.
- (148) a. Temos que combinar o que **só** *lhes contar* em último caso.
b. *Temos que combinar o que **só** *contar-lhes* em último caso.
- (149) a. Temos que combinar o que **nunca** *lhes confessar*, em circunstância alguma.
b. *Temos que combinar o que **nunca** *confessar-lhes*, em circunstância alguma.
- (150) a. Temos que combinar como **pouco** *lhes dizer*.
b. *Temos que combinar como **pouco** *dizer-lhes*.

65.3.5 Orações infinitivas simples introduzidas por *se* (interrogativas indirectas)

Nas interrogativas indirectas que contêm um infinitivo simples, os pronomes átonos apresentam-se, em geral, enclíticos ao infinitivo, como mostram as frases em (151):

- (151) a. Não sabemos se *vê-lo* amanhã ou não.
b. Realmente, tem pouco sabor, mas não sei se *pôr-lhe* mais sal será boa ideia.

Mas a presença de um proclisador adverbial bloqueia a ênclise e torna a próclise necessária:

- (152) a. Não decidimos ainda se **também** *o pôr* a ele ao corrente dos acontecimentos.
b. *Não decidimos ainda se **também** *pô-lo* a ele ao corrente dos acontecimentos.
- (153) a. Não sabemos se **só** *lhe falar* amanhã ou ainda hoje.
b. *Não sabemos se **só** *falar-lhe* amanhã ou ainda hoje.

⁵⁸ Sobre a variação na colocação dos pronomes clíticos nestas estruturas, vejam-se as hipóteses explicativas de Inês Duarte (2003:862) e Said Ali (1927:208).

65.4 Orações subordinadas de infinitivo flexionado

Tal como nas orações subordinadas de infinitivo simples, também nas infinitivas flexionadas a colocação dos pronomes clíticos é condicionada de forma determinante pela presença ou ausência de preposições a introduzir a oração infinitiva. Por isso esta secção está dividida em duas partes: na primeira (65.4.1) observa-se a colocação dos pronomes clíticos nas orações de infinitivo flexionado não introduzidas por preposição; na segunda (65.4.2) descreve-se a colocação dos pronomes clíticos nas orações subordinadas de infinitivo flexionado introduzidas por preposição.

65.4.1 Orações infinitivas flexionadas não introduzidas por preposição (afirmativas vs. negativas)

Em orações afirmativas com infinitivo flexionado e sem preposição, a distribuição da próclise e da ênclise obedece às condições identificadas e descritas relativamente às orações principais nas secções 65.1.1 e 65.1.3 acima.

As frases em (154) atestam a colocação proclítica associada a certos advérbios, a quantificadores e a pronomes relativos ou interrogativos⁵⁹. As frases em (155) ilustram o padrão enclítico que se verifica sempre que não estão presentes em posição pré-verbal constituintes indutores de próclise – contraste-se (154a) com (155a). Como mostram as frases (154g) e (155h), a primeira com próclise a segunda com ênclise, o infinitivo flexionado nominalizado não apresenta um comportamento particular relativamente à colocação dos clíticos.

- (154) a. O problema é todos *se julgarem* mais espertos do que de facto são.
b. O oficial de justiça mandou só *nos sentarmos* depois de o juiz entrar na sala.
c. Toda a gente viu cá *lhe virem* trazer a arara, não vale a pena escondê-la.
d. O problema é qual *das ideias* *lhe vendermos*.
e. Eles não tinham onde *se esconderem*.
f. Não sabemos a quem *nos dirigirmos* para esclarecer o assunto.
g. No quase *se insultarem* em público havia um indisfarçado exibicionismo.
- (155) a. O problema é eles *julgarem-se* mais espertos do que de facto são.
b. Ela via que nós éramos bons chicos, ia-se já embora para ficarmos à vontade, mas era costume da casa *pagarem-lhe* as cervejas. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
c. Seria uma deselegância *pronunciarem-se* sobre o que faria o governo português. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
d. Basta *olharem-lhe* para a cara. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
e. Terminava essa prova de resistência com o mesmo triunfo no sorriso e nos músculos de quando se deixava fotografar após as suas celebradas competições desportivas. Daí, *chamarem-lhe* [...] «campeoníssimo da cirurgia». (CRPC, F. Namora, *Homem*)
f. Barbaças sentiu fieiras de agulhas *espetares-lhe* as entranhas. Estava angustiado. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
g. Ora aí está. Não vale a pena a gente *ralar-se*. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
h. No *insultarem-se* em público havia um indisfarçado exibicionismo.
i. Podiam ter feito melhor (do) que *contarem-lhe* tudo assim de chofre⁶⁰.

⁵⁹ A variação entre próclise e ênclise que se observa nas orações infinitivas simples introduzidas por pronomes relativos ou interrogativos (cf. 65.3.3) não se encontra nas orações com infinitivo flexionado, que, no referido contexto, apresentam sempre próclise.

⁶⁰ Sobre o contraste entre as orações comparativas finitas e as comparativas não finitas no que diz respeito à colocação dos clíticos, veja-se a nota 53 acima.

Nas orações negativas com infinitivo flexionado, os pronomes átonos apresentam regularmente colocação proclítica, tal como se verifica nas orações negativas finitas (cf. 65.1.3.1 acima). As frases em (156) exemplificam a referida colocação.

- (156) a. Deixa-o. É melhor não *lhe dizeres* mais nada.
b. É indecente ninguém *nos explicar* o que está a acontecer.
c. Nada *nos dizerem* está a deixar-me em pânico.

65.4.2 Orações infinitivas flexionadas introduzidas por preposição

Nas orações de infinitivo flexionado introduzidas por preposição, observam-se três padrões de colocação dos pronomes átonos dependendo da preposição introdutora: a colocação é enclítica quando a oração infinitiva é introduzida pelas preposições *a* (eventualmente contraída com o artigo definido) e *com*; a preposição *em* possibilita a variação entre próclise e ênclise; a colocação é proclítica quando a oração infinitiva é introduzida por qualquer outra preposição.

Diferentemente do que acontece com as infinitivas simples preposicionadas, nas orações infinitivas flexionadas introduzidas por preposição a variação entre próclise e ênclise é muito marginal, encontrando-se limitada às orações introduzidas pela preposição *em*. Todas as outras preposições determinam colocações categóricas, excluindo a possibilidade de variação.⁶¹

O contraste entre infinitivas simples e infinitivas flexionadas no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos é evidenciado pela seguinte frase, na qual a preposição *de* introduz primeiro um infinitivo simples e depois um infinitivo flexionado:

- (157) Os senhores e as senhoras fazem favor de *pôr-se* em bicha, e de *lhe apresentarem* as armas para ele beijar. (CRPC, J. Sena, *Sinais*) (vs. *fazem favor de se pôr em bicha, *e de apresentarem-lhe as armas*)

As frases em (158) abaixo são exemplos de ênclise em orações de infinitivo flexionado introduzidas por *a*; as frases em (159) ilustram a ênclise em orações de infinitivo flexionado introduzidas por *com*:

- (158) a. Duas vozes entram mais destacadas, sem surdina, pela janela. Numa surdina imaterial, outras duas ciciam no recanto obscuro. E, de sob a porta, a *enlearem-se-lhe* nas botas, rastejam outras duas, murmuradas estas e roufenhas. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
b. Mas agora o movimento vai diminuir, não vai? – Diminuir, porquê? – Então, com os espanhóis a *irem-se* embora... (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
c. Lançados pelo ar, os polvos caem-lhes aos pés e elas torturam-nos, [...] sentindo as ventosas a *colarem-se-lhes* à palma das mãos. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
d. Ia para as dunas, ouvia já os berros das ondas a *chamarem-na* do lado de lá e, quando se meteu mais dentro, para encurtar caminho, ficou presa no pântano da Urdiceira. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
e. Todo eu me sacudia num risinho secreto [...] se me constava que o chefe da clínica [...] soltava guinchos de porquinho-da-índia ao *dizerem-lhe* que eu me negara espectacularmente a observar uma dama da alta roda. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
- (159) a. Não contente com *fazeres-me* esperar, ainda me pedes que te pague o jantar.
b. Não posso deixar de me aborrecer com *pregares-me* essas partidas.
c. Com *dares-lhe* comer a toda a hora, mataste-o.
d. Com *fazeres-lhe* todas as vontades, fizeste com que se tornasse insuportável.
e. Com *fazeres-me* elogios me enganas!
f. Com *confiarmos-te* esta tarefa, demonstramos a nossa confiança.

⁶¹ Veja-se, sobre este assunto, Rodigyna (2009).

A existência de variação entre próclise e ênclise nas orações de infinitivo flexionado introduzidas pela preposição *em* é confirmada pelos exemplos apresentados a seguir:

- (159') a. O comandante do GI não deixou de referir as dificuldades de muitos deles em *se expressarem* correctamente. (CETEMPúblico, *apud* Rodygina 2009:110)
- b. É muito frequente terem dificuldade em *misturarem-se* com as outras crianças ou em brincarem. (CETEMPúblico, *apud* Rodygina 2009:110)
- (160) a. Percebera que as máquinas e os aparelhos nos detestam e que a condição da nossa sobrevivência consiste em *nos afastarmos* deles. (CETEMPúblico, *apud* Rodygina 2009:110)
- b. E nesse mesmo dia, comerciantes e residentes de classe média mostraram-se genuinamente assustados com tudo o que estava a acontecer, e mais interessados em *aferrar-lharem-se* em suas casas do que em sair à rua. (CETEMPúblico, *apud* Rodygina 2009:111)

As frases em (160') exemplificam a próclise associada às preposições *de*, *para*, *após*, *até*, *em*, *sem* nas orações subordinadas de infinitivo flexionado. Este mesmo padrão de colocação, ou seja, a próclise, ocorre igualmente quando as orações infinitivas flexionadas são introduzidas por outras preposições (excepto *a*, *com* e *em*).

- (160') a. É muito costume dos alunos isso de *se apaixonarem* pelas mulheres dos professores, não é? Respondi que não sabia. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- b. Vive apavorado com a ideia de *lhe apanharem* a fórmula. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
- c. As mulheres exigiram que lhes déssemos café antes de *as largarmos* nas pensões onde viviam. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- d. Para *o impressionarem*, diziam-lhe sempre que o Jaime estava na agonia. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
- e. Depois do café e de um cálice de Porto, tomam café e Porto sem dúvida?, apenas lhes quero mostrar outra das minhas colecções, para *se distraírem* das emoções. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- f. O tempo correu e um latino que visitou a firma por alturas desse cabo das Tormentas ou da Esperança não refreou a pergunta após *lhe terem* confiado o curso do empreendimento: – Portanto, a iniciativa resultou? Os interlocutores emudeceram. (F. Namora, *Adoradores*)
- g. É por isso que este par de trapezistas, mãos seguras um ao outro até *as dela se desprenderem* de súbito (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
- h. – Porquê tanta pressa em *se casarem*?, perguntou a sogra, admirada (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- i. Foi, de todos os meus colaboradores – mais interessados em *se escaparem* para empregozinhos fúteis e rendosos – o único que, com os tais seus modos de gato que nos salta para os ombros sem *lhe darmos* pelas garras, me seguiu o exemplo. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
- j. Desde que ele agitou os braços, os outros dois seguem-lhe os gestos com o olhar, sem *se fitarem* mutuamente. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
- k. Pensei Vai fazer-me uma festa na cabeça, mas os sapatos e as calças gigantescas passaram por mim sem *se deterem* (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

65.5 Subida do clítico

Nesta secção mostrar-se-á como em certas estruturas que incluem uma oração infinitiva simples, um pronome clítico complemento do verbo infinitivo pode cliticizar fora da oração infinitiva. Nestas estruturas o hospedeiro do clítico é o verbo que selecciona a oração infinitiva.

65.5.1 Subida de pronomes clíticos com função de objecto

Em estruturas completivas infinitivas nas quais a oração infinitiva é seleccionada por certos verbos (entre os quais se incluem maioritariamente verbos auxiliares e semi-auxiliares) – cf. Cap. 47), um pronome átono objecto do verbo infinitivo pode cliticizar, opcionalmente, ao verbo finito. Os pares de frases em (161) e (162) abaixo exemplificam esta opcionalidade de colocação do clítico objecto, que pode ocorrer quer no domínio infinitivo ao qual pertence quer fora dele. Na segunda situação existe uma configuração chamada de “subida do clítico”, como em (161b) e (162b), em contraste, respectivamente, com (161a) e (162a):

- (161) a. Trabalho não falta a quem *queira pegar-lhe*.
b. Trabalho não falta a quem *lhe queira pegar* (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
- (162) a. *Vai arranjar-lhe* uns ovos! (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. *Vai-lhe* arranjar uns ovos!

As frases em (163) são instâncias de subida do clítico com os verbos *haver* (*de*), *estar* (*a*), *ter* (*a*), *ir*, *começar* (*a*), *dever*, *poder*, *querer*, *saber*. Uma vez extraído do domínio infinitivo, o pronome átono cliticiza em ênclise, mesóclise ou próclise ao verbo finito que selecciona a oração infinitiva, de acordo com as condições definidas nas secções 65.1 e 65.2 relativamente à colocação dos clíticos nas orações finitas, principais e subordinadas.

- (163) a. Agora os dois soldaditos molham os lábios (como fazem alguns bichos enquanto esperam o ataque que os há-de devorar), mudos e atentos (CRPC, C. Pires, *Hóspede*) (cf. *que há-de devorá-los*)
b. Parece que os estou a ouvir: dois pregadores em fúria. Discutem a morte e já *lhe* metem almas do outro mundo de permeio (CRPC, C. Pires, *Delfim*) (cf. *que estou a ouvi-los*)
c. Tenho-*lhe* a dizer que você não me engana. (cf. *tenho a dizer-lhe*)
d. *E vais-me pagar* o que disseste (CRPC, J. Sena, *Sinais*) (cf. *e vais pagar-me*)
e. A esta hora, *começam-me a arder* os olhos. Já não tenho a vista dos vinte anos. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) (cf. *começam a arder-me*)
f. “*Deve-se sempre ferir* por inteiro. É muito menos penoso do que a verdade a prestações”. (CRPC, F. Namora, *Homem*) (cf. *deve sempre ferir-se*)
g. Isto, resumo, é a lagoa. *Podia-se pulverizar* num sussurro de mistérios. (CRPC, C. Pires, *Delfim*) (cf. *podia pulverizar-se*)
h. O velho não o quis contrariar e acompanhou-o (CRPC, C. Pires, *Hóspede*) (cf. *não quis contrariá-lo*)
i. O Barbaças, porém, não respondia nem se humilhava. Não era homem, aliás, para seduzir os outros com palavras labiosas. Nem as saberia dizer. (CRPC, F. Namora, *Trigo*) (cf. *nem saberia dizê-las*)

Além dos verbos *haver* (*de*), *estar* (*a*), *ter* (*a*), *ir*, *começar* (*a*), *dever*, *poder*, *querer*, *saber*, que ocorrem nas frases em (163), permitem igualmente a cliticização do pronome clítico cliticização objecto fora do domínio infinitivo os verbos *andar* (*a*), *chegar* (*a*), *conseguir*, *continuar* (*a*), *costumar*, *ir a*, *fazer*, *ficar* (*a*), *mandar*, *pretender*, *tornar* (*a*), *vir* (*a*), *voltar*.

- [2] A lista de verbos acima apresentada não é exaustiva, mas inclui os verbos que mais consensualmente admitem, para a generalidade dos falantes do português, subida dos clíticos. Como nas restantes línguas românicas em que esta estrutura é uma opção, também no português a delimitação do conjunto de verbos que permitem a subida dos clíticos está sujeita a variação dialectal e idiolectal.

Alguns dos verbos acima elencados deixam de permitir a subida do clítico quando associados a certas preposições, como mostram os exemplos apresentados abaixo. Normalmente, a preposição *a* é compatível com a subida do clítico, enquanto a preposição *por* a bloqueia. A preposição *de* origina configurações de subida do clítico marginais, do ponto de vista normativo, excepto quando

forma com o verbo uma unidade resultante de um processo de gramaticalização (caso de *haver de*):

- (i) a. *Comecei a dizer-lhe* o que pensava e virou-me as costas. [cliticização sem subida]
- b. *Comecei-lhe a dizer* o que pensava e virou-me as costas. [subida do clítico]
- c. Quando *lhe comecei a dizer* o que pensava, virou-me as costas. [subida do clítico]
- (ii) a. *Comecei por dizer-lhe* uma meia verdade. [cliticização sem subida]
- b. **Comecei-lhe por dizer* uma meia verdade. [impossível a subida do clítico]
- c. **Se lhe começasse por dizer* a verdade... [impossível a subida do clítico]

65.5.2 Subida de pronomes clíticos acusativos com função de sujeito

Em estruturas com orações infinitivas subordinadas aos verbos causativos *deixar, fazer, mandar* e aos verbos perceptivos *ouvir, ver, sentir*, o sujeito semântico da oração infinitiva pode ser um pronome átono acusativo que, nesse caso, cliticiza necessariamente ao verbo finito do qual depende a oração infinitiva⁶² – vejam-se os exemplos em (164) e o Cap. 57.

- (164) a. As enfermeiras deixaram [os doentes ir dar um passeio]
- b. As enfermeiras deixaram[-nos ir dar um passeio]
- c. O Jorge ouviu [a Mariana entrar em casa]
- d. O Jorge ouviu[-a entrar em casa]

As frases em (165) são exemplo de estruturas de subida de um clítico acusativo com função de sujeito da oração infinitiva – em (165b) e (165e), o pronome é proclítico dado existir um indutor de próclise na oração finita.

- (165) a. E *vendo-as rir*, respirámos de alívio.
- b. Este ano ele ficou em Coimbra, o pai não *o deixou vir* (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- c. – Como quem? – e a secura violenta da pergunta *fez-nos sentir* a ambos que era como se ele me tivesse mordido. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- d. Sou a minha mãe, pensou o tenente-coronel, *mando-me pentear* e lavar os dentes antes de aparecer na sala, minúsculo, de gravata e sapatinhos de verniz (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- e. Morte em beleza não havia para ela. “Só a de parto...” – não foi o que *lhe ouvi dizer?* (CRPC, C. Pires, *Delfim*)

65.6 Estruturas com gerúndio – orações gerundivas e perífrases verbais com gerúndio

A distribuição da próclise e da ênclise nas orações em que o verbo se encontra no gerúndio é, no essencial, similar à que se encontra nas orações principais finitas, como se verá nas secções 65.6.1 e 65.6.2. As duas colocações são mutuamente exclusivas, estando ausente das orações gerundivas a variação entre próclise e ênclise que se observa, tipicamente, nas orações subordinadas de infinitivo simples. O gerúndio também difere do infinitivo simples quando ocorre em configurações de potencial subida do clítico. De facto, enquanto em estruturas com infinitivo simples a subida do clítico é opcional, nas perífrases verbais com gerúndio a subida do clítico é obrigatória, como se mostrará em 65.6.3.

⁶² Também o sujeito de uma oração pequena (cf. Caps. 29 e 46) pode cliticizar ao verbo finito que a selecciona:

- (i) a. Considero [*o Pedro* inteligente].
- b. Considero[-o inteligente].
- (ii) a. Considero [*as ilusionistas* culpadas].
- b. Considero[-as culpadas].

65.6.1 Orações gerundivas com ênclise

Nas orações gerundivas afirmativas não introduzidas por preposição, os pronomes átonos têm colocação enclítica desde que a oração gerundiva não contenha, em posição pré-verbal, um quantificador ou um dos advérbios que se associam à próclise (cf. 65.1.3 acima). As frases em (166) ilustram a ênclise em orações gerundivas afirmativas. Deve notar-se que a presença de conectores como *que* ou *embora* – vejam-se as frases (166f,g) – não faz com que deixe de verificar-se o padrão enclítico das gerundivas. Neste aspecto, estas orações subordinadas gerundivas contrastam com as subordinadas finitas⁶³.

- (166) a. *Olhando-a* naquela idade, e *conhecendo-a* depois, senhora da lagoa, deduz-se que o corpo que viria a ser inabitado se encaminhava desde cedo para as formas seguras e instaladas das madonas do lar. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
- b. Bocejava, *coçando-se* todo de preguiça e de sono. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
- c. Com paciência, *falando-lhe* carinhosamente, partindo tudo em pedacinhos, eu insistia para que ele comesse. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
- d. *Fingindo-se* ele distraído e indiferente, retraído e alheio, eu teimava com o cabo da vassoura; e ele, subitamente, disparava um voo circular na ponta da corrente (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
- e. Barbaças passava pela quarta vez junto dos dois conversadores, como sempre com um molho de espigas *derreando-lhe* os ombros, e lá não resistiu a fazer acompanhar o seu olhar melindrado com o acto supremo de lhes cuspir aos pés. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
- f. Ela acenou que sim e Barbaças, emocionado, não soube traduzir melhor o seu agradecimento *que apertando-lhe* as mãos. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)⁶⁴
- g. Tranquilizaram-no na doença e na velhice, integraram-no numa mecânica de benesses que procura nivelar as classes por “cima”, *embora coagindo-as* à emulação profissional que exija presteza, competência. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)

65.6.2 Orações gerundivas com próclise

A próclise é o padrão de colocação dos pronomes clíticos nas orações gerundivas negativas (cf. (167)), nas orações gerundivas introduzidas pela preposição *em* (cf. (168)) e nas orações gerundivas que contêm em posição pré-verbal um quantificador ou um dos advérbios identificados na secção 65.1.3 acima – vejam-se as frases em (169):

- (167) As senhoras impacientavam-se por ver lojas, não *lhes bastando* a bem fornecida *boutique* do hotel (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)
- (168) E o Vieirinha? O Vieirinha, pois, abrenúncio! Em um tipo *lhe dizendo* que aquelas práticas com burras e tojos eram recomendáveis para seduzir os favores das mulheres... Ainda bem que o Vieirinha tinha esse fraco! (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
- (169) a. Quase todos se calaram, poucos *se mostrando* capazes de *lhe dizerem* o que realmente pensavam.
- b. Eram instáveis como meteoros, lá *lhes parecendo* que tinham asas para outros voos. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)

⁶³ Tomando como exemplo a frase (166g), a substituição da oração concessiva gerundiva por uma oração concessiva finita tem como resultado a emergência obrigatória da próclise, em contraste com a ênclise observada na oração gerundiva:

(i) Tranquilizaram-no na doença e na velhice, integraram-no numa mecânica de benesses que procura nivelar as classes por “cima”, *embora as coaja* à emulação profissional que exija presteza, competência.

⁶⁴ Em contraste com as orações comparativas finitas, que apresentam colocação proclítica dos pronomes átonos, nas orações comparativas de gerúndio ocorre a ênclise. Cf. a nota 53 acima.

- c. Chegou finalmente, já se fazendo anunciar desde o portão da entrada pelas pesadas passadas.
- d. Os pais sabiam que era muito independente, só lhes pedindo ajuda em ocasiões raras.

65.6.3 Perífrases verbais com gerúndio

Nas perífrases verbais com gerúndio, geralmente constituídos por uma forma finita do verbo *ir* seguida duma forma verbal gerundiva⁶⁵, os pronomes átonos cliticizam ao verbo finito. Há, portanto, necessariamente, subida do clítico, diferentemente do que acontece nas estruturas infinitivas, nas quais a subida do clítico (quando permitida) é opcional – cf. 65.5.1 acima.⁶⁶ As frases em (170) abaixo exemplificam a colocação dos pronomes clíticos característica dos perífrases verbais com gerúndio.

- (170) a. Entretanto, insensivelmente, *ia-se distanciando* da família, que era ainda o único elo sólido que o ligava ao passado (CRPC, F. Namora, *Homem*)
- b. *Ia-o deixando* queimar-se até ao fim, ardendo-me na pele, e nele se consumiria, também, a minha indecisão. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
- c. O tio saiu do armazém a empurrá-lo, soprando-lhe nas costas o iracundo hálito penoso do peixe, e *foi-o enxotando* calçada fora (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- d. E como ninguém lhe respondesse, a velha, na ponta do cabeçaço, entre paredões apodrecidos, arregalou muito os olhos e pôs-se a crescer como se alguma coisa desconforme *a fosse tomando* por dentro. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)

No entanto, quando a forma verbal gerundiva se apresenta anteposta ao verbo finito, o pronome átono cliticiza obrigatoriamente ao gerúndio⁶⁷. A frase (171) abaixo ilustra a situação descrita

⁶⁵ Nas perífrases verbais em que o verbo finito não é *ir*, o português europeu contemporâneo prefere o chamado **infinitivo gerundivo** (isto é, *a* + infinitivo, com valor aspectual progressivo):

- (i) a. Começou a contar-lhe uma história. (ou *começou-lhe a contar uma história*, com subida do clítico).
- b. Não estou a entender-te. (ou *não te estou a entender*, com subida do clítico).

⁶⁶ A opcionalidade da subida do clítico atesta-se em orações gerundivas em autores dos sécs. XVII a XIX. As seguintes frases com cliticização ao gerúndio pertencem a Camilo Castelo Branco e são apontados por Epifânio da Silva Dias (1918:321ss), que considera tal colocação normal:

- (i) a. O homem, desfavorecido dos acasos de que depende a felicidade, o bem, e a fortuna, não pode nada consigo, nem deve *estar lacerando-se* com as suas próprias unhas para extirpar com o sangue a raiz do mal (Camilo Castelo Branco)
- b. aquele ar espantado significava *estar* o doutor *recordando-se* de ter conhecido o general ou a filha (Camilo Castelo Branco)

No início do séc. XX, Said Ali (1908:54) já nota que «pouco se usa» a cliticização ao gerúndio em perífrases verbais. É possível, contudo, encontrá-la ainda em autores contemporâneos, bem como no português falado, como mostram os exemplos abaixo:

- (ii) a. Mas voltando ao dr. Corino *fui conhecendo-o* melhor à medida que crescia. (L. Antunes, *Visão*)
- b. Recuperando aos poucos da anestesia *vou dando-me* conta de que um bicho horrível em mim, ratando, ratando. (L. Antunes, *Visão*)
- c. Por trilhos enlameados, Túndalo dava-se conta, *ia dando-se* conta de que os servos de seu pai arrastavam molhos de aveia e de feno enganchados em peles cruas de vitela. (Miguel Real, *Túndalo*)
- d. Consoante se ia aproximando, os olhos de Henriques *iam abrindo-se* como que ensombrados por uma verdade cuja visão o enlouquecia (*idem*)
- e. a própria burguesia *vai centrando-se* em sítios também marginais (CRPC, PF 750)

⁶⁷ Também nas estruturas com infinitivo a anteposição da oração infinitiva torna impossível a cliticização do pronome átono à forma finita:

- (i) a. Quero *ouvi-lo*.
- b. *Quero-o* ouvir.
- c. *Ouvi-lo*, quero.

(neste caso, a ênclise ou a próclise manifestar-se-ão conforme explicitado nas secções 65.6.1 e 65.6.2 acima).

(171) A – *Ia-me atrasando*, mas cá estou.

B – *Atrasando-me ia eu!* – que não sabia da greve da Carris. (vs. **atrasando ia-me eu!*)

65.7 Perífrases verbais com participio passado

As orações participiais não podem conter pronomes clíticos, contrastando neste aspecto com as orações gerundivas. Comparem-se entre si as frases em (172) e (173):

(172) a. Observada *a parturiente*, o médico decidiu actuar rapidamente.

b. **Observada-a*, o médico decidiu actuar rapidamente.

(173) a. Observando *a parturiente*, o médico decidiu actuar rapidamente.

b. Observando-*a*, o médico decidiu actuar rapidamente.

Do mesmo modo, nas estruturas em que ocorrem tempos verbais compostos com participio passado, o hospedeiro do clítico é sempre o verbo auxiliar finito e nunca o participio passado. Ou seja, nestas estruturas a subida do clítico é obrigatória como mostram as frases em (174). As perífrases verbais com participio passado e os perífrases verbais com gerúndio comportam-se, pois, de forma semelhante no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos (cf. 65.6.3 acima).

(174) a. As pessoas agora são tão mal-educadas que francamente já *me tinha desabitado* de gestos como o seu (CRPC, L. Antunes, *Fado*) (vs. **já tinha desabitado-me de gestos como o seu*)

b. Anos de convívio com a bicharada, na vagabundagem dos campos, não *lhe tinham prestado*, pelos vistos, uma sabedoria eficiente. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

c. – Como quem? – e a *secura violenta* da pergunta fez-nos sentir a ambos que era como se ele *me tivesse mordido*. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

d. De repente, recebi algo como que uma revelação, e vi que aquela indiferença oculta sob uma capa atenciosa era defesa contra o facto de na vida não *lhe haver acontecido* nada (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

65.8 Perífrases verbais com dois ou mais verbos não finitos

Nas perífrases verbais que incluem mais do que um verbo em forma não finita, verificando-se as condições que tornam possível (ou obrigatória) a subida do clítico, este dispõe de diversas opções no que diz respeito à escolha da forma verbal a que cliticiza. Esta opcionalidade origina a variação na ordem das palavras ilustrada pelas frases em (175) a (179):

(175) a. Não posso entrar? *Devo poder ir dar-lhe* um beijo, pelo menos.

b. Não posso entrar? *Devo poder ir-lhe dar* um beijo, pelo menos

c. Não posso entrar? *Devo poder-lhe ir dar* um beijo, pelo menos

d. Não posso entrar? *Devo-lhe poder ir dar* um beijo, pelo menos

(176) a. *Se quiseres ir deitar-te*, deves estar cansado, não faças cerimónia (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

b. *Se quiseres ir-te deitar*, deves estar cansado, não faças cerimónia.

c. *Se te quiseres ir deitar*, deves estar cansado, não faças cerimónia.

(177) a. E não *podem ir queixar-se*. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)

b. E não *podem ir-se* queixar.

c. E não *se* podem ir queixar.

d. **Ouvir, quero-o.*

- (178) a. Tanto *pode ter-se sentado* num degrau a ganhar forças, como ter partido numa arrancada.
b. tanto *se pode ter sentado* num degrau a ganhar forças, como ter partido numa arrancada (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
- (179) a. *devíamos tê-los fuzilado* a todos ao virmo-nos embora (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Devíamo-los ter fuzilado a todos.

65.9 Interpolação

Ainda que geralmente os clíticos ocorram contíguos à forma verbal a que cliticizam, existe nas orações negativas a possibilidade de o marcador de negação frásica (*não*) se interpor entre o clítico e o verbo. Designa-se por **interpolação** esta situação de descontinuidade (ou quebra de adjacência) entre o clítico pré-verbal e o verbo.

A interpolação de *não* é uma opção de colocação do pronome clítico que se manifesta em variação com a opção de colocação do clítico adjacente ao verbo, como mostra a frase (180), na qual a primeira oração delimitada por parênteses apresenta interpolação, mas não a segunda. A adjacência é a opção mais frequente no português padrão contemporâneo.

- (180) Como os defuntos são resignados, disse-me com surpresa o soldado, como os defuntos são obedientes e calmos, e contudo é impossível [que *se não perceba* o cheiro], [que *não se note*] (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

A interpolação de *não* regista-se sobretudo em orações subordinadas, quer finitas (vejam-se os exemplos em (181) abaixo) quer infinitivas (vejam-se os exemplos em (182)). Mas é também possível atestar a interpolação de *não* em orações principais desde que integrem em posição pré-verbal, além de *não*, uma palavra que determine a colocação proclítica dos pronomes átonos (cf. 65.1.3 acima). É o caso do advérbio *já* na frase (183) abaixo. A presença deste advérbio, que induz próclise, torna possível a interpolação numa oração que não é subordinada. Nos exemplos que se seguem, o constituinte proclisador (seja qual for a sua natureza) apresenta-se sublinhado e o elemento interpolado, ou seja, *não*, apresenta-se sublinhado e em itálico.

- Interpolação de *não* em orações subordinadas finitas

- (181) a. Por isso mesmo, não perdoava que o Jaime, tão lúcido, *o não poupasse* ao espectáculo desse pavor. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
b. Os ricos que entrassem com a massa para quem a não tinha, o importante na altura era erguer o moral da classe operária (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
c. A sério que o não matei, gritou calado o tenente-coronel, não apertei o gatilho, não ergui sequer o cano da arma à altura dos trapos do peito. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
d. A mãe, se ele se não formasse em Direito, cortava-lhe a mesada. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
e. Quando lhes não dói, nem acho graça – disse o Rodrigues. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
f. O Mesquita não se conteve que lho não lembrasse (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

- Interpolação de *não* em orações subordinadas infinitivas

- (182) a. O casamento é uma chatice e peras, desabafou o senhor Ilídio baixinho, na esperança de o contabilista *o não ouvir*, a compor a flor da jarra com as unhas sujas. (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Queres andar no carrossel, no Castelo fantasma, nas vagonetas idiotas da Selva, [...] e tu a fingires medo para me não desagradar, *me não assustar*, *me não desiludir* (CRPC, L. Antunes, *Fado*)

- Interpolação de *não* em orações principais

- (183) O mundo do pai já não é o dele. A aldeia e o que ela representa já lhe não servem. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)

[3] Em diversos dialectos portugueses observa-se a possibilidade de *interpolação* de outros elementos (pronominais e adverbiais) além do marcador de negação frásica (*não*). Os elementos interpoláveis têm como propriedade comum (unificadora) serem dêicticos e são agrupáveis em três grupos principais: (i) pronomes pessoais, que expressam *dêixis pessoal*; (ii) pronomes demonstrativos e advérbios que expressem *dêixis espacial*, (iii) advérbios que expressem *dêixis temporal*. Os exemplos que se seguem são retirados de Magro (2007:112s).

- dêixis pessoal

- a. Quando me eu criava, a gente comia só pão, daquele pão preto de centeio. (CORDIAL-SIN, Monsanto, Castelo Branco)
- b. Normalmente era sempre com as tais charruas de ferro, que nos a nós lembra. (CORDIAL-SIN, Santo André, Vila Real)
- c. E sabe Deus como se a gente vivia, não é? (CORDIAL-SIN, S. Lourenço da Montaria, Bade, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo)
- d. E depois vou com eles para o médico que é para se eles lembrarem. (CORDIAL-SIN, Vila Praia de Âncora, Viana do Castelo)
- e. Oi! Quando me ela disse aquilo! (CORDIAL-SIN, Covo, Aveiro)

- dêixis espacial

- a. Tenho cá a maçã também, sei que a aqui tenho por baixo, a maçã de amasar o linho (CORDIAL-SIN, Porto de Vacas, Coimbra)
- b. Também as eu ali tenho. (CORDIAL-SIN, Monsanto, Castelo Branco)
- c. Ainda a aí tenho, que já dá para a minha vida (CORDIAL-SIN, Unhais da Serra, Castelo Branco)
- d. Também se cá usa, mas agora não sei dizer qual é esta. (CORDIAL-SIN, Figueiró da Serra, Guarda)
- e. Todos os dias se para lá ia achar túbara. (CORDIAL-SIN, Lavre, Évora)
- f. E então como é que se isso fazia? (CORDIAL-SIN, Melides, Setúbal)
- g. Como é que se isto rega? (CORDIAL-SIN, Cabeço de Vide, Portalegre)

- dêixis temporal

- a. É o que mais se agora cria é isto (CORDIAL-SIN, Figueiró da Serra, Guarda)
- b. tem a lagareta que é para onde esse vinho, para onde se depois colhe. (CORDIAL-SIN, Perafita, Vila Real)
- c. E depois ia-se ao lameiro, botava-se aquilo num remendo para se então untar toda, toda, toda, para ficar ali. (CORDIAL-SIN, Santo Espírito, Ponta Delgada, Açores)
- d. Ainda houve umas solteiras, claro, de cair naquela rede que ainda se hoje cai. (CORDIAL-SIN, Castro Laboreiro, Viana do Castelo)
- e. Ainda os ontem tirei do carroço (CORDIAL-SIN, Monsanto, Castelo Branco)

Em nenhum dialecto contemporâneo, no entanto, se encontra a interpolação generalizada que se atesta no português antigo (até ao séc. XVI). Assim, qualquer das frases em (iv) abaixo seria agramatical no português contemporâneo. (Sobre a interpolação no português antigo, veja-se Martins 1994).

- a. o dito Juiz sarou os ditos agraos [...] e de quando os o dito Juiz sarou pedio ende a mj Tabeliõ sobredito o dito Priol huu testemoyo (Doc. de 1287. Martins 2001:145)
- b. Dom Froyaz amaua-a muyto e numca lhe tantas cousas pode fazer que a podesse fazer falar (séc. XIV. Pádua 1960:53)
- c. Ellas Senhoras prometerão e se obrygarão de lhe mãter asy este emprazamento nas dytas tres vydas [...] e de lho lyurarem e deffemderem e fazerẽ sempre bõ lyure e seguro e de paz e desembarguado de quem quer que lhe sobre elle e parte delle e sobre as ditas casas e qualquer cousa delas algũu embargo ou empedymento puser (Doc. de 1540. Martins 2001:556)

65.10 Estruturas de coordenação

Serão consideradas nesta secção apenas as estruturas de coordenação que envolvem conjunções coordenativas ou coordenação assindética. Quanto às estruturas de coordenação que envolvem outro tipo de conectores (como os conectores adverbiais das orações conclusivas e de algumas adversativas), nada de particular há a dizer no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos.

65.10.1 Coordenação copulativa e adversativa

As orações coordenadas copulativas (assindéticas, ou introduzidas pelas conjunções *e*, *nem*) e as orações coordenadas adversativas (introduzidas pela conjunção *mas*) manifestam os mesmos padrões de colocação dos pronomes clíticos que as orações simples ou as orações principais de frases complexas. Por isso, nas secções dedicadas às orações principais estão incluídos bastantes exemplos de orações coordenadas (conforme, na devida altura, foi esclarecido). As estruturas de coordenação copulativa com *nem* envolvem próclise dada a natureza negativa desta conjunção (vejam-se as frases em (184) abaixo e a secção 65.1.3.1 acima).

- (184) a. Eu e o Bravo não lhe respondemos, nem o fitámos, quando ele nos gritou: – Bom dia. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
b. Gatuxa não seria na altura a dona de boutiques em Cascais nem se ligara ainda ao industrial que viria a morrer de uma síncope na auto-estrada. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)

As estruturas de coordenação copulativa e adversativa apresentam ênclise (vejam-se as frases em (185) abaixo) desde que não ocorram nelas elementos que interajam independentemente com a colocação dos pronomes clíticos (vejam-se os exemplos em (186) abaixo e a secção 65.1.3 acima)⁶⁸.

- (185) a. mais adiante, um fojo de silvas emaranhou-se-lhe nas pernas e comeu-lhe um pedaço da camisa; nos espinhos das acácias perdeu as rendas, nas tramagueiras retalhou os pés; uma ponta de eucalipto esbofeteou-a à passagem e ficou-lhe com um lacinho de seda a acenar ao vento como uma vitória. (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. o tenente-coronel voltou para o andar a pé, exaltado, mas o efeito do licor *diluía-se* rapidamente na cabeça, mas os insultos à mulher *dissolviam-se-lhe* um a um na boca, mas os passeios cessaram de ondular, mas a satisfação de há pouco *evaporou-se* (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- (186) a. O padre esbracejava e gritava, foi um escândalo, mas ninguém *lhe acudia*, com medo do bengalão do teu tio. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
b. Embarcou para Cuba com um contrato tentador, e aí *o atacou* uma terrível doença das Antilhas. (CRPC, *A Capital*)

Nas estruturas coordenadas copulativas, a presença de elementos indutores de próclise num dos membros da estrutura coordenada pode condicionar, ou não, a colocação dos pronomes clíticos nos membros subsequentes da mesma estrutura, como mostram as frases em (187):

⁶⁸ Quando a conjunção adversativa *mas* introduz o segundo membro de uma estrutura correlativa cujo primeiro membro é iniciado pelo complexo adverbial (de valor inclusivo) *não só*, continua a associar-se à colocação enclítica dos pronomes átonos, como mostra o par de frases em (i). Note-se que a próclise que se regista no segundo membro da estrutura apresentada em (ib), em contraste com a ênclise manifestada em (ia), depende da presença do advérbio *também* em posição pré-verbal:

- (i) a. Não só ele me viu, mas *cumprimentou-me* também.
b. Não só ele me viu, mas também *me cumprimentou*.

- (187) a. as trevas davam lugar a uma espécie de paz branca, a uma espécie de ausência, pensou ainda E amanhã?, e nada *lhe doía* já, *o ofendia*, *o incomodava*, *o perturbava* (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Toda a gente *estima* o teu tio, *lhe desculpa* as maluqueiras. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
c. Toda a gente *estima* o teu tio e *lhe desculpa* as maluqueiras.
d. Toda a gente *estima* o teu tio, e *desculpa-lhe* as maluqueiras.
e. O meu pai até *o chamou*, e *pregou-lhe* um sermão medonho. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
f. O meu pai até *o chamou* e *lhe pregou* um sermão medonho.

65.10.2 Coordenação disjuntiva

As estruturas de coordenação disjuntiva podem ter ou não o seu primeiro membro introduzido por uma conjunção (por exemplo: ora vou à praia ora fico em casa; ou vou à praia ou fico em casa, a par de vou à praia ou fico em casa).

Quando o primeiro membro da estrutura não inclui uma conjunção e os membros subsequentes são introduzidos pela conjunção *ou*, os clíticos colocam-se encliticamente, tal como nas coordenadas copulativas e adversativas (vejam-se os exemplos em (188)), excepto se a próclise for independentemente induzida por um constituinte pré-verbal, como o advérbio *só* em (189a) ou a palavra negativa *nunca* em (189b). Note-se que a palavra negativa *nunca*, embora colocada no primeiro membro da estrutura coordenada, confere igualmente uma interpretação negativa à oração introduzida pela conjunção disjuntiva⁶⁹.

- (188) a. pensou Não me vêem mesmo ou *ignoram-me* de propósito? (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. Se calhar desejava em segredo que eu morresse também, se calhar desejava em segredo que me caísse um armário ou um piano em cima, durante uma mudança qualquer, ou então *marimbava-se* simplesmente em mim (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
(189) a. Queres resolver o assunto já ou *só* *lhe telefonas* amanhã?
b. Nos dias seguintes, mostrei-lhe Lisboa, como eu mesmo nunca a tinha visto, subi a lugares onde *nunca* subira ou *me detivera* (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

O facto de um constituinte indutor de próclise colocado no primeiro membro da estrutura coordenada poder, opcionalmente, afectar a colocação do clítico no segundo membro da mesma estrutura foi já observado relativamente à coordenação copulativa e adversativa. O mesmo acontece em estruturas de coordenação disjuntiva, como mostra o exemplo em (190). É a presença do advérbio *ainda* no primeiro membro da estrutura coordenada que torna possível a próclise no segundo membro (cf. (190a)), não sendo contudo a colocação proclítica obrigatória (cf. (190b)).

- (190) a. Ele ainda vai *aparecer* ou *te telefona* a explicar o que aconteceu.
b. Ele ainda vai *aparecer* ou *telefona-te* a explicar o que aconteceu.

A coordenação disjuntiva pode ser “correlativa”. Neste caso, uma mesma conjunção (que se repete) introduz cada um dos membros da estrutura coordenativa. As conjunções correlativas disjuntivas *quer... quer* e *ora... ora* tornam a próclise obrigatória, como mostram as frases em (191)⁷⁰:

- (191) a. Quer *lhe ofereça* morangos quer *lhe ofereça* leite-creme, vai sempre recusar.
b. Ora *me parece* um anjo ora *lhe vejo* todos os defeitos.

⁶⁹ Neste aspecto, a estrutura coordenativa em (189b) difere da apresentada em (188a). Nesta última, embora o marcador de negação predicativa *não* esteja presente no primeiro membro da estrutura coordenada, a oração introduzida pela conjunção disjuntiva não tem interpretação negativa (ou seja, não está associada à negação expressa por *não*). Por isso, diferentemente do que acontece em (189b), em (188a) a colocação do pronome átono é necessariamente enclítica.

⁷⁰ Note-se que *nem* é uma conjunção negativa pelo que induz próclise, ainda que não ocorra numa estrutura correlativa – cf. 65.1.3.1 acima.

As estruturas de coordenação disjuntiva construídas com a conjunção correlativa *ou... ou* admitem variação entre a colocação proclítica e a colocação enclítica dos pronomes átonos, como mostram as frases em (192). No entanto, se a construção correlativa com *ou... ou* for estritamente binária (ou seja, se não admitir mais do que dois membros), a próclise é fortemente favorecida, como mostra (193)⁷¹.

- (192) a. Eu palavra de honra sinceramente não aguento, disse a mulata, ou *o fecham* na despesa ou *vou-me* embora (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
b. ...ou *o fecham* na despesa ou *me vou* embora
c. ...ou *fecham-no* na despesa ou *me vou* embora
d. ...ou *fecham-no* na despesa ou *vou-me* embora
- (193) a. Mas por enquanto acho-o bem disposto e ou eu *me engano* muito ou temos homem para as feiras. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
b. *Mas por enquanto acho-o bem disposto e ou eu *engano-me* muito ou temos homem para as feiras.

Note-se que (193) não permite a adição de um terceiro membro à estrutura coordenada (cf. *#ou eu me engano muito ou temos homem para as feiras ou ele muda de ramo*), mas a frase complexa coordenativa em (192) pode ser facilmente ampliada (cf. *ou o fecham na despesa, ou me vou embora, ou chamo a polícia, ou enveneno-vos a todos*).

65.10.3 Orações explicativas

As orações explicativas (cf. Caps. 55 e 58) introduzidas por *pois* apresentam sempre colocação enclítica dos pronomes átonos (desde que a próclise não seja independentemente motivada), como mostram as frases em (194). O mesmo padrão de colocação encontra-se nas orações explicativas introduzidas pelas conjunções *que* e *porque*, como atestam as frases (195a) e (195b), respectivamente. O contraste entre *porque* explicativo, que se associa à ênclise, e *porque* causal, que se associa à próclise, é evidenciado por (196)⁷²:

- (194) a. Não o preocupava que a aventura tivesse representado a hipoteca da courela, pois ao alentejano *cerca-o* uma tal generosa vastidão que um homem não se sente escravo dos dois palmos onde lhe assentam os pés. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
b. nessa noite, o restaurante contratara um pasteleiro que deveria trabalhar até madrugada, pois no dia seguinte *servia-se* um banquete extraordinário, e daí aquela fumarada a desoras. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
- (195) a. “Não, isto não, que ele *ganhou-lhe* nojo”. (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
b. Não regues tanto as plantas porque o excesso de água *mata-as*.
- (196) a. Não lhe dês camarões, porque ele *detesta-os*. [explicativo]
b. Não lhe dou camarões porque ele *os aprecie* mas porque *lhe fazem bem*. [causal]

65.10.4 Coordenação de orações subordinadas finitas

Nas configurações em que há coordenação entre orações subordinadas finitas sem que o conector subordinativo esteja presente no segundo membro coordenado, pode ocorrer a próclise,

⁷¹ Sobre a relação entre coordenação disjuntiva e quantificação distributiva, veja-se Sánchez López (1999:1068s)

⁷² Não ocorrendo a conjunção *porque* exclusivamente nas orações explicativas, e sendo por vezes ténue a fronteira entre as orações explicativas e as subordinadas causais, certas situações de próclise são de interpretação dúbia, podendo ser analisadas como casos normais de colocação dos clíticos em contextos subordinativos ou antes como manifestação de variação entre ênclise e próclise nas orações explicativas de *porque*. Sobre este assunto, vejam-se Said Ali (1908:44), Said Ali (1927:209s) e Lobo (2003).

como se vê nas frases em (197) abaixo. A coordenação pode ser copulativa (cf. (197a-g)), disjuntiva não correlativa (cf. (197h)) ou adversativa (cf. (197i)). Contudo, a colocação enclítica dos pronomes átonos é também uma opção gramatical nas referidas configurações, conforme atestam as frases em (198) abaixo.

- Próclise

- (197) a. decorridos séculos, sentiu que *lhe colavam* um termómetro no sovaco, *o chamavam*, *lhe faziam* perguntas *o auscultavam*, *lhe seguravam* a cabeça para *lhe* darem um comprimido azedo (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- b. Dessa vez, deixou que eu *lhe acudisse*, *o enxugasse* com um pano, *lhe penteasse* as penas tão indignamente riças, tão enegrecidas do forçado banho. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
- c. Está convencido de que *me sobra* dinheiro e *lho esconde*. (CRPC, F. Namora, *Homem*)
- d. na margem oposta dois homens inclinavam-se para um barquito a motor que *tossia e se calava* (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- e. Espero que *me amarrem* os pulsos com uma fita de nastro, e *me apertem* o queixo com um lenço, e *me pesem* duas antigas e grandes e quase verdes moedas de cobre nas pálpebras (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- f. aos anos que estive apaixonado por ela, aos anos que *tremia*, e *vacilava*, e *gaguejava*, e o sangue *se me coalhava* de golpe no corpo só de a ver (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- g. Ele agitava-se num contentamento longínquo, de quem já *não ouvia* bem e *se despejava* do mundo, e recostava na almofada a cabecita (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
- h. – Quais as regras da ciência? – E ele, entreabrindo os lábios finos que nunca se sabia quando *sorria ou se apertavam* de contrariedade, respondeu: – A observação e a experimentação. (CRPC, J. Sena, *Sinais*)
- i. Pedi-lhe que *investigasse* o caso mas *se mantivesse* na sombra.

- Ênclise

- (198) a. – É tudo? – insisti eu, com ferocidade. – Não. Já que assim o deseja, não é tudo. Quero que saiba também que *tenho* confiança e *acho-me* bem em senti-la. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)
- b. A lâmpada sobre a sombra opaca do portão fechado ilumina francamente a calçada de poeira branca que *se prolonga* para o corredor sob o prédio, e *reflecte-se* baça nas pontas escuras dos canteiros que ladeiam o portão. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)
- c. Ao lado uns dos outros, em chusma, iam caminhando calados, até que *um parou*, segurou um outro pelo braço e, com um jeito de cabeça, *piscou-lhe* o olho: o outro riu à gargalhada e o riso dele contagiou-se a todos. (CRPC, J. Sena, *Físico*)

65.10.5 Coordenação de orações subordinadas não finitas

As orações infinitivas simples introduzidas pelas preposições *de*, *para*, *em*, etc. manifestam variação entre a próclise e a ênclise, como se viu na secção 65.3.2. Quando diferentes orações infinitivas dependentes de uma mesma preposição ocorrem coordenadas entre si, sem que haja repetição do conector preposicional, pode observar-se o mesmo padrão de colocação dos pronomes átonos (enclítico ou proclítico) nos diferentes membros da estrutura coordenada, como se vê nos exemplos em (199). Mas é igualmente possível a alternância entre uma e a outra colocação, como mostram as frases em (200):

- (199) a. Pedi-lhe para *me fazer* companhia, *me ler* um conto e *me apagar* a luz se entretanto adormecesse.
- b. Deu em teimar comigo, em *dizer-me* que estava enganada e, pasme-se, *mostrar-se* preocupado.
- (200) a. Pedi-lhe para *me fazer* companhia, *me ler* um conto e *apagar-me* a luz se entretanto adormecesse.

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

- b. Pedi-lhe para me fazer companhia, ler-me um conto e apagar-me a luz.
- c. Deu em teimar comigo, em dizer-me que estava enganada e, pasme-se, se mostrar preocupado.

Fontes das abonações

- Antunes, António Lobo “O amigo do meu pai”, *Visão*, 7 de Julho de 2005 (L. Antunes, *Visão*)
- Antunes, António Lobo (2006) *Terceiro Livro de Crónicas*. Lisboa. Dom Quixote (L. Antunes, *Terceiro*)
- Antunes, António Lobo, “Crónica do Hospital”, *Visão*, 12 de Abril, 2007 (L. Antunes, *Visão*)
- Antunes, António Lobo, *Visão*, 20 de Setembro, 2007 (L. Antunes, *Visão*)
- Ribeiro, Aquilino (1958) *O Malhadinhas – Mina de Diamantes*. Lisboa. Bertrand, 2000 (25.^a ed.) (Aquilino, *Malhadinhas*)
- Alves, Clara Ferreira, Pluma Caprichosa, *Jornal Expresso*, 22 de Janeiro de 2005 (Clara Ferreira Alves, *Expresso*)
- Redol, Alves (1974) *Gaibéus*. Lisboa. Europa América (3.^a ed.) *apud* Cunha e Cintra (1984:313)
- Pires, José Cardoso (1997) *De Profundis, Valsa Lenta*. Lisboa. D. Quixote (4.^a ed.) (C. Pires, *Profundis*)
- Pires, José Cardoso (1975) *O Delfim*. Lisboa. Moraes (6.^a ed.) (C. Pires, *Delfim*)
- Real, Miguel (2000) *A Visão de Tündalo por Eça de Queirós*. Lisboa. Círculo de Leitores (Miguel Real, *Tündalo*)
- Tavares, Miguel Sousa (2003) *Equador*. Lisboa. Oficina do Livro (M. S. Tavares, *Equador*)
- Torga, Miguel (1936) “Livro de Horas”, *O Outro Livro de Job*. Coimbra. Republicado em: Miguel Torga, *Poesia Completa*. Lisboa. Dom Quixote. 2007, vol. 1 (Torga, *Horas*)

CRPC

- A Capital*, Dezembro de 1995 (CRPC, *A Capital*)
- Antunes, António Lobo (1989) *Fado Alexandrino*. Lisboa. Publicações Dom Quixote (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
- Araújo, Matilde Rosa (1962) *O Palhaço Verde*. Lisboa. Portugália (CRPC, M. R. Araújo, *Palhaço*)
- Barreno, Maria Isabel (1989) *A Morte da Mãe*. s.l. Caminho (CRPC, M. I. Barreno, *Morte*)
- Botelho, Fernanda (1988) *Esta Noite Sonhei com Brueghel*. s.l. Contexto (F. Botelho, *Noite*)
- Bragança, Nuno (1971) *A Noite e o Riso*. Moraes Editores. 2.^a ed., Círculo de Prosa, s.l. (CRPC, N. Bragança, *Noite*)
- Castelo Branco, Camilo, *Novelas do Minho*. Ed. Crít. Mateus, M.H.M., Centro de Estudos Filológicos, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa, 1961. (CRPC, Camilo C. Branco, *Novelas*)
- Dinis, Júlio, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto, s.e., 1935 (CRPC, J. Dinis, *Morgadinha*)
- Júlio Dinis, *Os Fidalgos da Casa Mourisca: Crónica da Aldeia*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1953 (CRPC, J. Dinis, *Fidalgos*)
- Dionísio, Mário *O Dia Cinzento e Outros Contos*, Publicações Europa-América, 1.^a Ed., s.l., 1944 (CRPC, M. Dionísio, *Dia*)

Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.

David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, Editorial Presença, 3ª ed., Lisboa, s.d., 1ª ed.: 1986 (CRPC, D. Mourão-Ferreira, *Amor*)

Leiria, Mário-Henrique, *Contos do Gin-Tonic*, Lisboa, Editorial Estampa, 1973 (CRPC, M.-H. Leiria, *Contos*)

Namora, Fernando, *Domingo à Tarde*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s.d. (CRPC, F. Namora, *Domingo*)

Namora, Fernando, *O Homem Disfarçado*, s.l., Editora Arcádia, Limitada, s.d. (CRPC, F. Namora, *Homem*)

Namora, Fernando, *O Trigo e o Joio*, s. loc., Editora Arcádia, s.d. (CRPC, F. Namora, *Trigo*)

Namora, Fernando, *Os Adoradores do Sol*, s.l., s.e., s.d. (CRPC, F. Namora, *Adoradores*)

Pires, José Cardoso, *O Delfim*, s.l., Moraes Editores, 1968 (CRPC, C. Pires, *Delfim*)

Pires, José Cardoso, *O Hóspede de Job*, s.l., Arcádia, 1964 (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)

Público, 21.11.1998 (CRPC, *Público*)

Régio, José, *O Vestido Cor de Fogo e Outras Histórias*, Lisboa, Verbo, s.d. (CRPC, J. Régio, *Vestido*)

Rodrigues, Urbano Tavares, *Os Insubmissos*, s.l., Livraria Bertrand, s.d. (CRPC, U. T. Rodrigues, *Insubmissos*)

Sena, Jorge de, *O Físico Prodigioso*, s.l., Edições 70, 1977 (CRPC, J. Sena, *Físico*)

Sena, Jorge de, *Os Grão-Capitães*, Lisboa, Edições 70, s.d. (CRPC, J. Sena, *Grão-Capitães*)

Sena, Jorge de, *Sinais de Fogo*, Lisboa, Edições 70, 1979 (CRPC, J. Sena, *Sinais*)

Corpora

CETEMPúblico – *Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público*
<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>

CRPC – *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. <http://www.clul.ul.pt>

CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. <http://www.clul.ul.pt>

Referências

Rodrigues, Urbano Tavares, *Os Insubmissos*, s.l., Livraria Bertrand, s.d. (CRPC, U. T. Rodrigues, *Insubmissos*)

Ambar, Manuela 1999. “Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese”. In Rebuschi, Georges e Laurice Tuller, eds. *The Grammar of Focus*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 23-53.

Bonet, Eulália 1995. “Feature Structure of Romance Clitics”. *Natural Language and Linguistic Theory* 13: 607-647.

Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Dias, Augusto Epifânio da Silva 1918. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora. 1970.

Duarte, Inês 2003. “Padrões de colocação dos pronomes clíticos”. In Mateus, Maria Helena et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 847-867.

- Martins, Ana Maria 2013. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.
- Escandell Vidal, M. Victoria (1999). “Los enunciados interrogativos. Aspectos semánticos y pragmáticos”. In Bosque, Ignacio e Violeta Demonte, eds. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 3929-3992.
- Garrido Medina, Joaquín 1999. “Los actos de habla: las oraciones imperativas”. In Bosque, Ignacio e Violeta Demonte, eds. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 3879-3928.
- García Fernández, Luis 1999. “Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal”. In Bosque, Ignacio e Violeta Demonte, eds. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 3129-3208.
- Lee, Eun Hee 2008. “Aspectual and focus adverbs in English and Korean”. *Natural Language and Linguistic Theory* 26.
- Lobo, Maria 2003. *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de doutoramento inédita. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Magro, Catarina 2007. *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Dissertação de doutoramento inédita. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Martins, Ana Maria 1994. *Clíticos na História do Português*. Dissertação de doutoramento inédita. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria 1997. “*Alguns, poucos, muitos, todos* e a relação Sintaxe– Semântica”. A. M. Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima, Rosa Maria Martelo, eds. *Sentido que a Vida Faz: Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras. 679-692.
- Martins, Ana Maria 2001. *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pádua, Maria Piedade Canaes de 1960. *A Ordem das Palavras no Português Arcaico*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos.
- Rodigyna, Olga Vadimovna 2009. Colocação dos pronomes átonos nas orações infinitivas no Português Europeu. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas.
- Said Ali, Manuel 1908. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1966 (6ª ed.).
- Said Ali, Manuel 1927. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 1965 (6ª ed.).
- Sánchez López, Cristina 1999. “Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas”. In Bosque, Ignacio e Violeta Demonte, eds. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 1025-1128.
- Vigário, Marina 2003. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Zubizarreta, María Luisa. “Las funciones informativas: tema y foco. In Bosque, Ignacio e Violeta Demonte, eds. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 4215-4244.